

**Soraia Filipa Machado Guerreiro**

**A relação entre coerção sexual, agressividade, *dark tetrad* e *big five*: Um estudo com estudantes universitários**



**Universidade do Algarve**

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2021

**Soraia Filipa Machado Guerreiro**

**A relação entre coerção sexual, agressividade, *dark tetrad* e *big five*: Um estudo com estudantes universitários**

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde  
Trabalho efetuado sob a orientação de:  
Professora Doutora Alexandra Isabel Cabral da Silva Gomes



**Universidade do Algarve**  
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2021

**A relação entre coerção sexual, agressividade, *dark tetrad* e *big five*: Um estudo com estudantes universitários**

**Declaração de Autoria Do Trabalho**

Declaro ser o(a) autor(a) deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Assinatura

---

(Soraia Filipa Machado Guerreiro)

**Copyright © 2021, Soraia Filipa Machado Guerreiro**

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

## **Agradecimentos**

Trilhar este caminho só foi possível com o apoio, energia e força de várias pessoas, a quem dedico especialmente este projeto da minha vida.

Em primeiro lugar, não podia deixar de agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Alexandra Gomes, pelo seu profissionalismo, pelo saber que me transmitiu, pelas opiniões e críticas que fizeram com que eu crescesse e por sempre ter acreditado em mim. Agradeço a orientação exemplar pautada por um elevado e rigoroso nível científico.

Aos meus pais, por serem eles o meu pilar na vida e por nunca terem deixado que eu desistisse em qualquer momento. Acreditaram sempre que eu seria capaz de concretizar esta etapa. Agradecer também a toda a minha família, pela força, motivação e preocupação que sempre tiveram para comigo.

Ao meu namorado, com amor, pelo permanente incentivo e preocupação, como também o apoio e força em todas as horas.

Aos meus amigos, pelo companheirismo, força e apoio em certos momentos difíceis, vocês são os melhores.

Às minhas colegas de trabalho, que sem saberem, tornaram-se fundamentais para me dar força nesta luta.

A uma pessoa muito especial na minha vida, que me deu sempre o apoio e a força necessária, tendo sempre as palavras corretas em todos os momentos.

Por fim, o meu profundo e sentido agradecimento a todas as pessoas pela participação e colaboração neste estudo.

Sou muito grata a todas as pessoas da minha vida, um Obrigada!

## **Resumo**

O termo coerção sexual é empregue para fazer referência a múltiplas estratégias utilizadas para um fim – relações sexuais – contra a vontade ou anuência expressa da vítima. Nestas estratégias incluem-se uma variedade de comportamentos sexualmente abusivos, tipicamente perpetrados mediante o recurso à manipulação verbal (argumentos continuados, falsas promessas, ameaças de terminar a relação ou ameaças do uso da força física) e/ou à agressão física.

O comportamento agressivo é desencadeado após um processo de avaliação complexo, no qual interagem as variáveis pessoais e situacionais, que aumentam ou diminuem o nível de ativação necessário para impulsionar esse comportamento. Sabe-se que as variáveis pessoais como a personalidade, formam o potencial individual de agressão, dirigindo o comportamento, porém a sua relação na explicação da coerção sexual carece de mais estudos.

O objetivo principal deste estudo é contribuir para a caracterização dos comportamentos de coerção sexual dos estudantes universitários portugueses, tendo como base explicativa o modelo *Big Five e Dark Tetrad*.

O estudo foi realizado com 112 estudantes universitários com idades entre os 18 e os 30 anos de idade. Para análise, utilizou-se o *software IBM SPSS Statistics* e o *software AMOS*.

A personalidade medida parece ter poder explicativo no que diz respeito ao facto de o indivíduo adotar um papel de perpetuação ou um papel de vitimização. Porém, o papel dos indivíduos é misto, portanto, ambos explicam quase de forma semelhante os dois perfis. No presente estudo, foi possível observar que os traços de personalidade Neuroticismo e o Sadismo são os que mais predizem o uso de violência entre parceiros íntimos. Por outro lado, a Abertura à Experiência e a Amabilidade estão associadas ao papel de vítima.

**Palavra-chave:** Coerção Sexual; Agressividade; Personalidade; Dark Tetrad

## **Abstract**

The term sexual coercion is used to refer to multiple strategies used for an end – sexual relations – against the victim's expressed will or consent. These strategies include a variety of sexually abusive behaviors, typically perpetrated through the use of verbal manipulation (continued arguments, false promises, threats to end the relationship or threats of the use of physical force) and/or physical aggression.

Aggressive behavior is triggered after a complex assessment process, in which the personal and situational variables interact, which increase or decrease the level of activation necessary to boost this behavior. It is known that personal variables, such as personality, form the individual potential for aggression, directing behavior, but its relationship in explaining sexual coercion needs further studies.

The main objective of this study is to contribute to the characterization of the sexual coercion behaviors of Portuguese university students, based on the *Big Five* and *Dark Tetrad* model.

The study was carried out with 112 university students aged between 18 and 30 years old. For analysis, the IBM SPSS Statistics software and the AMOS software were used.

The measured personality seems to have explanatory power with regard to the fact that the individual adopts a perpetuation role or a victimization role. However, the role of individuals is mixed, so both explain the two profiles almost similarly. In the present study, it was possible to observe that the personality traits Neuroticism and Sadism are the ones that most predict the use of violence between intimate partners. On the other hand, Openness to Experience and Kindness are associated with the role of victim.

**Keyword:** Sexual coercion; Aggressiveness; Personality; Dark Tetrad

## Índice

1. Introdução.....	1
2. Enquadramento teórico.....	3
2.1. Violência Sexual .....	3
2.2. Coerção Sexual.....	3
2.2.1. Prevalência da coerção sexual entre parceiros íntimos.....	5
2.3. Medir a coerção sexual.....	7
3. Possíveis modelos explicativos da coerção sexual .....	8
3.1. Teoria da Neoassociação Cognitiva .....	9
3.2. Teoria da Aprendizagem Social .....	9
3.3. Teoria do Processamento da Informação .....	10
3.4. Teoria da Transferência de Excitação .....	10
3.5. Teoria da Interação Social.....	11
3.6. O Modelo Geral da Agressão .....	12
3.7. Papel da personalidade na agressão .....	15
3.7.1. Agressividade-traço .....	15
3.7.2. O modelo Big-Five .....	16
3.7.1. O modelo da Dark-Tetrad .....	20
3.8. Overview .....	22
4. Objetivos.....	23
5. Metodologia.....	24
5.1. Desenho e variáveis.....	24
5.2. População e amostra.....	24
5.3. Instrumentos .....	24
5.3.1. Questionário sociodemográfico e de história relacional (Anexo C).....	25
5.3.2. Coerção sexual (Anexo D).....	25
5.3.3. Questionário de Agressividade de Buss-Perry (AQ; Simões, 1993) (Anexo E).....	26

5.3.4.	Inventário Short Dark Tetrad (SD4; Martins et al., 2020) (Anexo F) .....	27
5.3.5.	Inventário de Personalidade dos Cinco Fatores (NEO-FFI-60; Lima & Simões, 2000) (Anexo G).....	28
5.4.	Procedimentos .....	29
5.4.1.	Recolha de dados .....	29
5.4.2.	Tratamento de dados .....	29
6.	Resultados.....	30
6.1.	Caracterização da amostra.....	30
6.2.	Caracterização da coerção sexual nos estudantes universitários.....	30
6.2.1.	Frequência dos cenários .....	31
6.2.2.	Identificação do perfil .....	33
6.2.3.	Caracterização da severidade das ocorrências de coerção sexual.....	34
6.3.	Caracterização geral das variáveis Personalidade e Agressividade .....	34
6.3.1.	Comparação entre grupos independentes (sexo).....	37
6.4.	Análise Confirmatória do Modelo Teórico .....	38
6.4.1.	Correlatos entre variáveis Personalidade e Agressividade. ....	42
7.	Discussão.....	46
8.	Considerações finais.....	51
9.	Referências bibliográficas .....	54

## **Índice de figuras**

Figura 6.1. Frequência da ocorrência real dos cenários apresentados .....	32
Figura 6.2. Modelo representativo das variáveis endógenas, exógenas, residuais e suas relações .....	39
Figura 6.3. Modelo com as relações estatisticamente significativas entre as variáveis.....	41

## Índice de tabelas

Tabela 6.1. Comparação de médias (Mann-Whitney) entre os grupos independentes Homens e Mulheres .....	33
Tabela 6.2. Medidas descritivas das variáveis personalidade, agressividade e coerção sexual .....	35
Tabela 6.3. Teste de comparação de médias Mann-Whitney por grupos independentes (sexo) .....	37
Tabela 6.4. Medidas de bom ajustamento e de indexes de ajustamento do modelo.....	40
Tabela 6.5. Correlações de pearson (apresentação em pares) entre as dimensões do modelo de personalidade Big-Five, do modelo Dark Tetrad e Agressividade .....	42

## **Índice de anexos**

**Anexo A** – Tabela de revisão dos instrumentos de coerção sexual

**Anexo B** – Consentimento Informado

**Anexo C** – Questões Sociodemográficas

**Anexo D** – Descrição do Questionário Precusores de Relações Sexuais

**Anexo E** – Descrição do questionário de agressividade Buss-Perry (*AQ*)

**Anexo F** – Descrição do instrumento Short Dark Tetrad (*SD4*)

**Anexo G** – Descrição do inventário dos cinco fatores de personalidade (*NEO-FFI*)

## **Abreviaturas**

**AMCV** – Associação de Mulheres Contra a Violência

**AMOS** – Analysis of Moment Structures

**APAV** – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

**GAM** – Modelo geral de Agressão (General Aggression model)

**SPSS** – Programa Estatístico – *Statistical Package for the Social Sciences*, versão 25.0

**OMS** – Organização Mundial da Saúde

## 1. Introdução

Em Portugal, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2020) define a violência sexual como qualquer ato sexual indesejado, ou tentativa de ato sexual, avanço ou comentário sexual não desejado, assim como quaisquer outros contactos e interações de natureza sexual efetuados por uma pessoa sobre outra, contra a sua vontade. Sendo um tipo de violência que é mais comum entre adolescentes e jovens adultos, é considerada como um grave dilema de saúde pública e dos direitos humanos que acarreta consequências psicológicas para as suas vítimas como stress pós-traumático, depressão, ansiedade, entre outros (Campbell, 2002; Mechanic et al., 2008). O conhecimento da extensão deste tipo de comportamentos e do seu impacto é considerado ainda pouco esquecido na investigação, dado que apresenta consequências diferenciadas de outros tipos de violência (Barker et al., 2019).

A coerção sexual integra-se no continuum da violência sexual e define-se por um conjunto de comportamentos como pressão, álcool/drogas, ou força física para ter contacto sexual com alguém contra a sua vontade (Struckman-Johnson et al., 2003). Homens e mulheres parecem utilizar formas distintas de estratégias de coerção sexual para conseguir contacto sexual não consentido (Schatzel-Murphy et al., 2009). Quanto à vitimização por coerção sexual entre estudantes, esta parece apresentar taxas de prevalência variáveis de 13% a 30% para mulheres e 5% a 31% para homens (Cantor et al., 2015; Fedina et al., 2018).

Apesar de se compreender a agressão como um comportamento complexo e integrado num contexto social, conforme preconizado pelo Modelo Geral da Agressão, os traços de personalidade, por si, têm mostrado valor empírico para explicar os comportamentos agressivos (Paulhus et al., 2018), ainda que de forma inconsistente. Apesar do valor empírico da psicopatia para explicar comportamentos coercivos, o maquiavelismo e o sadismo apresentam resultados contraditórios ao nível da literatura (Abbey & Jacques-Tiura, 2011; Jones & Olderbak, 2014). As diferenças parecem estender-se também ao sexo do participante, já que apenas o narcisismo parece estar associado a comportamentos de coerção sexual em mulheres, enquanto os homens parecem apresentar correlações com todos os traços de personalidade antagónicos (Blinkhorn et al., 2015; Lyons et al., 2020). A presença de abuso físico e sexual dos parceiros íntimos parece também estar associado a uma baixa pontuação na dimensão de agradabilidade (Carton & Egan, 2017). As tendências agressivas ou traço de agressividade também tem sido associado a comportamento coercivo sexual, especificamente nos homens (VanderLaan & Valsey, 2009), apesar de mais recentemente a conceção da agressividade como traço unitário ter sido contestada através da revisão de Paulhus et al. (2018).

Desta forma, parece pertinente estabelecer a relação entre a personalidade e o comportamento de coerção sexual, particularmente na população que parece apresentar uma maior prevalência deste tipo de comportamentos, que se enquadram na dimensão da violência entre parceiros íntimos.

Para responder a este problema objetivamos, primeiramente, conhecer a prevalência da coerção sexual entre parceiros íntimos, nos estudantes universitários, de forma a contribuir para o conhecimento da prevalência deste fenómeno nesta faixa da população portuguesa.

Foi necessário construir uma medida, culturalmente adaptada à realidade portuguesa, que nos permitisse descrever os comportamentos coercivos, facto que justificaremos ao longo da introdução.

Em segundo, foi nosso objetivo estabelecer a relação entre a presença de traços de personalidade, operacionalizados através do modelo da *Dark Tetrad* (Psicopatia, Narcisismo, Maquiavelismo e Sadismo) e do modelo *Big Five* (Neuroticismo, Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade e Abertura à Experiência) e da tendência para a agressividade, e a coerção sexual, operacionalizada através de um indicador de vitimização (tendência para ser vítima de coerção) e perpetuação (tendência para coagir).

Esta dissertação descreve, portanto, o trabalho empírico realizado. A primeira parte dedica-se a descrever o conceito de coerção sexual e as estatísticas conhecidas sobre a prevalência da coerção nas amostras de jovens adultos e/ou estudantes universitários. De seguida, são apresentados os modelos explicativos da coerção sexual, entendida como um ato de agressão entre parceiros íntimos. Desses modelos, destaca-se o modelo geral da agressão que clarifica, entre várias dimensões individuais, o papel empírico da personalidade como fator explicativo da agressão. Finalmente, abordam-se os estudos prévios e que determinam o possível valor empírico da personalidade para explicação da tendência para a vitimização e/ou perpetuação de comportamentos de coação sexual entre parceiros íntimos.

A segunda parte prende-se com a descrição do estudo empírico realizado com recurso à participação de jovens adultos, estudantes universitários, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos. São descritos o método de estudos e os resultados, obtidos através da aplicação das medidas escolhidas para a recolha de informação quantitativa. Por fim, é feita uma discussão dos resultados encontrados e são avaliados a consecução dos objetivos iniciais, evidenciando limites e bondades do estudo, contributos para a área de conhecimentos e propostas de estudos futuros.

## **2. Enquadramento teórico**

### **2.1. Violência Sexual**

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2012), a violência sexual é descrita como qualquer ato sexual, tentativa de obter um ato sexual, comentários ou insinuações sexuais não desejadas, atos de tráfico ou dirigidos de outra forma, contra a sexualidade de uma pessoa através de coerção, por qualquer pessoa, independentemente da sua relação com a vítima e do contexto onde ocorre, não se limitando a casa ou trabalho.

Implica consequências físicas imediatas (por exemplo: contusões, arranhões, ossos partidos e traumas genitais) e a longo prazo (por exemplo: perturbações gastrointestinais, a síndrome do intestino irritável e a dor crónica nas costas, pescoço e face) (Basile & Smith, 2011). O impacto estende-se também ao campo psicológico, nomeadamente, reações emocionais relacionadas com a violência tais como o choque, a descrença, a negação, o medo, a confusão, a ansiedade e a abstinência. Após estas reações iniciais, as vítimas relatam baixa autoestima, culpa, vergonha, insónia, dissociação e problemas sexuais (Basile & Smith, 2011), depressão, ansiedade ou suicídio (Holmes & Sher, 2013).

Uma das possíveis formas da violência sexual é a que se estabelece entre parceiros íntimos. O Centro de Controlo e Prevenção de Doenças (Breiding et al., 2015), define-a como um conjunto alargado de ações, nomeadamente violência física, violência sexual, perseguição e agressão sexual (incluindo atos coercitivos) por um parceiro íntimo atual ou antigo.

Uma das formas deste tipo de violência é precisamente a coerção sexual, entre parceiros íntimos.

### **2.2. Coerção Sexual**

De uma forma genérica, a coerção sexual refere-se a um conjunto de comportamentos e táticas destinadas a persuadir, manipular ou obrigar um indivíduo a envolver-se em atividade sexual contra a sua vontade, tais como o uso de força física, autoridade, chantagem, persuasão verbal, manipulação, pressão ou intoxicação por álcool e drogas, com o objetivo de iniciar o comportamento sexual (Testa & Dermen, 1999). Contudo, o largo espectro de condutas coercivas e a dificuldade em diferenciá-lo da violência sexual, parece ter resultado em alguma inconsistência na literatura no que diz respeito à sua definição. Não existe consenso relativamente à definição deste amplo conceito, bem como das suas componentes. Em seguida, procuraremos apresentar os aspetos de maior coerência em relação ao construto da coerção sexual.

Parece ser consensual que se insere no domínio da violência sexual. Traduz-se numa gratificação sexual obtida pelo perpetrador, onde é utilizada uma expressão de poder e de domínio sobre a vítima (Krug et al., 2002). Denomina-se, também, como o uso de qualquer tática ou estratégia por parte dos perpetradores para envolver outra pessoa em comportamentos sexuais, apesar da sua ausência de consentimento livre e esclarecido ou da expressão clara de uma recusa (Abbey et al., 2014; Farris et al., 2008).

Essa expressão de poder pode ser realizada através da ameaça ou o uso de força física, a exploração da incapacidade e resistência da vítima e a pressão verbal para obter sexo (Cook et al., 2011; Krahé, 2013). As estratégias coercitivas também abrangem o uso de manipulação (através de promessas ou indução de culpa), por toque persistente (carícias ou beijos), intoxicação (devido a álcool ou drogas) e o uso de pressão verbal ou força física (Benbouriche & Parent, 2018). De acordo com Raghvan et al. (2015) a coerção sexual ocorre quando a vítima resiste, mas a sua tentativa de resistir não tem sucesso, quando não dá consentimento ou se submete a atos sob a forma coação, ou seja, ameaças, pressão, intimidação e humilhação.

O maior aspeto de controvérsia prende-se com a utilização de força física. O sexo não consensual é muitas vezes coagido sem restringir fisicamente ou incapacitar a vítima (Basile, 1999; Broach & Petretic, 2006; Kernsmith & Kernsmith, 2009) através de táticas verbais, como importunar, pressionar, manipular ou ameaçar, sem recorrer a atos de violência (Basile, 1999; Livingston et al., 2004). A coerção sexual obtida por meio de incapacitação física da vítima deve ser incluída no campo da violência sexual (Katz et al., 2007) por considerarem que a existência de força física implica, já de si, uma resistência consciente e o não consentimento da relação sexual de forma expressa, constituindo-se de violação sexual.

No entanto, é relevante observar que a utilização de drogas, ou álcool, é também uma técnica de incapacitação, ainda que se trate de uma tática coercitiva não física (Schatzel-Murphy et al., 2009; Shackelford & Goetz, 2004).

A própria excitação sexual forçada, que parece ser uma tática fundamental na coerção (Camilleri et al., 2009; Schatzel-Murphy, et al., 2009; Shackelford & Goetz, 2004; Struckman-Johnson, et al., 2003), poderá utilizar técnicas de imobilização física, sem ter como fim a agressão física que daí poderá decorrer.

Desta forma, poderemos resumir que existem três dimensões tipicamente identificadas dentro da coerção: a psicológica, a física e a modificação do estado de consciência através de álcool ou drogas (French et al., 2015).

Nesta perspetiva, todas as definições acima mencionadas acerca do constructo apresentam diversos comportamentos em comum, como as táticas de persuasão verbal, tais

como importunar, pressionar, manipular, intimidar, ameaçar, chantagear e recurso à autoridade, utilizar força física (desde imobilizar até agressões físicas), intoxicar com recurso a álcool e/ou drogas, explorar a capacidade e resistência da vítima, promessas/ofertas com subsequente indução de culpa e o tocar persistente.

Neste estudo iremos optar por uma visão mais lata da coerção e considerar a existência de quatro estratégias coercitivas que incidem nos comportamentos clássicos da coerção sexual, tais como 1) usar a excitação sexual preliminar para insistir em contato sexual (persistir em beijar e tocar após a recusa), 2) utilização de pressão psicológica e manipulação emocional (argumentos que utilizam o uso de culpa e obrigação), 3) o engano (utilização de mentiras, falsas promessas e chantagem), e por último, 4) tirar o proveito de uma situação quando a pessoa se encontra intoxicada, seja por álcool ou drogas (Raghavan et al., 2015).

### **2.2.1. Prevalência da coerção sexual entre parceiros íntimos**

Devido às suas características, a coerção sexual encontra-se frequentemente ligada às relações entre parceiros íntimos e esta problemática parece incidir principalmente em jovens adultos. Segundo Gross et al. (2006), este tipo de violência é cometido por um conhecido na maioria dos casos, e de forma frequente, pelo parceiro íntimo. No geral, os namorados (41%) foram autores de agressão sexualmente mais frequentemente identificados, seguidamente os amigos (29%) e conhecidos (21%). Também tem sido evidenciado que pode ser perpetuado por um ex-parceiro (Krug et al., 2002).

As estimativas de coerção sexual apresentam inconsistência e variações consideráveis. Vários estudos colocam-nas entre limites tão distantes como 8.7% a 78% (Broach & Petretic, 2006; Kernsmith & Kernsmith, 2009; Koss & Oros, 1982; Livingston et al., 2004; Struckman-Johnson et al., 2003). Por exemplo, o relatório de pesquisa nacional de violência de parceiro íntimo e violência sexual na população dos Estados Unidos de Black et al. (2011) refere que cerca de 13% das mulheres relataram sofrer coerção sexual na sua vida, o que se traduz em mais de 15 milhões de mulheres, e 6% dos homens relataram experienciar coerção sexual ao longo da sua vida, o que se traduz em quase 7 milhões de homens. Noutro estudo, 60% dos participantes relataram ter sido alvo de coerção sexual verbal (Struckman-Johnson et al., 2003). A perpetração de coerção sexual verbal parece variar entre 9% (O'Sullivan & Byers, 1993) a 41% (Muñoz et al., 2011) entre as mulheres, e de 25% (Fischer, 1996) a 76% (Muñoz et al., 2011) entre os homens.

Segundo Tjaden e Thoennes (2000) a violência sexual, que inclui o sexo vaginal e oral, forçado ou tentado, apresenta uma prevalência de 7.7% das mulheres e de 0.3% dos homens.

Krahé et al. (2014) conduziram uma meta análise que evidencia a presença de agressão sexual nos 27 países da União Europeia. Os resultados indicam que tanto homens como mulheres apresentam comportamentos agressivos com os seus parceiros, com intervalos variáveis entre países; a taxa de agressão dos estudantes do sexo masculino varia entre 0 e 80% enquanto a dos estudantes do sexo feminino varia entre 0.8 e 40%. Mais recentemente, Hadjicharalambous e Sisco (2016) avaliaram a perpetuação da violação de limites sexuais em estudantes universitários, os resultados demonstraram que 79.1% dos estudantes do sexo masculino e 78.4% estudantes do sexo feminino, não respeitaram, de alguma forma, os limites do seu parceiro.

No que diz respeito à prevalência de género na coerção sexual, subsiste a ideia comum de que as mulheres sofrem mais de coerção sexual do que os homens. Porém, a evidência empírica determina que a violência entre parceiros íntimos se caracteriza por trocas mútuas de agressões contradizendo a ideia de agressão unilateral homem-mulher (Lewis & Fremouw, 2001; Machado et al., 2003; Magdol et al., 1997; Paiva & Figueiredo, 2004; Straus, 2004).

Relativamente a Portugal, ainda são poucos os estudos realizados no âmbito desta temática. Paiva e Figueiredo em 2004, realizaram um estudo com um total de 318 estudantes universitários com idades compreendidas entre os 19 e os 39 anos, sendo que 54.8% eram do sexo feminino e 46.2% eram do sexo masculino, os resultados revelaram que 50.8% dos participantes foram vítimas de violência psicológica, 25.6% de violência sexual, 15.4% de violência física sem sequelas e 3.8% de violência física com sequelas. Num outro estudo realizado por Oliveira e Sani, em 2005, demonstraram que 52% dos inquiridos admitiram ter adotado comportamentos violentos, pelo menos uma vez, com o parceiro (a) e 42% admitiram ter sido vítimas de agressão. Mendes (2006) realizou um estudo num contexto universitário com uma amostra de 354 participantes, e os resultados indicaram que nas relações atuais, 14.4% dos participantes admitiram terem perpetrado um ou mais atos abusivos no último ano, 12.1% afirmaram terem sido vítimas de pelo menos um ato abusivo. No que se refere às relações anteriores, 21.4% admitiram comportamentos de vitimização e 17.5% reconheceram ter assumido algum tipo de conduta abusiva.

Costa e Sani (2007) procuraram determinar num estudo a prevalência, frequência e severidade dos vários tipos de abuso em termos de perpetração e vitimização com 345 estudantes universitários. No que diz respeito ao perfil de perpetração, o estudo comprovou um predomínio de agressão psicológica (em 69% dos casos), de seguida o abuso físico sem sequelas (28%), a coerção sexual (19.8%) e o abuso físico com sequelas (5.6%). No padrão de vitimização, a violência psicológica eleva-se (61.4% dos casos), seguindo-se o abuso físico

sem sequelas (26.7%), a coerção sexual (24.4%) e por último, o abuso físico com sequelas (5.9%).

Em 2009, num estudo realizado em Portugal com uma amostra de 240 estudantes do Instituto Politécnico de Leiria mostrou que 9.1% tinham sofrido de algum tipo de violência nas suas relações (7.9% mulheres e 1.3% homens), contudo, os comportamentos abusivos praticados pelos agressores tendem a ser vistos pelas vítimas como comportamentos passageiros e não como condutas violentas (Dixe et al., 2010; Manuel, 2014).

Mais recentemente, num estudo sobre a violência sexual nos estudantes universitários portugueses, os resultados mostraram que 11.99% das participantes (mulheres) estiveram envolvidas em relações sexuais não consentidas com alguém por ter sido exercida pressão psicológica ou ameaças de outra pessoa, 5.14% afirmou ter tido atividades sexuais não consentidas devido ao uso de força física e 5.14% respondeu que as atividades sexuais se deveram ao consumo de álcool ou drogas (Araújo, 2017).

Apesar da sua crescente importância e da merecida atenção por parte da sociedade, esta área de estudo ainda apresenta muitas lacunas que devem e merecem ser estudadas, principalmente num plano nacional, para que haja uma maior compreensão deste fenómeno e uma melhor prevenção do mesmo (Rodrigues et al., 2011; Veríssimo et al., 2010).

A coerção sexual parece ser um comportamento recorrente entre parceiros íntimos que tem impacto na saúde mental das vítimas. Dada a prevalência do fenómeno a pertinência da realização desta investigação, prende-se sobretudo sobre a necessidade de estudar a coerção sexual entre parceiros íntimos.

### **2.3. Medir a coerção sexual**

Existem diversos instrumentos, não portugueses, para a medir a coerção sexual. Uma revisão da literatura permitiu encontrar, pelo menos, 9 instrumentos diferentes, todos eles com enfoques diferenciados ao nível da coerção sexual (vide anexo A), a saber: o *Revised Conflict Tactics Scale* (CTS2; Straus et al., 1996), o *Sexual Coercion Inventory* (SCI; French et al., 2017), o *Sexual Coercion In Intimate Relationship Scale* (SCIRS; Shackelford & Goetz, 2004), o *Sexual Situation Questionnaire* (SSQ; O'Sullivan & Byers, 1993), o *Sexual Experiences Survey* (SES; Koss & Oros, 1982), o *Sexual Aggression and Victimization Scale* (SAV-S; Schuster et al., 2016), o *Acceptance of Dating Violence Scale* (ADV; Foshee et al., 1998), o *Attraction to Sexual Aggression Scale* (ASA; Malamuth, 1989) e o *Multidimensional Sexual Coercion Questionnaire* (MSCQ; Cohen & Tamborra, 2015).

Dos instrumentos a que tivemos acesso o *Revised Conflict Tactics Scale* (CTS; Straus, Hamby, Boney-McCoy & Sugarman, 1996), o *Sexual Coercion Inventory* (SCI; French et al., 2017) e o *Sexual Coercion In Intimate Relationship Scale* (SCIRS; Shackelford & Goetz, 2004), eram os que se aproximavam da definição de coerção sexual operacionalizada neste estudo. Porém, e considerando as condutas típicas do comportamento coercivo, nem todos abordavam a sua totalidade.

O CTS avalia em que medida os parceiros (em coabitação, namoro ou relação conjugal) realizam ataques físico e psicológicos um ao outro e a sua forma de lidar com esses conflitos.

O SCI foi desenvolvido com itens comportamentais específicos para avaliar táticas de coerção verbal e manipulação. É composto por 14 itens que abordam a vitimização sexual através de táticas que incluem a pressão verbal, manipulação, disseminação de rumores, culpa, saídas de bloqueio, excitação sexual, intoxicação, força ameaçada e a força infligida.

Por fim, o SCIRS é uma medida destinada a avaliar a prevalência e a gravidade da coerção sexual em relações íntimas. Avalia três dimensões: o recurso à violência, à manipulação e a ameaças de abandono.

Todas as medidas encontradas são transversais, de autorresposta, e dependentes da percepção do participante em relação à situação vivida. Inclui a observação do comportamento em relação à vítima e são fortemente influenciados pela cultura de origem do questionário. De referir que, neste tipo de comportamentos, os constrangimentos éticos impedem medidas que não sejam de autorrelato ou que não dependam da percepção do indivíduo.

Tendo em consideração Wiederman e Whitley (2012) que alertam para a natureza sensível dos dados de teor sexual, referindo que estes são fortemente influenciados pela cultura dos indivíduos respondentes, a adaptação dos instrumentos na área da sexualidade deve ter uma maior preocupação em adequar os comportamentos à realidade social da população alvo em estudo.

Com base nestas premissas, considerou-se relevante construir uma medida para a coerção sexual também de perspectiva transversal, que reúna o conjunto de comportamentos coercivos num só instrumento, adaptado à realidade da população portuguesa e que não apresente uma perspectiva enviesada sobre o sexo do perpetrador ou da vítima, tendo tal constituído como objetivo deste estudo.

### **3. Possíveis modelos explicativos da coerção sexual**

A abordagem anteriormente apresentada sobre a coerção sexual parece enquadrá-la dentro do domínio da agressão. Assim, e em ausência de um modelo explicativo específico da

coerção sexual, optou-se pela análise da mesma com base nos modelos explicativos da agressão, realizando-se posteriormente a extrapolação para o caso específico da coerção.

Diversos psicólogos propuseram uma variedade de teorias para entender porque é que as pessoas se comportam de forma agressiva. Alguns exemplos incluem: teoria da neoassociação cognitiva (Berkowitz, 1989), teoria da aprendizagem social (Bandura, 1977), teoria do processamento de informação (Huesmann, 1986), teoria da transferência de excitação (Zillmann, 1983) e teoria da interação social (Tedeschi e Felson, 1994).

Cada teoria oferece uma visão crucial para a compreensão de razões específicas pelas quais as pessoas se comportam agressivamente. No entanto, essas teorias específicas não fornecem uma estrutura abrangente para entender a agressão, mais especificamente a coerção sexual.

### **3.1. Teoria da Neoassociação Cognitiva**

O modelo teórico de Berkowitz (1989) procura aperfeiçoar a teoria da frustração-agressão de Dollard e Miller (Dollard et al., 1939). Berkowitz (1989) constatou que a frustração causava um estado de agressividade, uma preparação emocional para agredir, mas não causava agressão. Esta teoria estabelece que a agressão pode ser consequência de afetos negativos provocados por eventos antecedentes aversivos (por exemplo: provocação, frustração), assim, a frustração é uma de muitas condições aversivas que provocam um estado afetivo em alguém.

Este modelo é particularmente adequado para explicar a agressão hostil, mas os mesmos processos de ativação e propagação de ativação também são relevantes para outros tipos de agressão (Anderson & Bushman, 2002). A coerção sexual entre parceiros íntimos, que poderá surgir como resposta à frustração inicial do contacto sexual pretendido, não implicará necessariamente a expressão numa forma hostil. Desta forma, este modelo não parece propor uma explicação adequada à complexidade do fenómeno.

### **3.2. Teoria da Aprendizagem Social**

A teoria da aprendizagem social de Bandura (1977) sustentou consideravelmente a posição da aprendizagem social que compreende a agressividade como um padrão de resposta que é aprendido através de reforço e modelagem. As pessoas adquirem respostas agressivas da mesma maneira que adquirem outras formas complexas de comportamento social, seja pela experiência direta ou pela observação de outros (Bandura, 1983). Para este autor, a maior causalidade de agressão é o incentivo e as recompensas oferecidas pelo ato. A pessoa frente a uma situação identificada, pesa os benefícios e os custos potenciais em expressar um

comportamento agressivo, caso os benefícios sejam maiores, ele optará pela agressão, a fim de atingir os seus objetivos.

Este autor não concorda com a existência de um impulso inato de agressão diante de um estímulo aversivo (Tedeschi & Felson, 1994). Afirma que os atos extremamente violentos não podem ser espontâneos, inatos, mas precisam de ser aprendidos e treinados para que sejam executados. São aprendidos lentamente e necessitam de modelos que os pratiquem (tais como família, sociedade ou ídolos), que demonstrem tipos de ações que são recompensadoras ou passíveis de punição (Bandura et al., 2008).

De modo geral, esta teoria é particularmente útil para entender a aquisição de comportamentos agressivos e para explicar a agressão instrumental, podendo por isso ajudar a explicar a coerção sexual. Neste campo, teríamos de compreender se a observação de comportamentos coercivos e a sua manutenção, em forma de padrão comportamental, prevê a sua realização futura.

### **3.3. Teoria do Processamento da Informação**

Esta teoria tornou claro que uma compreensão de como os processos cognitivos humanos operam é necessária para uma compreensão do comportamento social humano em geral e do comportamento agressivo em particular.

Huesmann (1986) propôs que quando as crianças observam a violência nos meios de comunicação, aprendem scripts mentais agressivos. Os scripts mentais definem situações e guiam o comportamento, ou seja, a pessoa primeiro seleciona um script para representar a situação, e em seguida, assume um papel nesse script. Uma vez que um script tenha sido aprendido, ele pode ser recuperado a qualquer altura e utilizado como indicador para o comportamento.

Este modelo poderia ser particularmente útil para explicar a coerção sexual entre parceiros íntimos, que parece – na sua essência – processar-se num ambiente ambíguo. Enquanto numa relação íntima, a disponibilidade para as relações sexuais é algo esperado e faz parte dos scripts de um relacionamento entre adultos. Contudo, a avaliação das respostas oferecidas pelo ambiente são de complexa avaliação no caso de comportamentos íntimos que, na generalidade, não são de exposição social.

### **3.4. Teoria da Transferência de Excitação**

A teoria da transferência de excitação (Zillmann, 1983) observa que a excitação fisiológica se dissipa lentamente. Se dois eventos de ativação forem separados por um curto

período, a excitação do primeiro evento pode ser atribuída erroneamente ao segundo evento. Se o segundo evento está relacionado à raiva, então a excitação adicional deve deixar a pessoa ainda mais irritada.

A noção de transferência de excitação também sugere que a raiva pode ser estendida por longos períodos, se uma pessoa conscientemente atribuiu uma maior excitação à raiva. Assim, mesmo depois da excitação se dissipar, a pessoa continua pronta para agredir enquanto o rótulo autogerado de raiva persistir.

Zillmann (1988), considera a raiva como uma variável necessária que medeia a relação entre a provocação e a agressão. Para este autor, a raiva é sentida de modo consciente, em resposta a um estado de excitação fisiológica, provocado por determinadas condições ambientais percebidas como ameaçadoras.

No entanto, nem sempre esta associação é clara e podem existir outros eventos que sejam erradamente identificados como ameaçadores, portanto, a excitação provocada por um acontecimento pode facilmente ser transferida para uma situação independente e temporalmente próxima, produzindo o que se chama transferência de excitação, causando um aumento de ativação fisiológica e conseqüentemente uma alteração emocional (Anderson & Huesmann, 2003; Geen, 2001; Zillmann, 1972). Apesar da utilidade desta teoria para explicar comportamentos agressivos que estão deslocados do seu objeto de frustração, a coerção sexual não implica necessariamente um desvio entre o objeto de frustração (a recusa) e a manutenção ou intensificação da agressão (psicológica, verbal ou física) para a obtenção da relação sexual.

### **3.5. Teoria da Interação Social**

A teoria da interação social de Tedeschi e Felson (1994), interpretou a agressão como uma influência social (Anderson & Bushman, 2002). Consideram que o essencial é compreender por que razão as pessoas escolhem produzir comportamentos agressivos. Nesta perspectiva, o indivíduo analisa meios alternativos para chegar a um de três objetivos: a) controlar o comportamento de outros indivíduos, b) repor a justiça ou c) assegurar e proteger identidades. Na procura destes objetivos, o indivíduo tem as suas escolhas direcionadas pelas recompensas, custos e probabilidades de resultados esperados (Anderson & Bushman, 2002).

Ou seja, alguém que se comporta agressivamente o faz com o objetivo de mudar o comportamento do outro, por meio da ação coercitiva. Aquele que age de tal forma baseia-se na probabilidade de obter recompensas, mas também pondera os custos envolvidos na ação, o que leva a diferentes chances de se obter resultados significativos.

Para a teoria da interação social (Tedeschi & Felson, 1994), toda a agressão é instrumental. Portanto, toda a agressão é direcionada para se atingir algo por meio dela, é um comportamento orientado para uma meta. A coerção sexual parece adequar-se a esta definição, nomeadamente enquadrando-se no objetivo de controlar o comportamento do outro. Não obstante, esta teoria explicar o processo pelo qual o ator poderá escolher coagir alguém, não propõe ou clarifica disposições individuais e/ou sociais que nos permitam prever com maior clareza o perfil dos indivíduos, e parte do pressuposto de uma planificação do comportamento, algo que nem sempre parece plausível no campo da sexualidade humana.

Todas as teorias anteriores apresentam perspectivas fragmentadas para explicar a agressão. Contudo, houve uma perspectiva de integrar esse conhecimento num modelo geral que resultou no modelo integrativo de Anderson – Modelo Geral de Agressão (General Aggression Model – GAM; Anderson & Bushman, 2002).

Portanto, o Modelo Geral de Agressão aprimora as teorias anteriores como explicações para a agressão de três maneiras importantes. Primeiro, o GAM é mais parcimonioso e explicativo do que seus precursores teóricos. Em segundo lugar, explica melhor a agressão com base em múltiplos motivos. E por último, fornece um esquema de classificação multidimensional para a agressão humana que permite focalizar múltiplos aspetos que influenciam o comportamento, em vez do estreito corpo fornecido por teorias anteriores (DeWall et al., 2011).

### **3.6. O Modelo Geral da Agressão**

O estudo do comportamento agressivo tem aumentado nos últimos anos e tem despertado o interesse de muitos campos, incluindo a sua natureza. A agressão humana é definida como qualquer comportamento dirigido a outro indivíduo com a intenção de prejudicar (Anderson & Bushman, 2002; DeWall et al., 2012) e é o resultado de múltiplos fatores (Anderson & Bushman, 2001; Kristensen et al., 2003). No entanto, o construto de coerção sexual distingue-se pelo facto de não ter, necessariamente, a intenção de prejudicar, mas sim o benefício de obter sexo.

O Modelo Geral de Agressão (Anderson & Bushman, 2002; Bushman & Anderson, 2001) representa uma das mais recentes tentativas de integração teórica sobre a agressão humana. Considera o papel dos fatores sociais, cognitivos, de desenvolvimento e biológicos na agressão (Anderson & Bushman, 2002; Anderson & Huesmann, 2003; Anderson & Carnagey, 2004; DeWall et al., 2011; DeWall et al., 2012). Este modelo é o resultado de esforços para integrar teorias de agressão já existentes, designadamente teoria da neoassociação cognitiva

(Berkowitz, 1989), a teoria da aprendizagem social (Bandura, 1977), a teoria do processamento de informação (Huesmann, 1986), a teoria da transferência de excitação (Zillmann, 1983) e a teoria da interação social (Tedeschi e Felson, 1994). Ao unificar estas teorias em um todo coerente, o GAM fornece uma estrutura ampla para entender a agressão em muitos contextos e apresenta-se como mais parcimonioso que os seus precursores teóricos (DeWall et al., 2011). Deste modo, apresenta-se como sendo a abordagem mais comum para explicar a ocorrência dos comportamentos agressivos, com boas evidências do seu valor empírico (Allen et al., 2018).

Nos fundamentos deste modelo encontramos estruturas de conhecimento para percepção, interpretação, tomada de decisão e ação (Anderson & Bushman, 2002; Kristensen et al., 2003), empregadas para se entender a agressão (Anderson & Bushman, 2002).

Propõe que o comportamento agressivo é baseado em três estruturas de conhecimento: os **esquemas perceptivos** que são usados para identificar fenômenos tão simples quanto objetos físicos do cotidiano (por exemplo, cadeira ou pessoa) ou tão complexos quanto eventos sociais (por exemplo, insulto social); os **esquemas pessoais** que incluem crenças sobre uma determinada pessoa ou grupo de pessoas; e os **scripts comportamentais** que contêm informações sobre como as pessoas se comportam em diversas situações (Anderson & Bushman, 2002; Cardoso, 2010). Estas estruturas são desenvolvidas a partir da experiência dos indivíduos e influenciam as suas percepções em múltiplos níveis. No entanto, à medida em que vão sendo utilizadas tendem a automatizar-se, mantendo-se associadas a estados afetivos e guiam as interpretações dos indivíduos e das suas respostas comportamentais face às solicitações ambientais (Anderson & Bushman, 2002).

Concentra-se em descobrir não só os fatores biológicos ou psicológicos, mas também os ambientais e sociais que influenciam o comportamento agressivo, de modo a tentar reduzir a agressão. Ressalta-se que estes fatores estão diretamente ou indiretamente interligados, nos quais o foco passa a ser a pessoa dentro da situação, e não consiste em fatores isolados, mas um meio de interações sociais que estão sempre em constantes mudanças (Anderson & Bushman, 2002).

O GAM adota uma abordagem dinâmica e episódica, foca a “pessoa na situação”, chamado de episódio, consistindo em um ciclo de interação social contínua para explicar a agressão (Anderson & Bushman, 2002). É separado em dois aspetos principais: os processos proximais e distais. Os processos proximais explicam episódios individuais de agressão através de três etapas que são centrais neste modelo: a) entradas referentes à pessoa (traços de personalidade, sexo, crenças, valores, atitudes, objetivos e scripts) e à situação (incentivos,

frustração, provocação, drogas, pistas agressivas, e dor e desconforto), b) as rotas cognitivas, afetivas e de excitação do estado interno atual através das quais as variáveis de entrada têm o seu impacto e c) resultados decorrentes dos processos de avaliação (imediate ou automática e “secundária” ou controlada) e decisão (Anderson & Bushman, 2002, Allen et al., 2018).

As entradas influenciam o estado interno atual de uma pessoa, o que, por sua vez, afeta os processos de avaliação e decisão, que influenciam os resultados agressivos e não agressivos. É importante salientar que cada episódio de agressão (ou não agressão) serve como um estudo de aprendizagem que pode influenciar o desenvolvimento de estruturas de conhecimentos agressivas (e, portanto, personalidade) ao longo do tempo (Anderson & Bushman, 2002, Allen et al., 2018).

O primeiro estágio dos processos proximais, descreve como os fatores pessoais e situacionais aumentam ou diminuem a probabilidade de agressão através da sua influência nas variáveis do estado interno atual (ou seja, cognição, afeto e excitação) no estágio dois. O segundo estágio concentra-se nas rotas pelos quais os fatores pessoais e situacionais exercem a sua influência nos processos de avaliação e decisão (e, portanto, afetam resultados agressivos ou não agressivos). Os fatores pessoais e situacionais podem alterar o afeto, cognição e a excitação de uma pessoa e as mudanças nessas várias variáveis alteram a probabilidade de agressão. O terceiro estágio concentra-se nos processos de avaliação e decisão, e em resultados agressivos ou não agressivos. Neste estágio, a pessoa avalia a situação e decide como responder. A ação selecionada influencia então, o encontro, que por sua vez influencia os fatores pessoais e situacionais, iniciando o ciclo episódico novamente (Anderson & Bushman, 2002; Allen et al., 2018).

O segundo aspeto do modelo geral de agressão concentra-se nos processos distais, que operam no fundo de cada episódio de processos proximais. Este aspeto do GAM descreve como os fatores ambientais e biológicos persistentes trabalham juntos para influenciar a personalidade, o que por sua vez, altera os fatores pessoais e situacionais (Anderson & Carnagey, 2004).

Nesta conceção teórica, a personalidade é descrita como uma variável chave para a compreensão dos fatores pessoais que influenciam o comportamento agressivo. Esse processo ocorre pelo impacto da personalidade nas emoções e nos pensamentos agressivos (Anderson & Bushman, 2001).

### **3.7. Papel da personalidade na agressão**

A personalidade é definida como uma organização dinâmica, dentro do indivíduo, de sistemas psicofísicos, que são responsáveis pela criação de pensamentos, emoções e padrões característicos de comportamento (Allport, 1961). Os traços são dimensões internas de personalidade de largo espectro, que assim são responsáveis pela consistência de comportamentos, pensamentos e sentimentos através das situações (McAdams & Olson 2010) e que representam a individualidade de um sujeito.

Huesmann e Eron (1989) defendiam que certos indivíduos apresentam uma predisposição para responder de forma agressiva a uma variedade de situações interpessoais, apresentando a agressividade como um traço de personalidade, por si.

#### ***3.7.1. Agressividade-traço***

A agressividade traço refere-se a indivíduos que tendencialmente apresentam uma predisposição para comportamentos agressivos, tanto físicos como verbais, percepções hostis e expressões de raiva (Buss & Perry, 1992). Este modelo, considera que os traços de agressão física e verbal refletem as componentes da agressividade-traço, permitindo avaliar a tendência para engajar em comportamentos que agridem os outros. O traço raiva é entendido como um comportamento afetivo da agressão e é definido como a tendência para experimentar emoções de raiva e a incapacidade para os gerir ou regular adequadamente. Por fim, o traço hostilidade é a componente cognitiva da agressividade, tendência para o cinismo e viés de desconfiança em relação aos outros, que percebe como ameaça para o próprio (Chester & West, 2020). Estas dimensões podem ser agregadas numa dimensão única de agressividade-traço.

De acordo com o Modelo Geral da Agressão as pessoas com estas predisposições deverão responder de forma agressiva a estímulos neutros ou ambíguos (Anderson & Bushman, 2002). Parecem também ser os indivíduos mais sensíveis às ambiguidades e dificuldades das relações interpessoais que apresentam uma maior predisposição para a agressividade, com impacto na sua saúde mental (Sun et al., 2020). A agressividade-traço parece ser responsável por respostas agressivas em relação a outros e ao parceiro, em situações com elevada ou baixa percepção de intoxicação por álcool, ainda que pareça mediar melhor essa relação em situações de elevado consumo de álcool, especialmente para os homens (Tremblay et al., 2007).

A agressividade traço tem apresentado correlações com outras dimensões de personalidade, nomeadamente do modelo Big-Five, maioritariamente na presença de traços antagónicos de personalidade ou, de acordo com Chester e West (2020), com as polarizações negativas das dimensões propostas pelo modelo, tanto que para os autores, a agressividade-

traço não deve ser considerada como um modelo explicativo da agressividade, mas sim como uma primeira faceta antagônica do modelo de personalidade.

### 3.7.2. O modelo *Big-Five*

Apesar de existirem vários estudos que mostram o valor empírico da personalidade, nomeadamente dos modelos *Big Five* (e.g. Housie et al., 2014) e HEXACO (e.g. Farrell et al., 2014, Jones et al., 2011), o primeiro constitui a taxonomia mais popular. O Modelo *Big Five* refere-se a cinco grandes dimensões de personalidade, nomeadamente o Neuroticismo, Conscienciosidade, Abertura à Experiência, Amabilidade e Extroversão. Por sua vez, cada uma destas dimensões compreende diversas facetas representativas das suas características específicas (Noronha et al., 2015).

A dimensão do Neuroticismo refere-se à tendência de um indivíduo em perceber a realidade como sendo difícil e ameaçadora (Rolland, 2002). Está associada à tendência para experimentar emoções negativas. Uma baixa autoestima, labilidade emocional e pensamentos ruminantes são características da elevação deste fator (DeYoung et al., 2010; Miller & Lynam, 2015), como também o serem nervosos e pessimistas (Ahmetoglu & Chamorro-Premuzic, 2013; Rolland, 2002), apresentarem menor capacidade de controlo dos impulsos, reduzidas ou desadequadas estratégias de *coping* (Rothmann & Coetzer, 2003). Contudo, no polo oposto desta dimensão encontra-se a estabilidade emocional (DeYoung et al., 2010; Miller & Lynam, 2015). As facetas associadas a esta dimensão são a ansiedade, impulsividade, depressão, vulnerabilidade, autoconsciência, hostilidade (John & Srivastava, 1999; Matthews, et al., 2009).

A Conscienciosidade manifesta-se em traços como organização, autodisciplina e empreendedorismo na sua vertente positiva (DeYoung et al., 2010; Miller & Lynam 2015). São indivíduos identificados pela sua organização, rigor, eficácia, respeito pelas normas, produtividade e determinação (Ahmetoglu & Chamorro-Premuzic, 2013; Rolland, 2002). No entanto, no seu lado oposto está a dimensão desinibição, onde se encontram traços como a impulsividade, a desorganização e a distração (DeYoung et al., 2010; Miller & Lynam 2015). Esta dimensão abrange as seguintes facetas: ordem, obediência ao dever, competência, autodisciplina, esforço de realização e deliberação (John & Srivastava, 1999; Matthews, et al., 2009).

A dimensão de Extroversão refere-se à capacidade para valorizar de forma positiva as experiências de vida e as relações sociais (Rolland, 2002). Pontuações elevadas nesta dimensão caracteriza os indivíduos como sociáveis, energéticos, comunicativos, ativos, otimistas e

efetuosos. Abrange um conjunto de traços como a sociabilidade, a assertividade e a capacidade de comunicação. A Introversão é o polo oposto da Extroversão, pelo que resultados baixos nesta dimensão remeterão para indivíduos mais reservados (DeYoung et al., 2010; Miller & Lynam, 2015), pessoas introvertidas e independentes face aos outros (Rothmann & Coetzer, 2003). Nesta dimensão, as facetas que estão associadas são a sociabilidade, cordialidade, atividade, procura de excitação, assertividade e emoções positivas (John & Srivastava, 1999; Matthews, et al., 2009).

A Amabilidade é uma dimensão da personalidade que, a par da dimensão Extroversão, valoriza as relações interpessoais (Rolland, 2002). Valores elevados indicam traços relacionados com o altruísmo, como a preocupação com as necessidades dos outros e com os seus desejos e direitos, bem como traços pró-sociais que incluem a compaixão, a cooperação e a cordialidade (DeYoung et al., 2010; Miller & Lynam, 2015). Implica predisposição para serem tolerantes, acolhedores, simpáticos, carinhosos e bondosos (Ahmetoglu & Chamorro-Premuzic, 2013; Rolland, 2002). No entanto, no seu polo negativo estão traços antissociais como a agressividade e a insensibilidade (DeYoung et al., 2010; Miller & Lynam, 2015), ou seja, indivíduos egocêntricos, competitivos e céticos relativamente às intenções dos outros (Rothmann & Coetzer, 2003). A confiança, franqueza, altruísmo, humildade, complacência e sensibilidade são as facetas correspondentes a esta dimensão (John & Srivastava, 1999; Matthews, et al., 2009).

De acordo com Rolland (2002) a Abertura à Experiência é uma dimensão que abrange diversos comportamentos relacionados com a permanente procura e paixão por novas experiências. Refere-se à curiosidade, criatividade, originalidade e imaginação (Cloninger, 1996; John & Srivastava, 1999; Pervin & Cervone, 2010). Inclui traços como a imaginação, o interesse estético e comprometimento intelectual. A elevação deste fator sugere boa capacidade de processamento da informação (DeYoung et al., 2010; Miller & Lynam, 2015), como também tendência para a criatividade, fantasia e liberalidade no que diz respeito aos seus pensamentos e/ou opiniões (Ahmetoglu & Chamorro-Premuzic, 2013; Rolland, 2002). Por sua vez, um baixo nível de abertura à experiência tende a mostrar um comportamento convencional e de conservadorismo, uma preferência da familiaridade à novidade (Rothmann & Coetzer, 2003). As facetas desta dimensão são a fantasia, estética, ideias, valores, ações e sentimentos (John & Srivastava, 1999; Matthews, et al., 2009).

De facto, a personalidade é a soma das estruturas de conhecimento de um indivíduo e alguns traços predisõem os indivíduos a níveis elevados de agressão (Anderson & Bushman, 2002). Diversos estudos têm utilizado o modelo do *Big Five* de modo a observar que os traços

de personalidade possuem uma relação com o comportamento agressivo (Barlett & Anderson, 2012; Barthelemy, 2005; Cavalcanti & Pimentel, 2016; Egan, 2009; Paiva et al., 2017).

A Amabilidade, Neuroticismo e Abertura à Experiência tendem a correlacionar-se negativamente com a violência, e ainda pontuarem baixo, o que significa que pessoas com traços do polo negativo tendem a aceitar mais o uso de violência (Cavalcanti & Pimentel, 2016; Gleason et al., 2004; Paiva et al., 2017). Assim, pessoas com traços acentuados no polo negativo da Amabilidade possuem atitudes agressivas e, conseqüentemente, o risco de comportamento pautado pela violência aumenta (Cavalcanti & Pimentel, 2016; Gleason et al., 2004).

Indivíduos com maior predisposição ao traço do neuroticismo possuem percepções excêntricas, exibicionismo e impulsividade (Carleton et al., 2015) e apresentam emoções e comportamentos agressivos e/ou violentos (Cavalcanti & Pimentel, 2016). Pontuações baixas nesta dimensão estão correlacionadas ao uso da violência, como também é um fator preditor para o abuso nas relações amorosas (Carleton et al., 2015; Cavalcanti & Pimentel, 2016).

Em comparação, os indivíduos com traço mais acentuado em conscienciosidade possuem uma tendência a um maior autocuidado, o que diminui as emoções geradas pela raiva (Blackburn et al., 2004). Este traço parece relacionar-se de forma negativa com as emoções negativas (Barlett & Anderson, 2012) e com os comportamentos agressivos (Blackburn et al., 2004). Relativamente a esta dimensão, não existem muitos estudos que demonstrem uma correlação com a violência, apesar de estudos de Sharpe e Desai (2001) e Blackburn et al. (2004), identificarem uma relação negativa entre a conscienciosidade e a agressão, isto é, quando maior a predisposição ao traço de conscienciosidade, menos comportamentos agressivos.

No que diz respeito à Extroversão, a relação entre este traço e a agressão não é consistente. Embora se correlacionem, esta pode ser tanto positiva como negativa, o que torna difícil diferenciar se as pessoas mais introvertidas, reservadas e quietas (Pimentel et al., 2014) são mais predispostas a comportamentos agressivos, ou se, pelo contrário, são as pessoas interativas, falantes e expressivas (Barthelemy, 2005), que possuem este tipo de predisposição. Cavalcanti e Pimental (2016) mostraram que a extroversão tem um efeito direto e positivo na agressão física, corroborando o estudo de Barlett e Anderson (2012).

Quando um indivíduo tem uma postura mais expressiva, procura pela novidade, refere-se ao traço de Abertura à experiência. Assim, pontuações negativas nestas características incluem traços convencionais e sem criatividade (Pimentel, et. al., 2014), possuindo tanto relação direta (Barlett & Anderson, 2012) como indireta na agressão física (Cavalcanti &

Pimentel, 2016). Este também se pode associar a perpetuações do uso da violência entre parceiros íntimos (Ulloa et al., 2016). Ao tratar-se de perpetradores da violência ou dos comportamentos agressivos, têm-se que a abertura à experiência é um traço bastante incentivador na submissão a um relacionamento abusivo, tanto em homens como em mulheres (Ulloa et al., 2016).

No contexto de estudos anteriores (Bettencourt et al., 2006; Jensen-Campbell et al., 2007; Sharpe & Desai, 2001), foi levantada a hipótese que haveria uma correlação positiva entre a agressão a baixa amabilidade, baixa conscienciosidade e alto neuroticismo. Pelo contrário, parece verificar-se relações fracas e/ou significativas entre a agressão, baixa abertura à experiência e baixa extroversão (Bettencourt et al., 2006; Jensen-Campbell et al., 2007; Jones et al., 2011; Miller & Lynam, 2001; Sharpe & Desai, 2001). Através dos estudos publicados na literatura, parece ser congruente que traços de personalidade como o neuroticismo e amabilidade desempenham um papel relevante para uma melhor compreensão dos comportamentos agressivos.

A agressão traço, amplamente definida, é a tendência disposicional para tal comportamento agressivo em várias situações e ao longo do tempo (Chester & DeWall, 2013). As tendências específicas que compreendem a agressão ao traço são uma área de considerável debate teórico. Um modelo popular foi proposto por Buss e Perry (1992), em que a agressão característica era composta por tendências à agressão física, agressão verbal, raiva e hostilidade.

Embora muitas pesquisas tenham sido feitas sobre agressão a traços, relativamente poucas tentativas foram feitas para situar esse construto numa teoria mais ampla da personalidade. Construtos de personalidade são melhor interpretados hierarquicamente, com traços de nível inferior compreendendo facetas de traço de nível médio que compreendem fatores de ordem superior de constelações de traço. No entanto, não está claro onde a agressão ao traço reside com precisão em tal taxonomia hierárquica, deixando a natureza fundamental desse construto ambígua.

A ambiguidade em torno da definição da agressividade-traço e da sua relação com outros construtos e teorias garante a sua eliminação como um construto de personalidade por completo, sugerindo que só deve ser conceituado e investigado como um resultado comportamental (Paulhus et al., 2018). Sugere-se que o traço de agressão é caracterizado com precisão como uma faceta do antagonismo, enquanto também reflete outras dimensões da personalidade, nomeadamente os modelos *Big Five* e *Dark Tetrad*.

Conclui-se que o traço da agressão não está situado dentro de uma estrutura teórica mais ampla da personalidade, está, portanto, à deriva de taxonomias maiores da personalidade e tem consequências reais para os construtos de personalidade, pois deixa o construto mal definido nas características que o compõem e não o compõem, bem como em sua relação com outros construtos, por isso, a agressão traço foi estudada por décadas e ainda assim permanece à deriva de estruturas mais amplas de personalidade.

### **3.7.1. O modelo da Dark-Tetrad**

A *Dark Triad* consiste num modelo de personalidade assente em dimensões de personalidade aversivas, de expressão subclínica ou normal na população: narcisismo, maquiavelismo e psicopatia (Paulhus & Williams, 2002). E na última década tem sido um modelo que serviu de base para explorar comportamentos de índole agressiva, incluindo a coerção sexual e persuasão sexual. Os resultados indicam uma relação significativa entre estes dois construtos de comportamentos sexualmente desviantes e a *Dark Triad* (Jonason et al., 2013; Jones & Olderbak, 2014; Marcus & Norris, 2014).

A *Dark Triad* (Paulhus & Williams, 2002) compartilha traços de personalidade malévolos e comportamentos problemáticos, disfuncionais e potencialmente destrutivos (Marcus & Zeigler-Hill, 2015).

O narcisismo apresenta duas formulações: a) o traço *narcísico grandioso* no qual o indivíduo exibe as suas habilidades, é charmoso e exibicionista e tem uma enorme necessidade de sentir domínio, admiração e poder (D'Souza & Lima, 2015) assim como apresenta falta de empatia pelos sentimentos, necessidades e desejos dos outros (Hauck-filho et al., 2012); e b) o *narcísico vulnerável*, caracterizado pela baixa autoestima e tendência a afastar-se de interações sociais. Eventualmente, os sujeitos com este tipo de traço são hostis e arrogantes (D'Souza & Lima, 2015).

Segundo os mesmos autores, a psicopatia é definida como uma tendência à impulsividade, falta de emoções, egocentrismo, baixa ansiedade, capacidade para controlar e influenciar os outros, assim como culpabilizar os outros pelas suas ações. Apresentam uma correlação com agressividade, falta de respeito pelas regras impostas pela sociedade ou pelos direitos dos outros e dificuldade em compreender e gerir emoções (Jones & Paulhus, 2014). Diversos estudos estabelecem uma relação entre os comportamentos agressivos e os traços de psicopatia, evidenciando a sua presença em indivíduos com maior tendência de comportamentos agressivos (Magalhães, 2014).

O traço de maquiavelismo caracteriza indivíduos que instrumentalizam os outros (como meio para alcançar os seus objetivos), falta de padrões de ética ou moral e tendência para controlar e influenciar as pessoas (D'Souza & Lima, 2015). Indivíduos que possuem este tipo de traço são mais estratégicos do que propriamente impulsivos e evitam a todo o custo situações que possam prejudicar a sua reputação (Jones & Paulhus, 2014).

Recentemente, os criadores da *Dark Triad*, Paulhus e Williams (2002), sugeriram um passo em direção a um novo conceito denominado de *Dark Tetrad*. Este novo conceito de quatro dimensões incorporou os traços originais da *Dark Triad* e acrescentou um novo traço, o sadismo (Buckles et al., 2013). A pesquisa sugeriu que o sadismo como um traço de personalidade tem características sobrepostas semelhantes à *Dark Triad*, mas também tem aspetos únicos. Tradicionalmente, o sadismo era explorado no contexto do sadismo sexual em amostras clínicas, caracterizadas pelo desejo de procura de dor, brutalidade e crueldade infligida a outros (Buckles et al., 2013).

Os autores Paulhus et al. (2018) introduziram o conceito da *Dark Tetrad*, como uma alternativa para explicar o comportamento agressivo, que de acordo com a sua revisão teórica, mostra valor teórico na estruturação com o modelo geral da agressão e empírico, ao mostrar capacidade explicativa direta e indireta de comportamentos agressivos.

Nesta linha de pensamento desenvolveram-se outros estudos que começaram a enfocar os traços da *Dark Triad* em relação à coerção sexual. A psicopatia tem mostrado fortes relações com a coerção sexual e agressão sexual (Abbey & Jacques-Tiura, 2011; Jones & Olderbak, 2014; Marcus & Norris, 2014). Camilleri (2008) descobriu que os psicopatas provavelmente usariam qualquer tática sexual para obter um parceiro sexual, não necessariamente limitado a comportamentos sexual coercitivos ou apenas a táticas de persuasão. Os traços e as características da psicopatia como a anti sociabilidade e a manipulação foram encontrados para ser altamente correlacionados com a coerção sexual.

O narcisismo não mostrou uma relação tão forte com táticas sexualmente coercivas quanto a psicopatia. No entanto, Blinkhorn et al. (2015) observaram que os traços de narcisismo tais como liderança, autoridade, grandiosidade e exibicionismo estão fortemente relacionados à coerção sexual.

O maquiavelismo e o sadismo parecem menos estudados em relação à coerção sexual (escassez de pesquisa). Um estudo de Brewé e Abel (2015) não encontrou uma relação significativa entre o maquiavelismo e a coerção sexual, apesar do elevado desejo sexual, da manipulação e da exploração serem características associadas ao maquiavelismo e à coerção sexual. Uma das justificações poderá ser o foco do maquiavelismo em casais. Em indivíduos

não comprometidos ou solteiros os resultados poderiam ser diferentes. Por exemplo, Jones e Olderbak (2014) encontraram uma correlação significativa ( $r = 0.30$ ) entre o maquiavelismo e a coerção sexual, contudo identificada pelos autores como sendo uma associação de baixa magnitude.

Relativamente ao sadismo, e na extensão do nosso conhecimento, este não foi estudado nas suas relações com a coerção sexual. Logicamente, pode-se deduzir que aqueles que tendem a ter pontuações elevadas de sadismo podem mais frequentemente endossar o uso de táticas sexualmente coercivas devido à natureza mais prejudicial da coerção e deverão ser esperadas associações mais altas com comportamentos agressivos e antissociais (Camilleri et al., 2009).

### **3.8. Overview**

O construto de coerção sexual insere-se no domínio da violência sexual. A coerção sexual tem sido amplamente definida como a pressão ou uso de táticas por uma pessoa em outro indivíduo para obter sexo, o que tipicamente envolve dano ou ameaça e é considerado não consensual (French et al., 2015; Jones & Olderbak, 2014). A sociedade atual considera a coerção sexual e considera algumas, se não todas, formas de coerção sexual, como violência sexual. No entanto, alguns indivíduos ainda usam táticas de coerção sexual, o que pode ser explicado por traços de personalidade (French et al., 2015; Jones & Olderbak, 2014).

A violência nas relações íntimas assume-se como um sério problema, sendo até considerado um problema de saúde pública, já que as investigações têm ilustrado que esta forma de violência nas relações, a longo prazo, tem um impacto negativo na saúde, nomeadamente, a uma maior propensão para o desenvolvimento da dor crónica, bem como de problemas psicológicos, como depressão e ansiedade (Carvalho et al., 2011; Little & Terrance, 2010).

Adicionalmente, é de se compreender a implicação da violência sexual no estado de saúde mental e físico das vítimas, seja homem ou mulher. Porém, por se tratar da principal amostra dos estudos sobre a temática da violência no namoro, os estudantes universitários têm merecido destaque, principalmente, por evidenciarem índices alarmantes de vitimização e perpetuação de violência sexual na intimidade (Associação de Mulheres Contra a Violência [AMCV], 2018; Krug et al., 2002; Muñoz-Rivas et al., 2007).

Independentemente de se compreender a agressão como um comportamento complexo e integrado num contexto social, a perspetiva dos traços de personalidade antagónicos tem mostrado o valor empírico para explicar a agressão (Paulhus et al., 2018). A personalidade é vista em diversos estudos (Barlett & Anderson, 2012; Jones et al., 2011; Paiva et al., 2017)

como um fator pessoal (Anderson & Bushman, 2002) associado ao comportamento da violência.

O Modelo Geral de Agressão preconiza que o comportamento agressivo depende de fatores biológicos, de desenvolvimento, cognitivos e sociais, sugerindo que a personalidade é um fator a analisar na expressão de comportamentos agressivos (Allen et al., 2018).

A personalidade, enquanto construto, representa predisposições comportamentais que poderão evidenciar a predisposição ou tendência a comportamentos agressivos. Tratando-se a coerção sexual de um comportamento que, ainda que não tendo como objetivo agredir o outro, utiliza estratégias agressivas para a obtenção de relações sexuais, colocamos a questão: poderá a personalidade apresentar a mesma relação com a coerção sexual, que apresenta com os comportamentos agressivos?

Na mesma concomitância as estratégias coercitivas com os comportamentos agressivos, levam-nos a questionar se os indivíduos com maior tendência agressiva apresentaram maior tendência à coerção sexual?

E face ao conhecimento ainda díspar sobre a prevalência da coerção sexual, nomeadamente na expressão enquanto perpetradores e vítimas, bem como a percentagem de comportamentos coercitivos, propusemo-nos a observar a prevalência do mesmo na população de estudantes universitários.

Com base neste racional teórico, é nosso objetivo geral caracterizar os comportamentos de coerção sexual dos estudantes universitários portugueses, tendo como base explicativa os modelos de personalidade do *Big Five* e da *Dark Tetrad*, e da Agressividade-Traço.

#### **4. Objetivos**

Este estudo teve como objetivos:

- 1) Construir uma medida para a coerção sexual entre parceiros íntimos, adaptada à realidade portuguesa;
- 2) Descrever a ocorrência de comportamentos coercivos em estudantes universitários e identificar a tipologia de comportamento coercivo mais comum;
- 3) Estabelecer as relações entre traços de personalidade e o comportamento de coerção sexual.

## **5. Metodologia**

### **5.1. Desenho e variáveis**

O presente estudo tem um desenho descritivo-correlacional, com cariz transversal, decorrente do seu objetivo de caracterizar e correlacionar variáveis, medidas no mesmo período.

As variáveis em estudo referem-se ao comportamento de coerção sexual, agressividade-traço, e a personalidade. Foram também consideradas variáveis a idade, o sexo e a história relacional dos participantes, que permitiram aplicar critérios de exclusão e estabelecer comparações entre subgrupos de indivíduos.

### **5.2. População e amostra**

A população em estudo são os estudantes universitários, de ambos os sexos. Foi utilizada uma técnica de amostragem não probabilística, por conveniência, para recolher uma amostra desta população. Foram fatores de exclusão a idade (maiores de 18 anos e com idade inferior a 30 anos), a nacionalidade não portuguesa e a inexistência de história relacional prévia. Foram recolhidos um total de 123 participantes, sendo 89 do género feminino e 34 do género masculino, que após a aplicação dos critérios de exclusão, resultou numa amostra final de 112 participantes, sendo 84 do género feminino e 28 do género masculino.

### **5.3. Instrumentos**

Foi utilizado um questionário, composto por várias medidas que pretendiam recolher informação sobre os dados sociodemográficos, história de relacionamentos íntimos, comportamento de coerção sexual real e aceitação da coerção sexual em cenários hipotéticos, agressividade-traço e personalidade.

Todas as medidas utilizadas são de autorrelato.

### 5.3.1. Questionário sociodemográfico e de história relacional (Anexo C)

O Questionário Sociodemográfico (QSD) contém um conjunto de questões sobre o gênero, a idade, o estado civil, o distrito de residência, as habilitações literárias, a situação profissional atual do indivíduo.

Foi ainda controlada a história clínica e psiquiátrica do próprio, a situação relacional atual, e a informação sobre a ocorrência de comportamentos coercivos (tanto como perpetrador ou como vítima).

### 5.3.2. Coerção sexual (Anexo D)

Foi realizado um levantamento de todas as medidas conhecidas de coerção sexual, tendo sido conduzida uma análise de conteúdo aos itens que as compõem. Os instrumentos analisados foram, o *Revised Conflict Tactics Scale* (CTS2; Straus et al., 1996), o *Sexual Coercion Inventory* (SCI; French et al., 2017), o *Sexual Coercion In Intimate Relationship Scale* (SCIRS; Shackelford & Goetz, 2004), o *Sexual Situation Questionnaire* (SSQ; O'Sullivan & Byers, 1993), o *Sexual Experiences Survey* (SES; Koss & Oros, 1982), o *Sexual Aggression and Victimization Scale* (SAV-S; Schuster et al., 2016), o *Acceptance of Dating Violence Scale* (ADV; Foshee et al., 1998), o *Attraction to Sexual Aggression Scale* (ASA; Malamuth, 1989) e o *Multidimensional Sexual Coercion Questionnaire* (MSCQ; Cohen & Tamborra, 2015).

As questões foram agrupadas em representações categoriais de possíveis comportamentos de coerção sexual: 1) excitação sexual preliminar para insistir em contato sexual (persistente beijar e tocar após a recusa); 2) a utilização de pressão psicológica e manipulação emocional (argumentos que utilizam o uso de culpa e obrigação); 3) o engano (utilização de mentiras, falsas promessas e chantagem); e 4) tirar o proveito de uma situação quando a pessoa se encontra intoxicada, seja por álcool ou drogas.

Estas dimensões foram, então, operacionalizadas através de 27 cenários ou vinhetas que descreviam potenciais situações, a ocorrer num casal, sem discriminar papéis de gênero. Um exemplo de uma história, representativa da dimensão engano, seria:

“Um casal encontrava-se numa relação estável e duradoura e, numa experiência sexual, resolveram fazer alguns filmes de ambos. Num dia em que o elemento 1 se sentia menos bem, e não estava com vontade de ter relações sexuais, o elemento 2 sugeriu que iria divulgar os vídeos, caso se recusasse fazer o que esse elemento queria.”

Após a leitura do cenário, os participantes deveriam responder a três questões. A primeira fazia referência à vivência da situação. Caso a situação já tivesse ocorrido com o próprio, era pedido que identificasse o seu papel na situação, associando-se ao elemento 1 ou ao elemento 2. Finalmente, era pedido que descrevesse o desfecho da situação, num conjunto de quatro possíveis saídas que representavam diferentes níveis de coerção sexual: 0, representativo de que nada acontece; 1, representativo da existência de relações sexuais por consentimento de ambos; 2, representativo da existência de relações sexuais sem o consentimento ou recusa claramente expressa (acomodação); e 3, representativo da existência de relações sexuais, contra a vontade expressa de um dos elementos (resistência).

Na situação do participante referir na primeira questão que a situação nunca tinha ocorrido, esta não era considerada para a caracterização do comportamento de coerção sexual, mas entendida como uma tendência para se identificar com um dos papéis (vítima ou perpetrador) e atitude face à coerção sexual, expressa na sua dimensão de intencionalidade comportamental.

A partir deste instrumento, foi permitido encontrar a existência três perfis: 1) Vítima: sujeitos que só se identificam com o papel de vítima nos cenários de ocorrência real e têm vivências de coerção; 2) Perpetrador: sujeitos que só se identificam com o papel de perpetrador nos cenários de ocorrência real e nunca vivenciaram a situação de coerção; e por último, 3) Misto: sujeitos que tanto se identificam com o papel de vítima como o papel de perpetrador.

### **5.3.3. Questionário de Agressividade de Buss-Perry (AQ; Simões, 1993) (Anexo E)**

No que respeita à avaliação da agressividade enquanto conceito multidimensional é de referir o *Questionário de Agressividade (AQ)* desenvolvido originalmente por Buss e Perry em 1992 e adaptado para a população portuguesa por Simões (1993).

O Questionário de Agressividade (AQ) tem como objetivo principal avaliar comportamentos agressivos e é composto por 29 itens. Segundo os autores, este questionário permite avaliar quatro subtraços da agressividade. As quatro subescalas são: Raiva (itens 1, 9, 12, 18, 19, 23 e 28), Agressividade Física (itens 2, 5, 8, 11, 13, 16, 22, 25, 29), Hostilidade (itens 3, 7, 10, 15, 17, 20, 24) e Agressividade Verbal (itens 4, 6, 14, 21 e 27).

Portanto, as subescalas “Agressividade Física” e “Agressividade Verbal” representam a componente instrumental ou motora dos comportamentos que envolvem magoar o outro, onde um dos objetivos principais é a tentativa de exercer poder sobre o outro, a “Raiva” representa a componente emocional do comportamento agressivo e a “Hostilidade” é a

componente cognitiva do comportamento e consiste nos pensamentos de maldade e injustiça (Buss & Perry, 1992).

As opções de resposta do questionário são compostas por uma escala de *Likert* de cinco pontos, em que 1 representa “*Nada a ver comigo*” e 5 “*Tudo a ver comigo*”. A cotação do instrumento é feita com base no somatório do resultado obtido em cada item (de 1 a 5), e o instrumento não tem pontes de corte. Como exemplos dos itens, “*1 - De vez em quando não consigo controlar a necessidade de bater noutra pessoa*”; “*10 – Quando não estou de acordo com os meus amigos, digo-lhes abertamente*”; “*15 – Exalto-me facilmente, mas recupero rapidamente*”; “*22 – De vez em quando tenho muita inveja dos outros*”.

No estudo que deu origem à tradução do instrumento para a língua portuguesa o autor verificou a existência de alfas de *Cronbach* satisfatórios à exceção da subescala “Agressão Verbal”, .88 para a escala total .76 para a “Agressão Física”, .56 para a “Agressão Verbal”, .79 para a “Raiva”, .76 para a “Hostilidade” (Cunha & Gonçalves, 2012).

#### **5.3.4. Inventário Short Dark Tetrad (SD4; Martins et al., 2020) (Anexo F)**

Para a avaliação dos traços patológicos da personalidade, foi utilizada uma adaptação para a língua portuguesa do inventário Short Dark Tetrad (Martins et al., 2020), da versão original do mesmo (Paulhus et al., 2020). Este inventário é composto por 30 questões, às quais os participantes respondem com uma das cinco respostas possíveis (1 = discordo fortemente; 2 = discordo; 3 = neutro; 4 = concordo; 5 = concordo fortemente). Divide as perguntas em quatro dimensões de acordo com as características de cada traço da Tetrad, como Maquiavelismo (itens de 1 a 7), Narcisismo (itens de 8 a 14), Psicopatia (itens de 15 a 22) e Sadismo (itens de 23 a 30).

No estudo que deu origem à validação deste instrumento, os autores verificaram a existência de alfas de *Cronbach* satisfatórios, .76 para a subescala de Maquiavelismo, .80 para a subescala de Narcisismo, .80 para a subescala de Psicopatia e .81 para a subescala do Sadismo (Paulhus et al., 2020). E no estudo que deu origem à adaptação para a língua portuguesa, os autores verificaram os seguintes alfas de *Cronbach*, .58 para a subescala de Maquiavelismo, .77 para a subescala de Narcisismo, .75 para a subescala de Psicopatia e .78 para a subescala do Sadismo (Martins et al., 2020).

### 5.3.5. Inventário de Personalidade dos Cinco Fatores (NEO-FFI-60; Lima & Simões, 2000) (Anexo G)

O inventário de cinco fatores (*NEO-FFI*) de 60 itens foi utilizado para desenvolver uma medida concisa dos cinco fatores básicos de personalidade (Costa & McCrae, 1989). Para a avaliação dos traços de personalidade, foi utilizada uma adaptação para a língua portuguesa do inventário dos cinco fatores de personalidade *NEO-FFI* (Lima & Simões, 2000), constituindo uma versão reduzida do original *NEO-PI-R* (Costa & McCrae, 1992).

É uma medida baseada na teoria dos *Big Five* e é composto por 60 itens que avaliam as cinco dimensões da personalidade, à subescala Neuroticismo pertencem os itens: 1, 6, 11, 16, 21, 26, 31, 36, 41, 46, 51, 56, à subescala Extroversão os itens: 2, 7, 12, 17, 22, 27, 32, 37, 42, 47, 52, 57, à subescala Abertura à Experiência correspondem os itens: 3, 8, 13, 18, 23, 28, 33, 38, 43, 48, 53, 58, à subescala Amabilidade os itens 4, 9, 14, 19, 24, 29, 34, 39, 44, 49, 54, 59 e por último, a subescala Conscienciosidade é constituída pelos itens: 5, 10, 15, 20, 25, 30, 35, 40, 45, 50, 55, 60, sendo um total de 12 itens cada. Para cada afirmação apresentada, os sujeitos têm de responder utilizando uma escala do tipo *Likert* de 5 pontos (0 – Discordo fortemente; 1 – Discordo; 2 – Neutro; 3 – Concordo; 4 – Concordo fortemente).

O Neuroticismo avalia a adaptação versus instabilidade. Identifica indivíduos preocupados, nervosos, inseguros emocionalmente, com sentimentos de incompetência e respostas de *coping* inadequadas (Lima, 1997), a Extroversão caracteriza-se por indivíduos que são sociáveis, otimistas, dinâmicos (Lima, 1997; McCrae & Costa, 1989), afirmativos, afetuosos e conversadores (Lima, 1997), a Abertura à Experiência tem como componentes a fantasia, a sensibilidade estética, a amplitude dos sentimentos (Lima 1997; McCrae & Costa, 1989), a abertura a ideias e o juízo independente, a Amabilidade baseia-se em indivíduos amáveis que são especialmente altruístas, simpáticos, prestáveis (Lima, 1997; McCrae & Costa, 1989), benevolentes, dispostos a acreditar nos outros e com tendência a perdoar (Lima, 1997), por último, a Conscienciosidade avalia o grau de organização, persistência (Lima, 1997, McCrae & Costa, 1989) e motivação pelo comportamento orientado para um objetivo (Lima, 1997).

No presente estudo, a tradução utilizada do instrumento foi a de Lima e Simões (2000), esta foi também utilizada por Pedroso-Lima et al. (2014) e por Magalhães et al. (2014) nos seus estudos de validação do instrumento. Assim, em Portugal a fiabilidade interna apurada por Magalhães et al. (2014), foram .81 para a Conscienciosidade, .81 para o Neuroticismo, .75 para a Extroversão, .72 para a Amabilidade e .71 para a Abertura à Experiência.

## **5.4. Procedimentos**

### **5.4.1. Recolha de dados**

O primeiro passo para a recolha de dados consistiu na elaboração de uma plataforma online de recolha de dados.

A presente plataforma tem início com a apresentação do estudo em questão e com o preenchimento do Consentimento Informado. Seguidamente é apresentado o protocolo de recolha de dados, mais especificamente: o Questionário Sociodemográfico, o Questionário Precursor de Relações Sexuais, o Short Dark Tetrad (SD4), o Inventário de Personalidade (NEO-FFI) e, por último, o Questionário de Agressividade de Buss-Perry (AQ).

Depois de elaborada, a plataforma foi partilhada através das redes sociais e de contactos informais, de modo a aumentar a diversidade das características sociodemográficas da amostra.

O período de recolha iniciou-se no mês de Outubro, tendo a plataforma sido encerrada no final do mês de Janeiro de 2019.

### **5.4.2. Tratamento de dados**

Posteriormente à recolha dos dados dos participantes da presente investigação, os dados foram inseridos e analisados utilizando o programa de tratamento de dados estatísticos *Statistical Package for the Social Sciences (IBM SPSS Statistics – Versão 25.0)* e também com recurso ao *software AMOS v.21*. As técnicas estatísticas foram selecionadas tendo em consideração as características da amostra e os objetivos do estudo, de forma a serem as mais adequadas.

Inicialmente, realizou-se uma análise descritiva das variáveis sociodemográficas dos participantes. Recorrendo às ferramentas de cálculo estatístico do software foi possível fazer uma caracterização da amostra. Os valores da frequência e da percentagem, assim como da média e do desvio-padrão, foram utilizados na análise da amostra recolhida.

A análise fatorial confirmatória foi efetuada no *software AMOS*, e os índices de ajustamento foram calculados através do: Qui-quadrado/graus de liberdade, CFI (Comparative Fit Index), RMSEA (Root Mean Square Error of Approximation) e *IFI (Incremental Fit Index)*.

## **6. Resultados**

### **6.1. Caracterização da amostra**

No presente estudo, a amostra final é constituída por 112 indivíduos, 84 do género feminino (75%) e 28 do género masculino (25%), com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos de idade ( $M = 22.69$ ;  $DP = \pm 2.356$ ), com uma média de escolaridade de 15.15 anos ( $DP = \pm 2.255$ ). Todos os elementos são de nacionalidade Portuguesa.

Embora a maioria dos participantes resida em Portugal continental – Alentejo (9.8%), Algarve (63.4%), Beira Interior (1.8%), Beira Litoral (1.8%), Douro e Minho (5.4%), Estremadura, Ribatejo (13.4%), Trás-os-Montes e Alto Douro (0.9%) – 3.6% da amostra vivem na Região Autónoma da Madeira e dos Açores.

No que concerne a profissão, do total de participantes selecionados, 5 encontram-se em situação de desemprego ou à procura do primeiro emprego (4.5%), 54 são estudantes a tempo inteiro (48.2), 27 são trabalhadores por conta de outro (24.1%), 6 são trabalhadores por conta própria (5.4%), e, por último, 20 têm estatuto de trabalhador-estudante (17.9%).

Na descrição da caracterização da história relacional dos indivíduos podemos observar que 75% dos inquiridos encontram-se, atualmente numa relação, com uma duração média de 40.69 meses ( $DP = 48.72$  meses), dos quais 86.9% consideram ser uma relação estável e 83.3% consideram ser monogâmica ou exclusiva. A totalidade das relações são heterossexuais. Apenas 4.5% dos indivíduos referem nunca ter estado num relacionamento a longo prazo.

Em relação a história clínica e psiquiátrica dos indivíduos, não se encontraram compromissos clínicos ou psiquiátricos relevantes ao estudo.

### **6.2. Caracterização da coerção sexual nos estudantes universitários**

A medida de coerção sexual foi, tal como referido anteriormente, construída para o efeito. A sua análise implicou diferenciar, para cada participante, os cenários onde a resposta se baseava na experiência pessoal do mesmo, daqueles onde respondeu de forma hipotética.

Iniciamos por descrever a frequência da ocorrência dos cenários.

Do total de participantes no estudo, 94 dos indivíduos apresentam um perfil misto, sendo que nem sempre identificam a situação como nefasta, 11 indivíduos apresentam-se como vítimas, ou seja, são as pessoas que têm identificação com a vítima e têm vivências reais de coerção sexual, 3 indivíduos apresentam-se com um perfil de perpetrador, sendo que identificam-se com o perpetrador e nunca vivenciou situações de coerção, por último, 4

indivíduos têm um perfil denominado de sem experiência, sendo as pessoas que nunca passam por experiência nenhuma.

No presente estudo, a escala apresenta ( $M = .7321$ ;  $DP = 1.356$ ).

### **6.2.1. Frequência dos cenários**

Foi conduzida uma análise de frequências, referente às respostas fornecidas à situação já ter ocorrido previamente. A Figura 6.1. pretende representar graficamente a frequência de respostas positivas, que se traduzem na percentagem de ocorrência dos diferentes cenários.

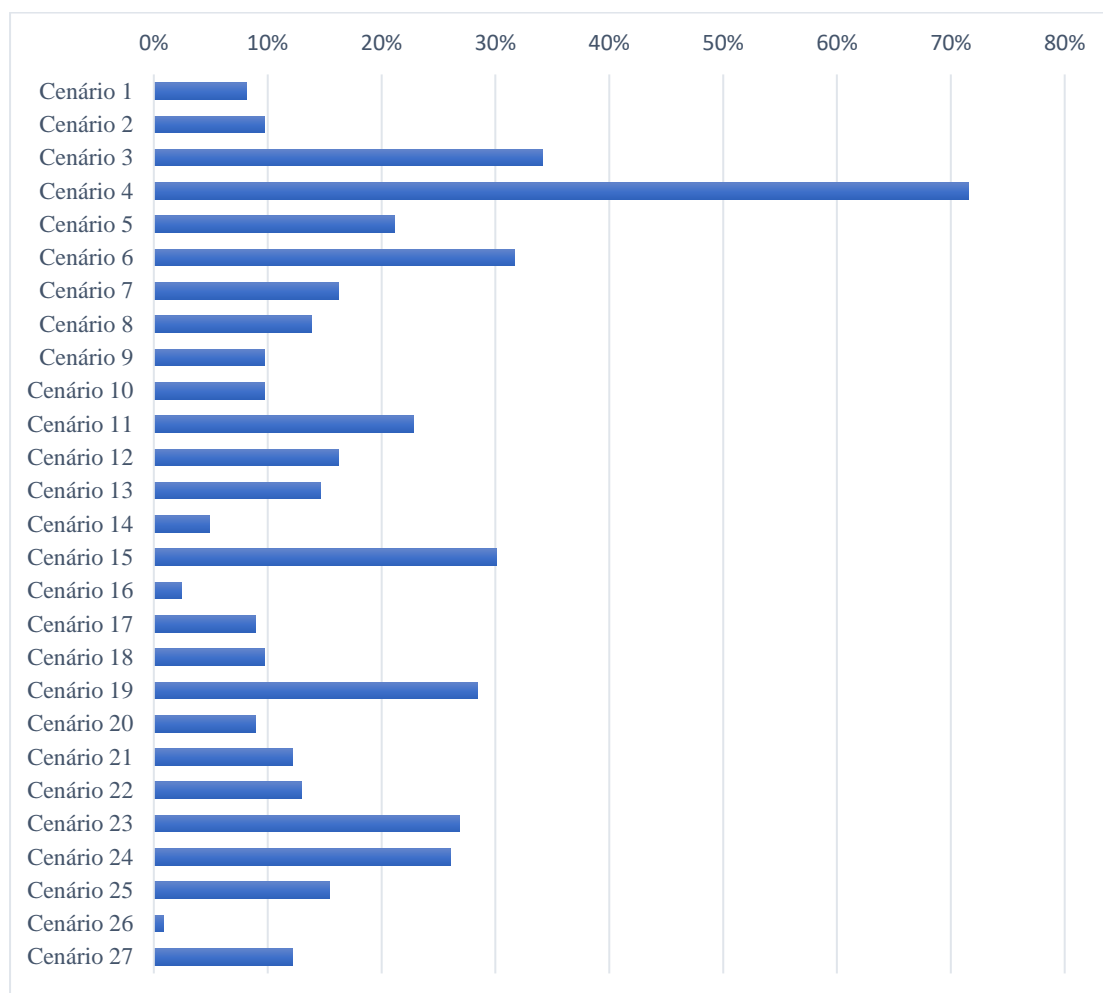
Os resultados mostram que todos os cenários foram assinalados como já tendo ocorrido previamente. Dos cenários com maior frequência de resposta positiva, encontra-se o cenário 4 (72 %) que se refere aos toques e carícias para obter sexo, o cenário 3 (34 %) que remete para comprar a pessoa com ofertas para ter sexo, o cenário 6 (32%) que remete aos toques e carícias para obter sexo e o cenário 15 (30%) que se refere à intoxicação por álcool para obter sexo.

Segue o exemplo do cenário mais prevalente:

“Um casal decide fazer um programa simples de sábado à noite e ficam por casa a ver um filme, na televisão. Durante o filme, o elemento 1 começa a procurar o elemento 2, acariciando a perna, beijando o pescoço e dando a entender, subtilmente, que está com vontade de ter relações sexuais. O elemento 2 tenta desviar as investidas do elemento 1, que se vão tornando mais claras e persistentes, com toques mais próximos, mais acesos e em locais mais erógenos.”

**Figura 6.1.**

*Frequência da ocorrência real dos cenários apresentados*



É notório o facto de nenhum cenário estar a 0%, portanto observa-se que existe sempre uma ocorrência de coerção sexual. Na presente amostra, de 112 indivíduos só 4 é que nunca vivenciaram nenhuma ocorrência de coerção sexual. O resto dos indivíduos da amostra já passaram por alguma situação de coerção sexual.

Dentro dos cenários mais prevalentes, no que diz respeito ao cenário 4, não há associação ao sexo ( $\chi^2 = 2.100, p = .147$ ), no cenário 3 também não há associação ao sexo ( $\chi^2 = .346, p = .556$ ), no cenário 6 não há associação ao sexo ( $\chi^2 = .014, p = .006$ ) e no cenário 15 também não há associação ao sexo ( $\chi^2 = .056, p = .812$ ). É possível verificar que ser homem ou mulher, nos que já aconteceu ou no que não aconteceu, é idêntico, portanto, as proporções são semelhantes entre grupos.

### 6.2.2. Identificação do perfil

A questão seguinte pedia aos participantes que identificassem o seu papel no cenário. Os cenários eram indistintos do ponto de vista do sexo, pelo que não faziam referência a quem era homem ou mulher.

Foram apenas contabilizadas as respostas, de cada participante, perante a identificação do cenário como tendo ocorrido na realidade. As respostas com base hipotética não foram consideradas para esta análise. Foi então contabilizado o número de vezes em que cada participante se identificou com o papel da vítima e o número de vezes em que cada participante se identificou com o papel do perpetrador.

Considerado cada pontuação, podemos então observar a existência de três condições: 1) vítima – indivíduos que apenas se identificam com o papel de vítimas nos cenários de ocorrência real; 2) perpetrador – indivíduos que apenas se identificam com o papel de perpetradores nos cenários de ocorrência real; e 3) misto – indivíduos que tanto se identificam com o papel de vítimas como com o papel de perpetrador. No total da amostra, 94 das pessoas têm um perfil misto (83.9%), 3 são perpetradores (2.7%) e 11 são as vítimas (9.8%). De todos os indivíduos questionados, 4 nunca tiveram qualquer experiência real coerciva.

Em média, cada participante assinalou cerca de 3 cenários como vítima ( $M = 3.080$ ,  $DP = 2.989$ ) e entre 1 e 2 cenários como perpetrador ( $M = 1.598$ ,  $DP = 2.354$ ). O máximo de situações como vítima foram 12 e o máximo de perpetuação foram 18 ocorrências.

A comparação de médias entre grupos independentes, referente ao sexo, mostra que existem diferenças entre homens e mulheres.

**Tabela 6.1.**

*Comparação de médias (Mann-Whitney) entre os grupos independentes Homens e Mulheres*

	<b>Grupo</b>	<b>N</b>	<b>Média</b>	<b>DP</b>	<b>U</b>	<b>p</b>
Perpetuador	Mulher	84	0.929	1.073	503.0	<.001
	Homem	28	3.607	3.695		
Vítima	Mulher	84	3.381	2.866	1516.5	0.021
	Homem	28	2.179	2.855		

Os homens apresentam uma média de resposta mais elevada como perpetradores. Em média, respondem ter perpetrado situações de coerção entre 3 e 4 cenários, enquanto as

mulheres respondem ter perpetuado situações de coerção em 1 cenário. No que toca ao papel de vítima, apesar de diferenças estatisticamente significativas, as médias são mais equilibradas. As mulheres referem ser vítimas em cenários de coerção sexual em cerca de 3 situações das 27 descritas. Os homens, por sua vez, identificam-se com o papel da vítima em cerca de 2 cenários, dos 27 possíveis.

### **6.2.3. Caracterização da severidade das ocorrências de coerção sexual**

A severidade foi observada através da identificação do resultado da situação vivida. Foi contabilizado, para cada cenário com ocorrência real, a conclusão da situação: (0) o perpetrador não atinge o seu objetivo; (1) conformismo com a situação e aceitação da mesma; (3) conformismo com a situação, sem aceitação da mesma; (4) inconformação com recusa verbal, porém, com sucesso para o perpetrador. Esta última situação, seria considerada uma situação clássica de violação, contudo para evitar enviesamento, não foi referida a palavra violação na resposta.

Foi calculada a frequência da resposta por nível de severidade que nos indica em que medida, perante a ocorrência das situações de forma real, qual foi a percentagem de vezes em que essas situações variaram na conclusão da situação.

De todos os cenários com respostas positivas, 89.1% das situações evoluem favoravelmente, que a coerção não surte o efeito pretendido. Em cerca de 8.3% das situações, há conformação com a situação e consentimento da relação sexual. Em 2.4% das respostas há conformação com a situação, porém sem consentimento. Nestes casos, a vítima não verbaliza a sua recusa. Finalmente, apenas 0.21% das situações (singularmente, 7 ocorrências) existe inconformação com a situação, existe recusa verbal, havendo, contudo, relações sexuais por imposição da vontade do perpetrador.

Se considerarmos a totalidade das respostas, incluindo as situações respondidas de forma hipotética, observa-se uma ligeira polarização das respostas; seguindo a mesma lógica de apresentação, 71.5% para o grau 0, 21.2% para o grau 1, 5.9% para o grau 2 e 1.4% para o grau 3.

## **6.3. Caracterização geral das variáveis Personalidade e Agressividade**

Foram utilizadas duas medidas de traços de personalidade, uma referente às dimensões gerais do modelo *Big Five* (neuroticismo, extroversão, abertura à experiência, amabilidade e conscienciosidade) e do modelo *Dark Tetrad* (psicopatia, narcisismo, maquiavelismo e sadismo). Foi também medida a agressividade enquanto traço, através das dimensões do

questionário de agressividade de Buss-Perry, que mede a hostilidade, agressividade verbal, agressividade física e raiva.

Foi observada a validade facial de cada instrumento com recurso ao alfa de *Cronbach*, cujo valor de referência deverá ser pelo menos .60, para que assim se considere preservada a fiabilidade interna do mesmo. Em seguida apresentam-se os resultados da fiabilidade interna dos instrumentos utilizados neste estudo.

**Tabela 6.2.**

*Medidas descritivas das variáveis personalidade, agressividade e coerção sexual*

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-Padrão	A
<b>Personalidade: Dark Tetrad</b>					
Maquiavelismo	1.29	4.71	2.86	.670	.662
Narcisismo	1.00	4.71	2.73	.705	.794
Psicopatia	1.00	4.50	2.00	.713	.809
Sadismo	1.00	4.13	1.89	.641	.802
<b>Agressividade Traço</b>					
Agressividade (Total)	29.00	102.00	59.25	13.48	.892
Raiva	7.00	22.00	14.10	3.40	.709
Agressão física	9.00	34.00	17.63	4.96	.776
Hostilidade	8.00	28.00	18.26	3.79	.616
Agressão verbal	5.00	19.00	9.26	2.89	.637
<b>Personalidade (NEO-FFI)</b>					
Neuroticismo	9.00	17.00	12.54	1.708	.872
Extroversão	7.00	19.00	13.00	2.172	.735
Abertura à experiência	8.00	18.00	13.45	2.039	.659
Amabilidade	7.00	16.00	11.78	1.685	.693
Conscienciosidade	8.00	20.00	14.31	1.995	.861

Os valores obtidos nas medidas de fiabilidade interna são similares aos obtidos nos estudos originais.

A Escala *Short Dark Tetrad*, avalia os traços patológicos da personalidade. A média na subescala Maquiavelismo foi de 2.86 ( $DP=0.67$ ), valor abaixo do constatado para a população normal pelos autores Paulhus et al. (2020), que observaram uma média de 3.35 ( $DP=0.67$ ). A

subescala Narcisismo no presente estudo apresenta uma média de 2.73 ( $DP=0.70$ ), também se encontra num valor abaixo do constatado para a população normal, que foi observada uma média de 2.95 ( $DP=0.75$ ). A subescala psicopatia apresenta uma média de 2,00 ( $DP=0.71$ ) na presente amostra, superior à obtida pelos autores Paulhus et al. (2020), que apresentam uma média de 1.91 ( $DP=.72$ ) para esta subescala. Por último, o sadismo apresenta uma média de 1.89 ( $DP=0.64$ ) valor abaixo do constatado pelos autores anteriores para a população normal, onde foi observada uma média de 2.24 ( $DP=0.89$ ).

A Escala de *Agressividade*, onde são avaliados os comportamentos agressivos é composta por quatro subescalas. A amostra deste estudo apresenta uma média de 14.10 ( $DP=3.40$ ) para a subescala Raiva, valor abaixo do constatado para a população normal pelos autores Cunha e Gonçalves (2012), que observaram uma média de 15.50 ( $DP=4.82$ ) para esta subescala. A subescala Agressão Física, nesta amostra apresenta uma média de 17.63 ( $DP=4.96$ ), superior à obtida pelos autores anteriores, que registaram uma média de 16.52 ( $DP=5.75$ ). A subescala Hostilidade no presente estudo apresenta uma média de 18.26 ( $DP=3,79$ ) também superior à obtida pelos autores Cunha e Gonçalves (2012), que apresentaram uma média de 18.10 ( $DP=5.05$ ) para esta subescala. A subescala Agressão Verbal na amostra deste estudo apresentou uma média de 9.26 ( $DP=2.89$ ), valor abaixo do constatado pelos autores anteriores que observaram uma média de 13.03 ( $DP=2.80$ ) para esta subescala. Por último, a subescala de Agressividade Total apresentou uma média de 59.25 ( $DP=13.48$ ) para este estudo, enquanto que os autores Cunha e Gonçalves (2012) apresentaram uma média de 63.15 ( $DP=14.29$ ) para a população normal.

A Escala *NEO-FFI*, corresponde à avaliação dos cinco domínios da personalidade. A subescala Neuroticismo apresentou uma média de 12.54 ( $DP=.708$ ) no presente estudo, valor abaixo do constatado para a população normal pelos autores Pedroso-Lima et al. (2014), que observaram uma média de 23.92 ( $DP=7.46$ ). A subescala Extroversão no presente estudo apresenta uma média de 13.00 ( $DP=.172$ ), também inferior à obtida pelos autores Pedroso-Lima et al. (2014), que foi uma média 29.55 ( $DP=6.01$ ). A subescala Abertura à Experiência apresentou neste estudo uma média de 13.45 ( $DP=.039$ ), também inferior à obtida pelos autores, que apresentaram uma média de 27.54 ( $DP=6.30$ ) (Pedroso-Lima et al., 2014). A subescala Amabilidade apresentou uma média de 11.78 ( $DP=.685$ ), também valor abaixo do constatado pelos autores anteriores que observaram uma média de 32.49 ( $DP=5.61$ ) para esta subescala. Por último, a subescala Conscienciosidade que apresentou uma média de 14.31 ( $DP=.995$ ) para este estudo, enquanto que os autores Pedroso-Lima et al. (2014) apresentaram uma média de 34.26 ( $DP=6.31$ ) para a população normal.

### 6.3.1. Comparação entre grupos independentes (sexo)

**Tabela 6.3.**

*Teste de comparação de médias Mann-Whitney por grupos independentes (sexo)*

	<b>Grupo</b>	<b>N</b>	<b>Média</b>	<b>DP</b>	<b>U</b>	<b>p</b>
Neuroticismo	Mulher	84	12.619	1.707	1315.0	0.344
	Homem	28	12.286	1.718		
Extroversão	Mulher	84	12.988	2.039	1207.5	0.833
	Homem	28	13.036	2.575		
Abertura à experiência	Mulher	84	13.798	1.993	1660.0	0.001
	Homem	28	12.393	1.833		
Amabilidade	Mulher	84	11.714	1.760	1055.5	0.411
	Homem	28	11.964	1.453		
Conscienciosidade	Mulher	84	14.381	1.907	1254.0	0.596
	Homem	28	14.107	2.266		
Maquiavelismo	Mulher	84	2.741	0.629	721.0	0.002
	Homem	28	3.209	0.680		
Narcisismo	Mulher	84	2.607	0.671	724.5	0.002
	Homem	28	3.117	0.676		
Psicopatia	Mulher	84	1.856	0.631	650.0	< .001
	Homem	28	2.451	0.769		
Sadismo	Mulher	84	1.679	0.467	345.0	< .001
	Homem	28	2.531	0.676		
Agressividade (Total)	Mulher	84	57.024	12.425	727.5	0.003
	Homem	28	65.929	14.432		
Raiva	Mulher	84	13.655	3.164	820.5	0.017
	Homem	28	15.429	3.785		
Agressividade Física	Mulher	84	16.726	4.521	690.0	0.001
	Homem	28	20.357	5.279		
Hostilidade	Mulher	84	17.738	3.588	786.5	0.009
	Homem	28	19.821	4.028		

	<b>Grupo</b>	<b>N</b>	<b>Média</b>	<b>DP</b>	<b>U</b>	<b>p</b>
Agressividade Verbal	Mulher	84	8.905	2.696	844.5	0.025
	Homem	28	10.321	3.232		

Os homens e mulheres desta amostra são estatisticamente diferentes no que se refere à abertura à experiência, em que tendencialmente parecem ser as mulheres a apresentar maior pontuação nesta dimensão de personalidade; na psicopatia, narcisismo, maquiavelismo e sadismo, sendo que são os homens que pontuam de forma mais elevada nestas dimensões de personalidade; e em todas as dimensões da medida de agressividade, em que os homens tendem a apresentar médias de resposta superior, sugerindo maior tendência a comportamentos agressivos.

#### **6.4. Análise Confirmatória do Modelo Teórico**

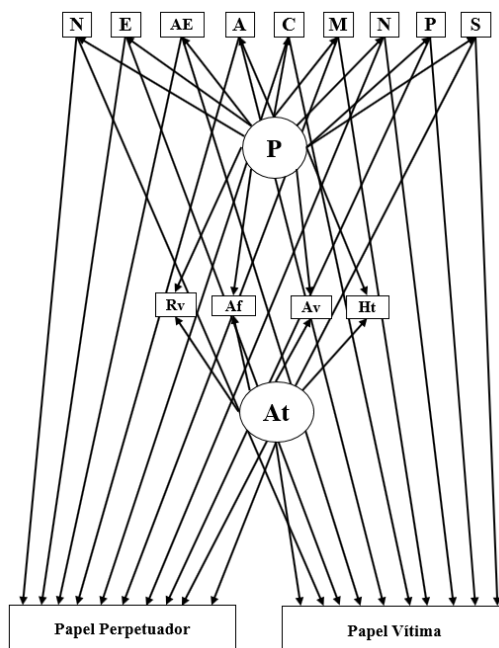
A análise confirmatória do modelo teórico fez-se com recurso ao programa AMOS 7.0, complementar ao SPSS. Apesar das suas técnicas estatísticas parecerem semelhantes à partida, estas apresentam algumas diferenças. Particularmente, a análise confirmatória de um modelo teórico procura testar hipóteses estatísticas sobre relações entre variáveis observadas e latentes (Hoyle, 1995). Como parte integrante do modelo encontram-se as variáveis observadas (as que foram medidas), as variáveis latentes (relações específicas estabelecidas entre as variáveis). As relações que então se estabelecem num modelo, podem ser de três tipos de acordo com o autor Hoyle (1995):

- De associação, que caracteriza uma relação entre duas variáveis, não direcionada. Idêntica à relação correlacional.
- De efeito direto, quando se verifica uma relação direta entre duas variáveis, sem o intermédio de uma terceira. Este tipo de informação é idêntico à fornecida pela ANOVA ou pela regressão múltipla. Caracteriza, dentro do modelo, a relação entre uma variável independente e uma variável dependente.
- De efeito indireto, que caracteriza o efeito de uma variável independente numa variável dependente, mediado por outras variáveis. A soma dos efeitos, direto e indireto, de uma variável independente sobre uma variável dependente, origina o efeito total dessa mesma variável.

Como tal, sugeriu-se o seguinte modelo, com base nas relações exploratórias encontradas.

**Figura 6.2.**

*Modelo representativo das variáveis endógenas, exógenas, residuais e suas relações*



*Nota.* N – Neuroticismo; E – Extroversão; AE – Abertura à Experiência; A – Amabilidade; C – Conscienciosidade; M – Maquiavelismo; N – Narcisismo; P – Psicopatia; S – Sadismo; P – Personalidade; Rv – Raiva; Af – Agressão física; Av – Agressão Verbal; Ht – Hostilidade; At – Agressividade Total.

Segundo o nosso modelo, as dimensões da personalidade observadas contribuem para a variável latente personalidade, que por sua vez, explica as dimensões da agressividade; a agressividade, enquanto variável latente, irá explicar a vitimização e a perpetuação. Considerou-se ainda, que as dimensões observadas da personalidade deverão explicar o comportamento quer de perpetrador quer de vítima.

Em suma, concerne na personalidade a explicar a agressividade e a agressividade por sua vez a explicar o papel que se assume no comportamento coercivo.

Procurou-se então, observar através da estatística do Qui-Quadrado o ajustamento, ou *Fit*, do modelo encontrado. Segundo Hoyle (1995), diz-se que um modelo ajustou aos dados observados quando a matriz de covariação teórica é equivalente à matriz de covariação encontrada com os dados da amostra. Esta comparação é assim realizada pela distribuição do Qui-Quadrado, pelo teste do bom ajustamento, que é considerado uma das medidas essenciais para tal leitura (Barret, 2007).

Deste modo, o ajustamento foi lido por esta estatística, pretendendo-se que as diferenças encontradas entre a matriz de correlações e a distribuição do teste não fossem significativas ( $p \geq 0.05$ ). Não obstante, o crescimento dos erros na matriz aumenta com a diminuição da amostra, por exemplo, o que cria fortes problemas escolha da estatística adequada.

Para contornar este problema, utilizámos outros índices de ajustamento, tais como *RMSEA* (*Root mean square error of approximation*, que deverá ser inferior a 0.05), o *IFI* (*Incremental fit index*, que deverá ser superior a 0.95) e o *TLI* (*Tucker-Louis fit index*, que deverá ser superior a 0.95) (Bollen & Long, 1993).

#### **Tabela 6.4.**

*Medidas de bom ajustamento e de indexes de ajustamento do modelo*

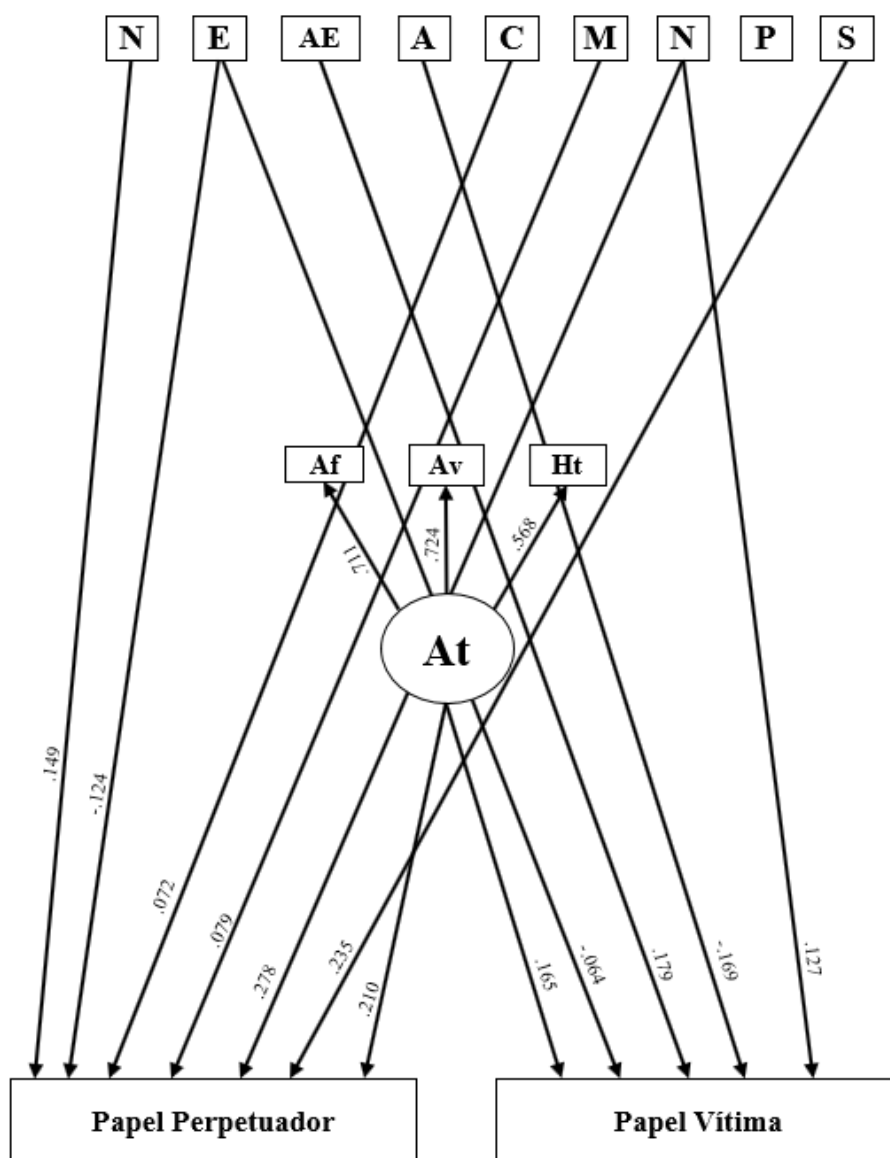
<b>Medida de Ajustamento</b>	<b>Valor do teste</b>
<i>Qui-Quadrado</i> ( $P \geq 0.05$ )	106.796 df=68 p=.002 CMIN/DF=1.571
<i>RMSEA</i> ( $\leq 0.50$ )	.065
<i>IFI</i> ( $\geq 0.95$ )	.941
<i>TLI</i> ( $\geq 0.95$ )	.904

O modelo mostrou que as dimensões da personalidade não contribuem para uma variável única de personalidade. O seu efeito sobre a agressividade não foi, por isso, estatisticamente significativo. As dimensões de personalidade, e a agressividade, explicada por parte das suas dimensões, contribuíram para explicar as respostas referente à identificação com o papel de vítima ou com o papel de perpetrador. A capacidade explicativa de cada traço varia de acordo com a variável de saída considerada.

Em seguida apresenta-se o modelo reduzido aos efeitos de regressão significativos ( $p < .050$ ) entre variáveis endógenas observadas e latentes (dimensões de personalidade e agressividade) e as variáveis exógenas (vitimização e perpetuação).

**Figura 6.3.**

*Modelo com as relações estatisticamente significativas entre as variáveis*



*Nota.* N – Neuroticismo; E – Extroversão; AE – Abertura à Experiência; A – Amabilidade; C – Conscienciosidade; M – Maquiavelismo; N – Narcisismo; P – Psicopatia; S – Sadismo; P – Personalidade; Rv – Raiva; Af – Agressão física; Av – Agressão Verbal; Ht – Hostilidade; At – Agressividade Total.

A personalidade, nomeadamente os traços gerais de personalidade (*Big five*) como também os traços da *Dark Tetrad*, parecem ter poder explicativo relativamente ao facto de o indivíduo adotar um papel de perpetuação ou um papel de vitimização. Mas, como normalmente, o papel dos indivíduos é misto, denota-se que ambos explicam quase de forma semelhante os dois perfis.

As seguintes dimensões, Neuroticismo (.149), Conscienciosidade (.072), Maquiavelismo (.079) e Sadismo (.235) estão associadas ao papel de perpetrador. O maior contributo é efetuado pelo neuroticismo e pelo sadismo, que explicam uma maior variação da resposta dos comportamentos de perpetrador.

Já as dimensões Abertura à Experiência (.179) e Amabilidade (-.169) possuem um efeito direto só no papel de vítima. Parecem ser os indivíduos com maior abertura à experiência e menor amabilidade que se identificam mais com o papel de vítima.

No entanto, a dimensão Extroversão correlaciona-se negativamente com ambos os papéis, com uma regressão negativa de -.124 para o papel de perpetrador e -.064 para o papel de vítima. Em termos de grandeza da explicação, esta dimensão parece explicar uma maior variação do papel de perpetuação. O Narcisismo explica mutuamente os dois papéis, (.127) para o papel de vítima e (.278) para o papel de perpetrador, ou seja, esta dimensão explica melhor o papel de perpetuação.

A agressividade explica ambos os papéis, contudo, contém um maior efeito direto na explicação do papel de perpetrador (.210) do que no papel de vítima (.165).

#### 6.4.1. Correlatos entre variáveis Personalidade e Agressividade.

De forma a evidenciar a existência de relação ou de não relação entre variáveis, recorreu-se à análise de correlação de *Pearson*. Este tipo de análise de correlação indica a forma como duas variáveis variam em conjunto, medindo a intensidade e a direção de relação entre as mesmas. Na seguinte tabela foram suprimidas as relações de correlações entre dimensões de uma mesma medida, que se apresentam anteriormente na descrição das variáveis.

**Tabela 6.5.**

*Correlações de pearson (apresentação em pares) entre as dimensões do modelo de personalidade Big-Five, do modelo Dark Tetrad e Agressividade*

			<b>r de Pearson</b>		<b>p</b>
Raiva	-	Neuroticismo	0.085		0.370
Raiva	-	Extroversão	0.188	*	0.047
Raiva	-	Abertura à experiência	-0.082		0.392
Raiva	-	Amabilidade	-0.053		0.581
Raiva	-	Conscienciosidade	-0.151		0.113

		<b>r de Pearson</b>		<b>p</b>	
Raiva	-	Maquiavelismo	0.283	**	0.003
Raiva	-	Narcisismo	0.253	**	0.007
Raiva	-	Psicopatia	0.503	***	< .001
Raiva	-	Sadismo	0.429	***	< .001
Agressividade física	-	Neuroticismo	-0.023		0.806
Agressividade física	-	Extroversão	0.072		0.451
Agressividade física	-	Abertura à experiência	-0.092		0.332
Agressividade física	-	Amabilidade	0.032		0.736
Agressividade física	-	Conscienciosidade	-0.110		0.247
Agressividade física	-	Maquiavelismo	0.225	*	0.017
Agressividade física	-	Narcisismo	0.250	**	0.008
Agressividade física	-	Psicopatia	0.534	***	< .001
Agressividade física	-	Sadismo	0.492	***	< .001
Hostilidade	-	Neuroticismo	0.059		0.536
Hostilidade	-	Extroversão	0.118		0.215
Hostilidade	-	Abertura à experiência	0.027		0.779
Hostilidade	-	Amabilidade	-0.040		0.674
Hostilidade	-	Conscienciosidade	-0.076		0.424
Hostilidade	-	Maquiavelismo	0.217	*	0.022
Hostilidade	-	Narcisismo	0.173		0.069
Hostilidade	-	Psicopatia	0.496	***	< .001

			<b>r de Pearson</b>		<b>p</b>
Hostilidade	-	Sadismo	0.360	***	< .001
Agressividade verbal	-	Neuroticismo	0.004		0.962
Agressividade verbal	-	Extroversão	0.014		0.881
Agressividade verbal	-	Abertura à experiência	-0.008		0.937
Agressividade verbal	-	Amabilidade	-0.066		0.491
Agressividade verbal	-	Conscienciosidade	-0.049		0.612
Agressividade verbal	-	Maquiavelismo	0.129		0.176
Agressividade verbal	-	Narcisismo	0.138		0.148
Agressividade verbal	-	Psicopatia	0.473	***	< .001
Agressividade verbal	-	Sadismo	0.381	***	< .001
Neuroticismo	-	Maquiavelismo	-0.003		0.976
Neuroticismo	-	Narcisismo	-0.088		0.355
Neuroticismo	-	Psicopatia	0.103		0.278
Neuroticismo	-	Sadismo	-0.031		0.747
Extroversão	-	Maquiavelismo	0.186	*	0.049
Extroversão	-	Narcisismo	0.269	**	0.004
Extroversão	-	Psicopatia	-0.015		0.873
Extroversão	-	Sadismo	0.114		0.232
Abertura à experiência	-	Maquiavelismo	0.017		0.855
Abertura à experiência	-	Narcisismo	-0.053		0.579

			<b>r de Pearson</b>	<b>p</b>
Abertura à experiência	-	Psicopatia	-0.168	0.077
Abertura à experiência	-	Sadismo	-0.250 **	0.008
Amabilidade	-	Maquiavelismo	0.051	0.590
Amabilidade	-	Narcisismo	0.099	0.298
Amabilidade	-	Psicopatia	0.040	0.674
Amabilidade	-	Sadismo	0.086	0.369
Conscienciosidade	-	Maquiavelismo	-0.032	0.737
Conscienciosidade	-	Narcisismo	0.004	0.969
Conscienciosidade	-	Psicopatia	-0.063	0.511
Conscienciosidade	-	Sadismo	-0.119	0.210

*Nota.* \*  $p < .05$ , \*\*  $p < .01$ , \*\*\*  $p < .001$

Os resultados sugerem que indivíduos com uma pontuação mais elevada na raiva são também mais extrovertidos, ainda que se trate de uma correlação fraca. De forma similar, indivíduos com uma pontuação mais elevada na dimensão da raiva, também apresentam maior tendência para o maquiavelismo e o narcisismo. Mais uma vez, estas correlações são fracas. As relações mais fortes estabelecem-se entre a raiva e a psicopatia, e a raiva e o sadismo, tratando-se de correlações positivas fortes entre as variáveis. O mesmo perfil de relação estatística observa-se com a agressividade física, que estabelece correlações positivas de intensidade fraca com o maquiavelismo e o narcisismo e forte com a psicopatia e o sadismo. A hostilidade apresenta também uma correlação positiva fraca com o maquiavelismo e de intensidade média com a psicopatia e o sadismo. A agressividade verbal apenas estabelece correlações de intensidade média com a psicopatia e sadismo.

De notar que não existem correlações entre os traços de personalidade do modelo *Big Five* com as dimensões da agressividade traço.

No que concerne a traços de personalidade dos dois modelos considerados, as correlações são fracas e não significativas, com exceção para a extroversão que se correlaciona de forma negativa, com fraca intensidade com o maquiavelismo e o narcisismo. A abertura à experiência correlaciona-se de forma negativa, com fraca intensidade, com o sadismo.

## 7. Discussão

Partimos do pressuposto inicial que a personalidade e o traço de agressividade desempenhariam um papel central na hipótese de um indivíduo utilizar estratégias coercivas para fins sexuais.

Para tal, definimos como objetivos: a construção de uma medida para avaliar a coerção sexual entre parceiros íntimos, adaptada à realidade portuguesa; a descrição da ocorrência de comportamentos coercivos em estudantes universitários; e o estabelecimento de uma relação explicativa entre a personalidade e a coerção sexual. De forma a avaliar os construtos propostos foi utilizado um protocolo composto por questionário sociodemográfico e instrumentos que avaliam as dimensões de coerção sexual (Questionário de Coerção Sexual, s.d.), o traço de agressividade (Questionário de Agressividade de Simões, 1993) e o construto da personalidade (Short Dark Tetrad de Martins et al., 2020; Inventário de Personalidade (NEO-FFI de Lima e Simões, 2000). Na amostra do estudo todos os instrumentos demonstraram uma boa consistência interna, alfa de *Cronbach*, superior ou igual aos valores apresentados nas versões originais e nas adaptações portuguesas.

Para avaliar a coerção sexual entre parceiros íntimos foi construída uma medida, adaptada à realidade portuguesa, que incluiu quatro grandes domínios: 1) excitação sexual preliminar para insistir em contato sexual (e.g., persistente beijar e tocar após a recusa); 2) a utilização de pressão psicológica e manipulação emocional (e.g., argumentos que utilizam o uso de culpa e obrigação); 3) o engano (e.g., utilização de mentiras, falsas promessas e chantagem); e 4) tirar o proveito de uma situação quando a pessoa se encontra intoxicada, seja por álcool ou drogas. A utilização de cenários permitiu-nos uma maior contextualização do comportamento, permitindo ao indivíduo identificar-se com a situação e projetar a sua ação, mesmo no campo hipotético (Wiederman & Whitley, 2012).

A proposta do instrumento era que os participantes identificassem se o cenário já tinha acontecido na realidade, qual o seu papel no desenrolar dos acontecimentos e ainda qual o desfecho da situação num contínuo de 4 pontos (desde nada até à agressão sexual total).

Do total dos participantes que referiram a ocorrência de comportamentos coercivos que conduziu a contacto sexual, 94 das pessoas apresentam um perfil misto, i.e., tanto se identificam como vítimas ou como perpetradores. Apenas 3 se apresentam exclusivamente perpetradores e 11 exclusivamente vítimas. É também importante referir que apenas 4 participantes nunca tiveram qualquer experiência real coerciva, o que levanta diversas questões sobre a forma como a coerção poderá ser muito comum entre parceiros íntimos, ainda que não seja percebido como algo negativo ou incorreto e que conduza a contacto sexual. Para estudos

futuros, importa saber se é de conhecimento comum a percepção subjetiva da coerção sexual? E o porquê de ser visto como um comportamento normativo na nossa sociedade?

Costa e Sani (2007), por exemplo, observaram uma prevalência do perfil da perpetração em relação à coerção sexual de 19,8% e um padrão de vitimização da coerção sexual foi 24,4%. No presente estudo, os dados referentes à prevalência de coerção sexual, demonstraram que 9,8% dos participantes se identificam como vítimas e 2,7% dos participantes se identificam como perpetradores. Apesar destes valores serem inferiores à amostra do estudo anterior, o facto de existir uma generalidade de perfis mistos sugere a ideia de aceitação e prática difundida de coerção. Assim, é de notar que cada indivíduo tem uma percepção diferente acerca do construto de coerção sexual e, devido a isso, a existência de tantos perfis mistos na presente amostra, porque o mesmo indivíduo que é vítima também é perpetrador. Devido a focar-se em pessoas que apresentam um perfil misto, futuramente, sugere-se uma análise prévia da amostra, para que se consiga trabalhar maioritariamente só com pessoal com perfil de perpetuação e de vitimização.

Neste estudo, ao considerarmos o construto de coerção sexual utilizámos quatro estratégias coercitivas que incidem nos comportamentos clássicos deste comportamento, como usa a excitação sexual preliminar para insistir em contacto sexual (persistir em beijar e tocar após a recusa), a utilização de pressão psicológica e manipulação emocional (argumentos que utilizam o uso de culpa e obrigação, o engano (utilização de mentiras, falsas promessas e chantagem) e o tirar o proveito de uma situação quando a pessoa se encontra intoxicada, seja por álcool ou drogas (Raghavan et al., 2015).

Na generalidade, os nossos resultados mostraram que todos os cenários do instrumento construído foram assinalados como já tendo ocorrido previamente. Contudo, há situações que parecem ser recorrentes. Verificámos que os cenários com maior frequência positiva estão associados a situações que outros estudos apontaram como as estratégias coercivas mais frequentes para a obtenção de sexo, o cenário quatro (72%) e o cenário seis (32%) (toques e carícias) associados ao toque persistente (Benbouriche & Parent 2018), o cenário três (34%) (comprar a pessoa com ofertas/prendas) associado ao engano/chantagem (Raghavan et al., 2015) e o cenário quinze (30%) (intoxicação por álcool) associado à intoxicação por álcool e drogas (Benbouriche & Parent, 2018). Estas estratégias parecem ser as mais frequentes no presente estudo e vai ao encontro da literatura prévia. Deste modo, poderá assumir-se que na sociedade estas estratégias são as mais recorrentemente utilizadas para a obtenção de sexo sem o consentimento informado de outro. Para estudos futuros, sugere-se uma redução do conteúdo

dos cenários da escala, para que se foquem mais em variações deste tipo de comportamentos de modo a uma melhor discriminação dos resultados.

É também de referir que não existem associações entre o sexo dos participantes e a ocorrência real dos cenários. Podemos afirmar que, nesta amostra, a prevalência de determinado tipo de estratégia é independente do sexo. Estes resultados são parcialmente corroborados pelo estudo recente de Krahe et al. (2014) onde verificaram que tanto homens como mulheres apresentam comportamentos agressivos com os seus parceiros. Porém, no presente estudo, o índice de comportamento de perpetuação está associado a ser homem e o de vitimização está associado a ser mulher, o que salienta a ideia comum de que as mulheres sofrem mais de coerção de coerção sexual do que os homens. No entanto e conforme o estudo supramencionado a evidência empírica determina que a violência entre parceiros íntimos se caracteriza por trocas mútuas de agressões contradizendo a ideia de agressão unilateral homem-mulher (Lewis & Fremouw, 2001; Machado et al., 2003; Magdol et al., 1997; Paiva & Figueiredo, 2004; Straus, 2004).

Na nossa investigação, a coerção sexual foi considerada um comportamento agressivo, e neste caso a instrumentalidade é o ato sexual. E como o ato sexual é algo esperado entre parceiros íntimos, tal pode trazer alguma normalidade às estratégias coercivas que são utilizadas para atingir esse ato sexual. Como modelo explicativo, o modelo geral de agressão descreve a personalidade como uma variável que influencia o comportamento agressivo. Assim este processo ocorre pelo impacto da personalidade nas emoções e nos pensamentos agressivos (Cavalcanti & Pimentel, 2016). O comportamento agressivo é desencadeado após um processo de avaliação complexo no qual interagem as variáveis pessoais e situacionais, que aumentam ou diminuem o nível de ativação necessário para impulsionar esse comportamento. Sabe-se que as variáveis pessoais como a personalidade, formam o potencial de agressão, dirigindo o comportamento.

Por fim, verificou-se a relação explicativa entre a personalidade e a coerção sexual. Denota-se que a personalidade, nomeadamente os traços do modelo *Big Five* bem como os traços da *Dark Tetrad*, parecem ter poder explicativo relativamente ao facto de o indivíduo adotar um papel de perpetuação ou um papel de vitimização.

As dimensões Neuroticismo, Conscienciosidade, Maquiavelismo e Sadismo relevaram ter poder explicativo para o papel de perpetrador. Dos quatro traços com resultados significativos, foram o Neuroticismo e o Sadismo a apresentar uma maior capacidade explicativa deste papel. Segundo Carleton et al. (2015), pessoas com traços mais acentuados de Neuroticismo, possuem perceções excêntricas, exibicionistas e de impulsividade, e podem

ainda, apresentar emoções e comportamentos agressivos e/ou violentos (Cavalcanti & Pimentel, 2016), o que poderá explicar os nossos resultados. Relativamente à dimensão Sadismo, os autores Camilleri et al. (2009) sugerem que pontuações elevadas de sadismo podem endossar mais frequentemente o uso de táticas sexualmente coercivas devido à natureza mais prejudicial da coerção e a associações mais elevadas com comportamentos agressivos e antissociais, o que corrobora com os resultados do nosso estudo.

Podemos afirmar que no presente estudo, estas três dimensões estão associadas positivamente ao papel de perpetrador, com isto, pode-se concluir que indivíduos com pontuações elevadas nestas dimensões são os aparentam ter comportamentos agressivos e coercivos através do uso de diversas estratégias coercivas para a obtenção de sexo sem o consentimento do parceiro.

Já as dimensões Abertura à Experiência e Amabilidade parecem ter um papel explicativo exclusivo no papel de vítima. Alguns estudos referem que as dimensões de Amabilidade e de Abertura à Experiência tendem a correlacionar-se inversamente com a violência, o que significa que pessoas com pontuações baixas nestas dimensões tendem a aceitar mais o uso de violência (Cavalcanti & Pimentel, 2016; Gleason et al., 2004; Paiva et al., 2017). Também se pode afirmar que a abertura à experiência tem sido associada à submissão num relacionamento abusivo (Ulloa et al., 2016).

No nosso estudo, quanto mais elevado a pontuação da Abertura à experiência e mais baixo o da Amabilidade, mais o participante apresenta experiências como vítima, contrariamente ao que diversos autores referem, que pessoas com pontuações baixas nesta dimensão tendem a aceitar mais o uso de violência (Cavalcanti & Pimentel, 2016; Gleason et al., 2004; Paiva et al., 2017). Eventualmente, estes resultados contraditórios poderão dever-se à ampla definição de Abertura à experiência que abrange diversos comportamentos relacionados com a permanente procura e paixão por novas experiências (Rolland, 2002) e refere-se à curiosidade, criatividade, originalidade e imaginação (Cloninger, 1996; John & Srivastava, 1999; Pervin & Cervone, 2010). Ainda a literatura prévia refere que altos níveis nesta dimensão sugerem uma boa capacidade de processamento da informação (DeYoung et al., 2010; Miller & Lynam, 2015) e tendência para serem liberais no que diz respeito aos seus pensamentos e/ou opiniões (Ahmetoglu & Chamorro-Premuzic, 2013; Rolland, 2002).

Portanto, no presente estudo, os indivíduos com maior Abertura à experiência e menor Amabilidade, parecem apresentar maior predisposição de ser coagido por outro alguém com a ausência do seu consentimento.

A Extroversão, apesar de explicar tanto o papel de vítima como o papel de perpetrador, parece explicar uma maior variação do papel de perpetuação. A relação entre este traço e a agressão não é consistente (Barlett & Anderson, 2012). Assim, torna-se difícil de diferenciar se as pessoas mais introvertidas, reservadas e quietas (Pimentel et al., 2014) são mais predispostas aos comportamentos agressivos ou se, pelo oposto, são as pessoas interativas, falantes e expressivas (Barthelemy, 2005), que possuem este tipo de predisposição. Não obstante, os autores Cavalcanti e Pimental (2016) também referem que a extroversão tem um efeito direto e positivo na agressão. Seria relevante compreender futuramente se terá, de facto um papel direto, ou se poderá apresentar um efeito moderador na presença de outras variáveis não identificadas neste estudo.

Também a dimensão Narcisismo explica igualmente os dois papéis. Contudo, parece explicar melhor o papel de perpetuação; Blinkhorn et al. (2015) referem que os traços de Narcisismo (e.g., liderança, autoridade, grandiosidade e exibicionismo) estão fortemente relacionados com a coerção sexual.

O facto de estes traços, Extroversão e Narcisismo, apresentarem um contributo para a explicação dos dois papéis, ou seja, tanto o papel de perpetrador como também o papel de vítima, ainda que no caso da extroversão, com um efeito negativo e negligenciável para o papel de vítima, talvez se explica pela existência de perfis mistos vítima-perpetrador, existentes neste estudo.

Foi também medida a agressividade enquanto traço através das quatro dimensões do questionário de agressividade de Buss-Perry, denominando-se de traço de agressividade. A agressividade mostrou explicar parte da variação do papel de perpetrador e do papel de vítima, ainda que com esta última variável o efeito seja fraco. Nos correlatos com dimensões de personalidade, observou-se que as relações mais fortes foram estabelecidas entre a raiva e a psicopatia e a raiva e o sadismo, ou seja, os indivíduos com pontuação mais elevada na dimensão raiva, apresentam uma maior tendência para a psicopatia e para o sadismo. Do mesmo modo, a agressividade física demonstra uma correlação forte com a psicopatia e o sadismo, sendo que pontuações mais elevadas na dimensão agressividade física, origina uma maior propensão para a psicopatia e para o sadismo. A hostilidade também apresenta uma correlação média com a psicopatia e o sadismo e a agressividade verbal apenas estabelece correlações de intensidade média com a psicopatia e o sadismo. Assim, é importante salientar que não existem correlações entre os traços de personalidade do modelo *Big Five* com as dimensões da agressividade traço, só apenas com as dimensões do modelo *Dark Tetrad*.

À altura da realização do nosso estudo, ainda não existiam muitos estudos que associassem estas variáveis entre si. Contudo, é uma área da literatura em crescimento e parece ser aceite que os indivíduos com menor pontuação no traço de agressividade apresentam, também, menor propensão à perpetuação, ou pelo contrário, maior à vitimização, no entanto, o traço de agressividade tem uma correlação positiva mais forte com o papel de perpetrador do que com o de vítima. Além desse facto, há relações entre o traço de agressividade e a *dark tetrad*, mas não com o *big five*. Esses resultados poderão ser explicados pelo facto de quem apresenta comportamentos de vítima, também perpetua, ou seja, talvez seja um comportamento aceite e replicado por reciprocidade, por se entender que deve haver um sentido de troca na intimidade. Sugere-se que em estudos futuros, exortem indivíduos que de facto só sejam coagidos e que só façam coerção sobre outro, para melhor entendimento do papel do traço de agressividade.

No que diz respeito às limitações do presente estudo, pode-se referir o facto da amostra ser de dimensão reduzida para garantir parâmetros de validade externa. Futuramente, seria relevante fazer o mesmo estudo com uma amostra representativa ou com um método de amostragem estratificado por perfil de vitimização e de perpetuação. Outra limitação desta investigação diz respeito à discrepância existente entre o número de homens e mulheres pode ser considerada uma limitação, uma vez que o número de participantes do sexo masculino é muito inferior ao número de participantes do sexo feminino. Para estudos futuros, seria importante haver mais participantes do sexo masculino na amostra, de forma a mantê-la equilibrada, o que iria permitir entender melhor o ponto de vista da coerção sexual dos homens. É ainda de referir que o preenchimento do questionário de coerção sexual é bastante exaustivo, sendo que seria útil, em investigações futuras, estabelecer uma medida mais parcimoniosa.

## **8. Considerações finais**

O presente estudo forneceu ao domínio da coerção sexual um possível novo instrumento denominado de Questionário de Coerção Sexual que abrange quatro comportamentos típicos deste construto. Os instrumentos utilizados são sensíveis à cultura e aos valores presentes nos grupos. Não obstante, o mesmo ainda carece de maior análise psicométrica e validação da sua utilidade para o estudo deste campo. O próprio conceito de coerção sexual parece não ser claro e ainda que haja uma tipificação clara dos comportamentos entendidos como coercivos, a perceção dos mesmos como um ato coercitivo deverá condicionar a interpretação dos resultados. Não podemos afirmar que os participantes reconheciam que estes comportamentos

são coercivos, ainda que refiram conformar-se à insistência do parceiro, na maior parte das situações; ou que prossigam a insistir até à conformação do outro. Tal não parece ser entendido como coerção, mas como algo normal entre parceiros como se pode ver pela disparidade entre a resposta à questão “já foi coagido sexualmente pelo seu parceiro” e as respostas aos cenários, no instrumento construído.

Pretendia-se com este estudo trazer à área de Psicologia Clínica e da Saúde uma melhor compreensão sobre a coerção sexual e a sua prevalência nos estudantes universitários portugueses, dada a sua relação com o abuso entre parceiros íntimos e a violência geral entre parceiros íntimos, com fortes implicações pessoais, familiares e sociais. A concetualização da coerção sexual como um comportamento no espectro da violência, permite enquadrar estes comportamentos nos modelos explicativos da agressão, onde se destaca o papel da personalidade como um indicador de vitimização e perpetuação. Estabelecer traços de personalidade capazes de prever comportamentos de coerção poderiam ajudar a identificar os indivíduos em risco de coerção bem como potenciais perpetradores. Este estudo mostrou que apesar da personalidade poder ser uma variável que explica os comportamentos coercivos, não discrimina o suficiente para estabelecer relações claras entre vítimas e perpetradores. A contaminação entre comportamentos, também poderá indicar que o comportamento é mais comum entre parceiros do que se poderia supor e, talvez, com menos efeitos negativos do que extrapolado na literatura.

No nosso estudo, foi possível contribuir com um breve conhecimento da caracterização da coerção sexual dos estudantes universitários portugueses, originando assim uma medida culturalmente adaptada à realidade portuguesa. E também permitir avançar conhecimento científico na relação explicativa entre traços de personalidade e o seu impacto na explicação da coerção sexual, de modo, que concluímos que na nossa amostra, o Neuroticismo e o Sadismo são as dimensões que mais predizem o uso de violência entre parceiros íntimos e a Abertura à Experiência e a Amabilidade estão associadas ao papel de vitimização. Potencialmente, poderemos identificar um maior risco para indivíduos com menor abertura à experiência e maior amabilidade, como sendo mais tolerantes a situações de coerção; indivíduos com maior neuroticismo e sadismo como sendo mais capazes de coagir. O facto de os comportamentos de coerção ocorrerem em díade poderá indiciar a importância de estudar este efeito parcial da personalidade num modelo de interdependência de atores, dado também existir uma interdependência de comportamentos.

Desta forma, parece ser relevante continuar a estudar esta relação de forma a tentar compreender efetivamente através de outras amostras quais são os traços de personalidade que predizem o comportamento sexual coercivo.

## 9. Referências bibliográficas

- Abbey, A., & Jacques-Tiura, A. J. (2011). Sexual assault perpetrators' tactics: Associations with their personal characteristics and aspects of the incident. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(14), 2866-2889. <https://doi.org/10.1177/0886260510390955>
- Abbey, A., Wegner, R., Woerner, J., Pegram, S. E., & Pierce, J. (2014). Review of survey and experimental research that examines the relationship between alcohol consumption and men's sexual aggression perpetration. *Trauma, Violence, & Abuse*, 15(4), 265-282. <https://doi.org/10.1177/1524838014521031>
- Ahmetoglu, G., Ahmetoglu, G., & Chamorro-Premuzic, T. (2013). *Personality 101*. Springer Publishing Company.
- Allen, J. J., Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2018). The general aggression model. *Current opinion in psychology*, 19, 75-80. <https://doi.org/10.1016/j.copsy.2017.03.034>
- Allport, G.W. (1961). Pattern and growth in personality. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2001). Effects of violent video games on aggressive behavior, aggressive cognition, aggressive affect, physiological arousal, and prosocial behavior: A meta-analytic review of the scientific literature. *Psychological science*, 12(5), 353-359. <https://doi.org/10.1111/1467-9280.00366>
- Anderson, C. A., & Bushman, B. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology*, 53(1), 27-51. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.53.100901.135231>
- Anderson, C. A., & Huesmann, L. R. (2003). Human aggression: A social-cognitive view. In M. A. Hogg & J. Cooper (Eds.), *The Handbook of Social Psychology*, 296–323. London: Sage Publications.
- Anderson, C. A., & Carnagey, N. L. (2004). Violent evil and the general aggression model. In A. G. Miller (Ed.), *The social psychology of good and evil*, 168–192. New York: Guilford Publications.
- Anderson, P. B., Kontos, A. P., Tanigoshi, H., & Struckman-Johnson, C. (2005). An examination of sexual strategies used by urban southern and rural Midwestern university women. *Journal of sex research*, 42(4), 335-341. <https://doi.org/10.1080/00224490509552289>
- Araújo, C. P. (2017). *A violência sexual nos estudantes universitários portugueses* (Doctoral dissertation).
- Associação de Mulheres contra a Violência (AMCV). (2018). Seminário - Prevenção da violência sexualizada em contexto escolar e universitário. Portugal: Lisboa
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). (2020). Violência Sexual. Disponível em:

<http://www.apavparajovens.pt/pt/go/o-que-e3> Acesso em Março de 2020.

- Bandura, A. (1977). *Social Learning Theory*. New York: General Learning Press.
- Bandura, A. (1983). Psychological mechanisms of aggression. *Aggression: Theoretical and empirical reviews, 1*, 1-40.
- Bandura, A. (1989). Social Cognitive Theory. In R. Vasta (Ed.). *Annals of Child Development. Six Theories of Child Development, 6*, 1-60. Greenwich, CT: JAI Press.
- Bandura, A. (1996). Social cognitive theory of human development. In T. Husen, & T. N. Postlethwaite, *International Encyclopedia of Education*. Oxford: Pergamon Press.
- Bandura A., Azzi, R. G. & Polydoro, S. (2008). *Teoria Social Cognitiva: Conceitos Básicos*. Porto Alegre: Artmed.
- Barker, L. C., Stewart, D. E., & Vigod, S. N. (2019). Intimate partner sexual violence: An often overlooked problem. *Journal of Women's Health, 28*(3), 363-374. <https://doi.org/10.1089/jwh.2017.6811>
- Barlett, C. P., & Anderson, C. A. (2012). Direct and indirect relations between the Big 5 personality traits and aggressive and violent behavior. *Personality and Individual Differences, 52*(8), 870-875. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2012.01.029>
- Barrett, P. (2007). Structural equation modelling: Adjudging model fit. *Personality and Individual Differences, 42*(5), 815-824. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2006.09.018>
- Barthelemy, J. J. (2005). *Aggression and the big five personality factors of grades and attendance*. (Doctoral Dissertations). University of Tennessee, Knoxville. Disponível em [http://trace.tennessee.edu/utk\\_graddiss/658/](http://trace.tennessee.edu/utk_graddiss/658/) Acesso Novembro de 2019.
- Basile, K. C. (1999). Rape by acquiescence: The ways in which women “give in” to unwanted sex with their husbands. *Violence Against Women, 5*(9), 1036-1058. <https://doi.org/10.1177/1077801299005009004>
- Basile, K. C., & Smith, S. G. (2011). Sexual violence victimization of women: Prevalence, characteristics, and the role of public health and prevention. *American Journal of Lifestyle Medicine, 5*(5), 407-417. <https://doi.org/10.1177/1559827611409512>
- Benbouriche, M., & Parent, G. (2018). Sexual coercion: Thinking and understanding sexual violence beyond sexual offenders. *Sexologies, 27*(2), 15-19. <https://doi.org/10.1016/j.sexol.2018.02.001>
- Berkowitz, L. (1988). Frustrations, appraisals, and aversively stimulated aggression. *Aggressive behavior, 14*(1), 3-11.
- Berkowitz, L. (1989). Frustration-aggression hypothesis: Examination and reformulation. *Psychological Bulletin, 106* (1), 59-73. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.106.1.59>

- Berkowitz, L. (1998). Affective aggression: The role of stress, pain, and negative affect. In *Human Aggression*, 49-72. Academic Press.
- Bettencourt, B., Talley, A., Benjamin, A. J., & Valentine, J. (2006). Personality and aggressive behavior under provoking and neutral conditions: A meta-analytic review. *Psychological bulletin*, 132(5), 751-777. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.132.5.751>
- Buss, A. H., & Perry, M. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 452-459. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.63.3.452>
- Buckels, E. E., Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2013). Behavioral confirmation of everyday sadism. *Psychological science*, 24(11), 2201-2209. <https://doi.org/10.1177/0956797613490749>
- Barret, P. (2007) Structural equation modelling: Adjudging model fit. *Personality and Individual Differences*, 42, 815-824.
- Black, M. C., Basile, K. C., Breiding, M. J., Smith, S. G., Walters, M. L., Merrick, M. T., Chen, J., & Stevens, M. R. (2011). *The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey (NISVS): 2010 Summary Report*. Atlanta, GA: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention.
- Blackburn, R., Renwick, S.J., Donnelly, J. P., & Logan, C. (2004). Big five or big two? Superordinate factors in the NEO five factor inventory and the antisocial personality questionnaire. *Personality and Individual Differences*, 37(5), 957-970. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2003.10.017>
- Blinkhorn, V., Lyons, M., & Almond, L. (2015). The ultimate femme fatale? Narcissism predicts serious and aggressive sexually coercive behaviour in females. *Personality and Individual Differences*, 87, 219-223. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.08.001>
- Bollen, K. A., & Long, J. S., Eds. (1993). *Testing structural equation models*. Newbury Park, CA: Sage.
- Breiding, M. J., Basile, K. C., Smith, S. G., Black, M. C., Mahendra, R. R. (2015). *Intimate Partner Violence Surveillance: Uniform Definitions and Recommended Data Elements, Version 2.0*. Atlanta (GA): National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention.
- Brewer, G., & Abell, L. (2015). Machiavellianism in long-term relationships: Competition, mate retention and sexual coercion. *Scandinavian Journal of Psychology*, 56(3), 357-362. <https://doi.org/10.1111/sjop.12200>
- Broach, J. L., & Petretic, P. A. (2006). Beyond traditional definitions of assault: Expanding our focus to include sexually coercive experiences. *Journal of Family Violence*, 21(8), 477-

486. <https://doi.org/10.1007/s10896-006-9045-z>
- Camilleri, J. A. (2008). The psychology of partner sexual coercion.
- Camilleri, J. A., Quinsey, V. L., & Tapscott, J. L. (2009). Assessing the propensity for sexual coaxing and coercion in relationships: Factor structure, reliability, and validity of the Tactics to Obtain Sex Scale. *Archives of Sexual Behavior*, 38(6), 959-973. <https://doi.org/10.1007/s10508-008-9377-2>
- Campbell, J. (2002). Health consequences of intimate partner violence. *The Lancet*, 359(9314), 1331–1336. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(02\)08336-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(02)08336-8)
- Cantor, D., Fisher, B., Chibnall, S., Townsend, R., Lee, H., Bruce, C., & Thomas, G. (2015). Report on the AAU Campus Climate Survey on Sexual Assault and Sexual Misconduct.
- Carton, H., & Egan, V. (2017). The dark triad and intimate partner violence. *Personality and Individual Differences*, 105, 84-88. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.09.040>
- Cardoso, J. E. Q. (2010). Personalidade e agressividade: um estudo em militares de proteção e socorro (Dissertação de mestrado não-publicada). Universidade Lusófona Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal.
- Carleton, R. N., Mulvogue, M. K., & Duranceau, S. (2015). PTSD personality subtypes in women exposed to intimate-partner violence. *Psychological trauma: theory, research, practice, and policy*, 7(2), 154-161. <https://doi.org/10.1037/tra0000003>
- Carvalho, A. F., Lewis, R. J., Derlega, V. J., Winstead, B. A., & Viggiano, C. (2011). Internalized sexual minority stressors and same-sex intimate partner violence. *Journal of Family Violence*, 26(7), 501–509. <https://doi.org/10.1007/s10896-011-9384-2>
- Cavalcanti, J. G., & Pimentel, C. E. (2016). Personality and aggression: A contribution of the General Aggression Model. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(3), 443-451. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000300008>
- Cima, M., & Raine, A. (2009). Distinct characteristics of psychopathy relate to different subtypes of aggression. *Personality and individual differences*, 47(8), 835-840. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.06.031>
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1989). *NEO PI/FFI manual supplement for use with the NEO Personality Inventory and the NEO Five-Factor Inventory*. Psychological Assessment Resources.
- Costa Jr, P. T., McCrae, R. R., & Dye, D. A. (1991). Facet scales for agreeableness and conscientiousness: A revision of the NEO Personality Inventory. *Personality and individual Differences*, 12(9), 887-898. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(91\)90177-D](https://doi.org/10.1016/0191-8869(91)90177-D)
- Costa, P., & McCrae, R. (1992). *The Revised NEO PI/NEO-FFI Professional Manual*. Odessa,

*FI: Psychological Assessment Resources.*

- Costa, I. R., & Sani, A. I. (2007). O abuso e as crenças sobre a violência nas relações amorosas de estudantes universitários. *Revista Lusófona de Ciências da Mente e do Comportamento*, 8(2).
- Cunha, O., & Gonçalves, R. A. (2012). Análise confirmatória fatorial de uma versão portuguesa do Questionário de Agressividade de Buss-Perry. *Laboratório de Psicologia*, 10(1), 3-17.
- Collie, R. M., Vess, J., & Murdoch, S. (2007). Violence-related cognition: Current research. *Aggressive offenders' cognition: Theory, research and practice*, 179-198. Chichester, UK: Wiley.
- Cook, S. L., Gidycz, C. A., Koss, M. P., & Murphy, M. (2011). Emerging issues in the measurement of rape victimization. *Violence against women*, 17(2), 201-218. <https://doi.org/10.1177/1077801210397741>
- Chester, D. S., & DeWall, C. N. (2013). Trait aggression. In M.S. Eastin (Ed.), *Encyclopedia of media violence* (pp. 352-356). Sage.
- Chester, D. S., & West, S. J. (2020). Trait Aggression is Primarily a Facet of Antagonism: Evidence from Dominance, Latent Correlational, and Item-Level Analyses. *Journal of Research in Personality*, <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2020.104042>
- DeYoung, C. G., Hirsh, J. B., Shane, M. S., Papademetris, X., Rajeevan, N., & Gray, J. R. (2010). Testing Predictions from Personality Neuroscience: Brain Structure and the Big Five. *Psychological Science*, 21, 820–828. <https://doi.org/10.1177/0956797610370159>
- DeWall, C. N., Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2011). The general aggression model: Theoretical extensions to violence. *Psychology of Violence*, 1(3), 245–258. <https://doi.org/10.1037/a0023842>
- DeWall, C. N., Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2012). Aggression. In I. Weiner (Ed.), *Handbook of Psychology*, 2(5), 449-466. H. Tennen & J. Suls (Eds.), *Personality and Social Psychology*. New York: Wiley.
- Dixe, M. D. A., Rodrigues, A. L., Freire, C., Rodrigues, G., Fernandes, M., & Dias, T. (2010). A violência de género na relação de namoro em estudantes do ensino superior: práticas e comportamentos de violência.
- Dollard, J., Miller, N. E., Doob, L. W., Mowrer, O. H., & Sears, R. R. (1939). Frustration and aggression.

- D'Souza, M., & Lima, G. A. S. F. D. (2015). The dark side of power: The Dark Triad in opportunistic decision-making. *Advances in Scientific and Applied Accounting, São Paulo*, 8(2), 135-156. <http://dx.doi.org/10.14392/asaa.2015080201>
- Egan, V. (2009). The “Big Five”: Neuroticism, extraversion, openness, agreeableness and conscientiousness as organizational scheme for thinking about aggression and violence. In M. McMurran & R. C. Howard (Eds.). *Personality, Personality Disorder and Violence*, 63-84. England: Wiley-Blackwell.
- Farrell, A. H., Della Cioppa, V., Volk, A. A., & Book, A. S. (2014). Predicting bullying heterogeneity with the HEXACO model of personality. *International Journal of Advances in Psychology*, 3(2), 30-39. <https://doi.org/10.14355/ijap.2014.0302.02>
- Farris, C., Treat, T. A., Viken, R. J., & McFall, R. M. (2008). Sexual coercion and the misperception of sexual intent. *Clinical psychology review*, 28(1), 48-66. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2007.03.002>
- Fedina, L., Holmes, J. L., & Backes, B. L. (2018). Campus sexual assault: A systematic review of prevalence research from 2000 to 2015. *Trauma, Violence & Abuse*, 19(1), 76–93. <https://doi.org/10.1177/1524838016631129>
- Fischer, G. J. (1996). Deceptive, verbally coercive college males: Attitudinal predictors and lies told. *Archives of Sexual Behavior*, 25(5), 527–533. <https://doi.org/10.1007/BF02437546>
- Foshee, V. A., Bauman, K. E., Arriaga, X. B., Helms, R. W., Koch, G. G., & Linder, G. F. (1998). An evaluation of Safe Dates, an adolescent dating violence prevention program. *American journal of public health*, 88(1), 45-50. <http://doi.org/10.2105/AJPH.88.1.45>
- French, B. H., Tilghman, J. D., & Malebranche, D. A. (2015). Sexual coercion context and psychosocial correlates among diverse males. *Psychology of Men & Masculinity*, 16(1), 42-53. <https://doi.org/10.1037/a0035915>
- French, B. H., Suh, H. N., & Arterberry, B. (2017). Exploratory Factor Analysis and Psychometric Properties of the Sexual Coercion Inventory. *The Journal of Sex Research*, 54(8), 962-970. <https://doi.org/10.1080/00224499.2016.1235129>
- Geen, R.G. (2001). *Human aggression*, 2nd Edition. United Kingdom: Open University Press.
- Gilbert, F., & Daffern, M. (2010). Integrating contemporary aggression theory with violent offender treatment: How thoroughly do interventions target violent behavior? *Aggression and Violent Behavior*, 15(3), 167–180. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2009.11.003>
- Gleason, K. A., Jensen-Campbell, L. A., & South Richardson, D. (2004). Agreeableness as a

- predictor of aggression in adolescence. *Aggressive Behavior: Official Journal of the International Society for Research on Aggression*, 30(1), 43-61. <https://doi.org/10.1002/ab.20002>
- Gross, A. M., Winslett, A., Roberts, M., & Gohm, C. L. (2006). An examination of sexual violence against college women. *Violence against women*, 12(3), 288-300. <https://doi.org/10.1177/1077801205277358>
- Hadjicharalambous, I., & Sisco, M. (2016). Verbal Sexual Coercion among a US College Sample: Patterns of Sexual Boundary Violations and Predictive Factors. *Journal of European Psychology Students*, 7(1) 34-42. <http://doi.org/10.5334/jeps.364>
- Hauck-Filho, N., Teixeira, M. A. P., & Dias, A. C. G. (2012). Psicopatia: uma perspectiva dimensional e não-criminosa do construto. *Avances en psicología latinoamericana*, 30(2), 317-372.
- Holmes, K., & Sher, L. (2013). Dating violence and suicidal behavior in adolescents. *International journal of adolescent medicine and health*, 25(3), 257-261. <https://doi.org/10.1515/ijamh-2013-0059>
- Hosie, J., Gilbert, F., Simpson, K., & Daffern, M. (2014). An examination of the relationship between personality and aggression using the general aggression and five factor models. *Aggressive behavior*, 40(2), 189-196. <https://doi.org/10.1002/ab.21510>
- Hoyle, R. H. (1995). *Structural equation modeling: Concepts, issues, and applications*. Sage.
- Huesmann, L. R. (1986). Psychological processes promoting the relation between exposure to media violence and aggressive behavior by the viewer. *Journal of social issues*, 42(3), 125-139.
- Huesmann, L. R. (1988). An information processing model for the development of aggression. *Aggressive Behavior*, 14, 13-24.
- Huesmann, L. R. (1998). The role of social information processing and cognitive schema in the acquisition and maintenance of habitual aggressive behavior. In *Human aggression: Theories, research, and implications for social policy*, 73-109. Academic Press.
- Jensen-Campbell, L. A., Knack, J. M., Waldrip, A. M., & Campbell, S. D. (2007). Do Big Five personality traits associated with self-control influence the regulation of anger and aggression?. *Journal of research in personality*, 41(2), 403-424. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2006.05.000>
- Jonason, P. K., Kaufman, S. B., Webster, G. D., & Geher, G. (2013). What lies beneath the Dark Triad Dirty Dozen: Varied relations with the Big Five. *Individual Differences Research*, 11(2). 81-90.

- John, O. P., & Srivastava, S. (1999). The Big Five trait taxonomy: History, measurement, and theoretical perspectives. *Handbook of personality: Theory and research*, 2, 102-138.
- Jones, S. E., Miller, J. D., & Lynam, D. R. (2011). Personality, antisocial behavior, and aggression: A meta-analytic review. *Journal of Criminal Justice*, 39(4), 329-337. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2011.03.004>
- Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2014). Introducing the short dark triad (SD3) a brief measure of dark personality traits. *Assessment*, 21(1), 28-41. <https://doi.org/10.1177/1073191113514105>
- Jones, D. N., & Olderbak, S. G. (2014). The associations among dark personalities and sexual tactics across different scenarios. *Journal of Interpersonal Violence*, 29(6), 1050-1070. <https://doi.org/10.1177/0886260513506053>
- Katz, J., Moore, J. A., & Tkachuk, S. (2007). Verbal sexual coercion and perceived victim responsibility: Mediating effects of perceived control. *Sex Roles*, 57(3-4), 235-247. <https://doi.org/10.1007/s11199-007-9253-x>
- Kernsmith, P. D., & Kernsmith, R. M. (2009). Gender differences in responses to sexual coercion. *Journal of human behavior in the social environment*, 19(7), 902-914. <https://doi.org/10.1080/10911350903008098>
- Koss, M. P., & Oros, C. J. (1982). Sexual Experiences Survey: a research instrument investigating sexual aggression and victimization. *Journal of consulting and clinical psychology*, 50(3), 455-457. <https://dx.doi.org/10.1037/0022-006X.50.3.455>
- Koss, M. P., Gidycz, C. A., & Wisniewski, N. (1987). The scope of rape: incidence and prevalence of sexual aggression and victimization in a national sample of higher education students. *Journal of consulting and clinical psychology*, 55(2), 162-170. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.55.2.162>
- Koss, M. P., Abbey, A., Campbell, R., Cook, S., Norris, J., Testa, M., & White, J. (2007). Revising the SES: A collaborative process to improve assessment of sexual aggression and victimization. *Psychology of Women Quarterly*, 31(4), 357-370. <https://dx.doi.org/10.1111/j.1471-6402.2007.00385.x>
- Krahé, B. (2013). *The social psychology of aggression*, (2nd ed.). Hove: Psychology Press.
- Krahé, B., Tomaszewska, P., Kuyper, L., & Vanwesenbeeck, I. (2014). Prevalence of sexual aggression among people in Europe: A Review of the evidence from 27 EU countries. *Aggression and Violent Behaviour*, 19 (5), 545-558.

- Kristensen, C. H., Lima, J. S., Ferlin, M., Flores, R. Z., & Hackmann, P. H. (2003). Fatores etiológicos da agressão física: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(1), 175-184. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000100020>
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (2002). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization.
- Lewis, S. F., & Fremouw, W. (2001). Dating violence: A critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*, 21, 105-127. [https://doi.org/10.1016/s0272-7358\(99\)00042-2](https://doi.org/10.1016/s0272-7358(99)00042-2)
- Lima, M. P., & Simões, A. (1997). O Inventário da Personalidade NEO-PI-R: Resultados da Aferição Portuguesa. *Psychologica*, 18, 25-46.
- Lima, M. (1997). NEO-PI-R. Contextos teóricos e psicométricos "OCEAN" ou "ICEBERG"? Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Coimbra da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Lima, J. S., Ferlin, M., Stangherlin, F., & Kristensen, C. H. (2000). O modelo de processamento de informação social na aquisição e manutenção do comportamento agressivo. *Resumos das Comunicações – Exponha-se*, 194- 195. São Leopoldo: Unisinos.
- Lima, M. P. & Simões, A. (2000). NEO-PI-R Manual Profissional (1ª ed.). Lisboa: CEGOC.
- Little, B., & Terrance, C. (2010). Perceptions of domestic violence in lesbian relationships: Stereotypes and gender role expectations. *Journal of Homosexuality*, 57(3), 429-440. <https://doi.org/10.1080/00918360903543170>
- Livingston, J. A., Buddie, A. M., Testa, M., & VanZile-Tamsen, C. (2004). The role of sexual precedence in verbal sexual coercion. *Psychology of Women quarterly*, 28(4), 287-297. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2004.00146.x>
- Lyons, M., Houghton, E., Brewer, G., & O'Brien, F. (2020). The dark triad and sexual assertiveness predict sexual coercion differently in men and women. *Journal of interpersonal violence*, <https://doi.org/10.1177/0886260520922346>
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.
- Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A.-J., Costa, J. J., Costa, M. J., Costa, P., & de Lima, M. P. (2014). Psychometric Properties of a Short Personality Inventory in Portuguese Context. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(4), 642–657. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201427405>
- Magalhães, J, I, T. (2014). Diferenças nos indicadores de psicopatia, narcisismo, maquiavelismo, activação e inibição comportamental e frieza emocional: População geral

vs população Prisional. Tese apresentada na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro para obtenção do grau de Mestre, orientada por Margarida Simões e Francisco Cardoso, Vila Real.

- Magdol, L., Moffitt, T. E., Caspi, A., Fagan, J., & Silva, P. A. (1997). Gender differences in partner violence in a birth cohort of 21-year-olds: Bridging the gap between clinical and epidemiological approaches. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65, 68-78. <https://doi.org/10.1037//0022-006x.65.1.68>
- Malamuth, N. M. (1989). The attraction to sexual aggression scale: Part two. *Journal of Sex Research*, 26(3), 324-354. <https://doi.org/10.1080/00224498909551491>
- Manuel, S. C. G. (2014). A violência no namoro entre jovens adultos.
- Marcus, D. K., & Norris, A. L. (2014). A new measure of attitudes toward sexually predatory tactics and its relation to the triarchic model of psychopathy. *Journal of Personality Disorders*, 28(2), 247-261. [https://doi.org/10.1521/pedi\\_2013\\_27\\_118](https://doi.org/10.1521/pedi_2013_27_118)
- Marcus, D. K., & Zeigler-Hill, V. (2015). A big tent of dark personality traits. *Social and Personality Psychology Compass*, 9(8), 434-446. <https://doi.org/10.1111/spc3.12185>
- Martins, A., Faísca, L., Rodrigues, J. (2020). Adaptação Portuguesa da Escala Short Dark Tetrad (SD4) para a população adulta. (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade do Algarve, Faro/Portugal.
- Matthews, G., Deary, I., & Whiteman, M. (2009). *Personality Traits*, (3rd ed.) (34-73). New York: Cambridge University Press.
- Mendes, F. (2006). Percursos da violência: Da família de origem à conjugalidade. Um estudo com jovens adultos a frequentarem o Ensino Superior. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Mechanic, M., Weaver, T., & Resick, P. (2008). Mental health consequences of intimate partner abuse: a multidimensional assessment of four different forms of abuse. *Violence Against Women*, 14(6), 634–654. <https://doi.org/10.1177/1077801208319283>
- Miller, J. D., & Lynam, D. (2001). Structural models of personality and their relation to antisocial behavior: A meta-analytic review. *Criminology*, 39(4), 765-798. <https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.2001.tb00940.x>
- Miller, J. D., & Lynam, D. R. (2015). Understanding psychopathy using the basic elements of personality. *Social and Personality Psychology Compass*, 9(5), 223-237. <https://doi.org/10.1111/spc3.12170>

- Muñoz-Rivas, M., Gómez, J., O'Leary, K. & Lozano, P. (2007). Physical and psychological aggression in dating relationships in Spanish university students. *Psicothema*, 19(1), 102-107.
- Muñoz, L. C., Khan, R., & Cordwell, L. (2011). Sexually coercive tactics used by university students: A clear role for primary psychopathy. *Journal of Personality Disorders*, 25(1), 28–40. <https://doi.org/10.1521/pedi.2011.25.1.28>
- McAdams, D.P. & Olson, B.D. (2010). Personality development: Continuity and change over the life course. *Annual Review of Psychology*, 61, 517-542. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.093008.100507>
- McCrae, R., & Costa, P. (1989). Reinterpreting the Myers-Briggs type indicator from the perspective of the five-factor model of personality. *Journal of Personality*, 57(1), 17-40. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1989.tb00759.x>
- McCrae, R. R., & Costa Jr, P. T. (2004). A contemplated revision of the NEO Five-Factor Inventory. *Personality and individual differences*, 36(3), 587-596. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(03\)00118-1](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(03)00118-1)
- Noronha, A. P. P., Martins, D. D. F., Campos, R. R. F., & Mansão, C. S. M. (2015). Relações entre afetos positivos e negativos e os cinco fatores de personalidade. *Estudos de Psicologia*, 20(2), 92-101. <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20150011>
- Oliveira, M. S. & Sani, A. I. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. In B. D. Silva & L. S. Almeida (Coords.), *Actas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. (pp. 1061- 1074). Braga: Centro de Investigação em Educação (CIEEd).
- O'Sullivan, L. F., & Byers, E. S. (1993). Eroding stereotypes: College women's attempts to influence reluctant male sexual partners. *The Journal of Sex Research*, 30(3), 270–282. <http://doi.org/10.1080/00224499309551711>
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Paiva, T. T., Pimentel, C. E., & Moura, G. B. D. (2017). Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10(2), 215-227.
- Pailing, A., Boon, J., & Egan, V. (2014). Personality, the dark triad and violent. *Personality and Individual Differences*, 67(9), 81–86. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2013.11.018>
- Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The Dark Triad of personality: Narcissism, Machiavellianism and psychopathy. *Journal of Research in Personality*, 36(6), 556-563.

[https://doi.org/10.1016/S0092-6566\(02\)00505-6](https://doi.org/10.1016/S0092-6566(02)00505-6)

- Paulhus, D. L., Curtis, S. R., & Jones, D. N. (2018). Aggression as a trait: The Dark Tetrad alternative. *Current opinion in psychology*, 19, 88-92. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.04.007>
- Paulhus, D. L., Buckels, E. E., Trapnell, P. D., & Jones, D. N. (2020). Screening for Dark Personalities: The Short Dark Tetrad (SD4). *European Journal of Psychological Assessment*. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000602>
- Pedroso-Lima, M., Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A. J., Costa, J. J., Costa, M. J., & Costa, P. (2014). A versão portuguesa do NEO-FFI: Caracterização em função da idade, género e escolaridade. *Psicologia*, 28(2), 01-10.
- Pimentel, C. E., Ferreira, D. C. S., Vargas, M. M., Maynard, V. A. P., & Mendonça, D. C. (2014). Preferência por estilos de filmes e suas diferenças nos cinco fatores de personalidade. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 9(2), 232-244.
- Raghavan, C., Cohen, S., & Tamborra, T. (2015). Development and preliminary validation of the multidimensional sexual coercion questionnaire (MSCQ). *Journal of Sexual Aggression*, 21(3), 271-289. <https://doi.org/10.1080/13552600.2014.917341>
- Rolland, J. (2002). The Cross-Cultural Generalizability of the Five-Factor Model of Personality. In McCrae, R. R., & Allik, J. (Eds.), *The Five Factor Model of Personality Across Cultures* (7-28). New York: Kluwer Academic / Plenum Publishers. [https://doi.org/10.1007/978-1-4615-0763-5\\_2](https://doi.org/10.1007/978-1-4615-0763-5_2)
- Rothmann, S., & Coetzer, E. P., (2003). The big five personality dimensions and job performance. *Journal of Industrial Psychology*, 29 (1). <https://doi.org/10.4102/sajip.v29i1.88>
- Rodrigues, A. L., Freire, C., Rodrigues, G., Fernandes, M., & Dias, T. (2011). Práticas e comportamentos de vitimização na relação de namoro em estudantes do ensino superior. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 4(1), 197-206.
- Rowell Huesmann, L., & Eron, L. D. (1989). Individual differences and the trait of aggression. *European Journal of Personality*, 3(2), 95-106. <https://doi.org/10.1002/per.2410030204>
- Simões, A. (1993). São os homens mais agressivos que as mulheres. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 27(3), 387-404.
- Sun, J., Zhang, X., Wang, Y., Wang, J., Li, J., & Cao, F. (2020). The associations of interpersonal sensitivity with mental distress and trait aggression in early adulthood: a

- prospective cohort study. *Journal of affective disorders*. 272: 50-57  
<https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.03.161>
- Schatzel-Murphy, E. A., Harris, D. A., Knight, R. A., & Milburn, M. A. (2009). Sexual coercion in men and women: Similar behaviors, different predictors. *Archives of Sexual Behavior*, 38(6), 974-986. <https://doi.org/10.1007/s10508-009-9481-y>
- Schuster, I., Krahé, B., Ilabaca Baeza, P., & Muñoz-Reyes, J. A. (2016). Sexual aggression victimization and perpetration among male and female college students in Chile. *Frontiers in psychology*, 7, 1354. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01354>
- Shackelford, T. K., & Goetz, A. T. (2004). Men's sexual coercion in intimate relationships: Development and initial validation of the Sexual Coercion in Intimate Relationships Scale. *Violence and Victims*, 19(5), 541-556. <https://doi.org/10.1891/vivi.19.5.541.63681>
- Sharpe, J. P., & Desai, S. (2001). The revised Neo Personality Inventory and the MMPI-2 Psychopathology Five in the prediction of aggression. *Personality and Individual Differences*, 31(4), 505-518. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(00\)00155-0](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(00)00155-0)
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised conflict tactics scales (CTS2) development and preliminary psychometric data. *Journal of family issues*, 17(3), 283-316. <https://doi.org/10.1177/019251396017003001>
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by males and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10, 790-811. <https://doi.org/10.1177/1077801204265552>
- Struckman-Johnson, C., Struckman-Johnson, D., & Anderson, P. B. (2003). Tactics of sexual coercion: When men and women won't take no for an answer. *Journal of sex research*, 40(1), 76-86. <https://doi.org/10.1080/00224490309552168>
- Tedeschi, J. T., & Felson, R. B. (1994). *Violence, aggression, and coercive actions*. Washington, American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10160-000>
- Testa, M., & Dermen, K. H. (1999). The differential correlates of sexual coercion and rape. *Journal of Interpersonal Violence*, 14(5), 548-561. <https://doi.org/10.1177/088626099014005006>
- Tjaden, P. G., & Thoennes, N. (2000). *Extent, nature, and consequences of intimate partner violence*.
- Tremblay, P. F., Mihic, L., Graham, K., & Jelley, J. (2007). Role of motivation to respond to provocation, the social environment, and trait aggression in alcohol-related aggression. *Aggressive Behavior*, 33(5), 389-411. <https://doi.org/10.1002/ab.20193>
- Ulloa, E. C., Hammett, J. F., O'Neal, D. N., Lydston, E. E., & Aramburo, L. F. L. (2016). The

- big five personality traits and intimate partner violence: Findings from a large, nationally representative sample. *Violence and victims*, 31(6), 1100-1115. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D15-00055>
- VanderLaan, D. P., & Vasey, P. L. (2009). Patterns of sexual coercion in heterosexual and non-heterosexual men and women. *Archives of Sexual behavior*, 38(6), 987-999. <https://doi.org/10.1007/s10508-009-9480-z>
- Veríssimo, C. M. F., de Campos Silva, T. M., Ferreira, R. M. F. J. P., Felizardo, H. M. M., Paiva, L. A. R., Tavares, J. R. M., ... & Soares, S. F. A. (2010). Prevalência dos comportamentos de perpetração e/ou vitimização nas relações de intimidade nos estudantes de enfermagem. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(1), 525-534.
- Waldner-Haugrud, L. K., & Magruder, B. (1995). Male and female sexual victimization in dating relationships: Gender differences in coercion techniques and outcomes. *Violence and Victims*, 10(3), 203-215.
- Wiederman, M. W., & Whitley Jr, B. E. (Eds.). (2012). *Handbook for conducting research on human sexuality*. Psychology Press.
- Organização Mundial da Saúde. (2012). Understanding and addressing violence against women: Sexual Violence. World Health Organization. Disponível em: [www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/violence/global\\_campaign/en/chap6.pdf](http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/global_campaign/en/chap6.pdf)  
Acesso em março de 2019.
- Zillmann, D., Katcher, A. H., & Milavsky, B. (1972). Excitation transfer from physical exercise to subsequent aggressive behavior. *Journal of Experimental Social Psychology*, 8(3), 247-259. [https://doi.org/10.1016/S0022-1031\(72\)80005-2](https://doi.org/10.1016/S0022-1031(72)80005-2)
- Zillmann, D. (1983). Arousal and aggression. *Aggression: Theoretical and empirical reviews*, 1, 75-102.
- Zillmann, D. (1983). Arousal and aggression. In R. Geen & E. Donnerstein (Eds.), *Aggression: Theoretical and empirical reviews*. (Vol. 1, 75-102). New York: Academic Press.
- Zillmann, D. (1988). Cognition-excitation interdependencies in aggressive behavior. *Aggressive Behavior*, 14(1), 51-64. [https://doi.org/10.1002/1098-2337\(1988\)14:1<51::AID-AB2480140107>3.0.CO;2-C](https://doi.org/10.1002/1098-2337(1988)14:1<51::AID-AB2480140107>3.0.CO;2-C)

## **Anexos**

---

## **Anexo A**

### *Tabela de revisão dos instrumentos utilizados*

---

Escala	Autores	O que avalia
<b>Experiences Survey (SES)</b>	Koss & Oros, (1982)	Avalia a vitimização e a perpetração de atos sexuais indesejados, incluindo a violação.
<b>Sexual coercion in intimate relationships scale (SCIRS)</b>	Schakelford, T. K., & Goetz, A. T. (2004)	Pretende avaliar a dinâmica da coerção sexual nos relacionamentos íntimos. Debruça-se três dimensões: Recurso a violência ou manipulação, recurso à manipulação e o recurso a ameaças de abandono
<b>Sexual Agression and Vitimization Scale (SAV-S)</b>	Schuster et al. (2016)	<p>Fornece uma descrição detalhada da avaliação da vitimização e perpetração das agressões sexuais.</p> <p>Inclui três estratégias:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Uso ou ameaça da força física</li> <li>2. Utilização da vulnerabilidade da vítima (não resiste)</li> <li>3. Uso de pressão verbal</li> </ol> <p>É dividida em três tipos de relações das vítimas com o perpetrador:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ex-parceiro ou parceiro atual</li> <li>• Amigo ou conhecido</li> <li>• Desconhecido</li> </ul> <p>Quatro tipos de atos sexuais:</p>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Toque sexual</li> <li>• Tentativa de penetração</li> <li>• Relação sexual completa</li> <li>• Outras atividades sexuais (oral)</li> </ul>
<b>Sexual Coercion Inventory (SCI)</b>	French et al. (2017)	<p>Foi desenvolvido com itens comportamentais específicos para avaliar táticas de coerção verbal e manipulação.</p> <p>Composto por 14 itens e mede a vitimização sexual através de táticas incluindo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pressão verbal</li> <li>• Manipulação</li> <li>• Disseminação de rumores</li> <li>• Culpa</li> <li>• Saídas de bloqueio</li> <li>• Excitação sexual</li> <li>• Intoxicação</li> <li>• Força ameaçada</li> <li>• Força infligida</li> </ul>

		<p>Os participantes são solicitados a indicar se uma tática sexualmente coercitiva foi experimentada e o comportamento sexual resultado</p> <p>Por exemplo: Beijar, tocar nos seios, tocar nos genitais, relação vaginal/oral/anal ou se não aconteceu.</p>
<p><b>Revised Conflict Tactics Scale (CTS2)</b></p>	<p>Straus et al. (1996)</p>	<p>Avalia em que medida os parceiros (em coabitação, namoro ou relação conjugal) realizam ataques físico e psicológicos um ao outro e a sua forma de lidar com esses conflitos.</p> <p>Avalia 5 dimensões:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Negociação</li> <li>• Agressão psicológica</li> <li>• Coerção sexual</li> <li>• Abuso físico sem sequelas</li> <li>• Abuso físico com sequelas</li> </ul>
<p><b>Sexual Situation Questionnaire (SSQ)</b></p>	<p>O'Sullivan &amp; Byers, (1993)</p>	<p>Avalia o comportamento durante as interações sociais acerca do nível de intimidade que desejam.</p>

		<p>Avalia ainda comportamentos coercivos e não coercivos utilizados para influenciar uma pessoa a continuar uma atividade sexual.</p> <p>Acerca da interação:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Registos diários acerca da atividade sexual, se estiveram num encontro, se o encontro envolveu sexo e qual foi o nível desejado de atividade sexual.</li> </ul>
<b>Acceptance of Dating Violence (ADV)</b>	Foshee et al. (1998)	<p>Utilizam uma medida de aceitação/justificação da violência física e sexual. Onde tentam testar a crença das pessoas em assumirem que certos comportamentos podem ser aceitáveis se forem justificáveis.</p>
<b>Attraction to Sexual Aggression (ASA)</b>	Malamuth (1989)	<p>Esta escala identifica quem está mais ou menos inibido/desinibido para realizar comportamentos coercivos ou violações. Identifica ainda indivíduos que consideram comportamentos sexuais agressivos excitantes e como sendo uma experiência atrativa.</p> <p>Numa primeira parte avalia atos sexuais e violentos onde é perguntado ao paciente: “Se tivesse a certeza que ninguém saberia e que não poderias ser punido qual a probabilidade de experimentar os seguintes atos?” sexo anal, orgias, homossexualidade, assalto à mão armada, bondage, bater e espancar, violar, sexo forçado, assassinar, vestir-se de travesti, pedofilia.</p>

<b>Multidimensional Sexual Coercion Questionnaire (MSCQ)</b>	Cohen e Tamborra (2015)	Inclui táticas físicas para obter sexo bem como contatos sexuais forçados, mas sem incluir a penetração. Os itens da escala incluíam experiência sexual dos parceiros, controlo sobre os aspetos não sexuais dos parceiros, compromisso, aceitabilidade das táticas de pressão sociais, chantagem por parte do parceiro.

## **Anexo B**

### *Consentimento informado*

---

## Questionário sobre relações íntimas – consentimento informado

Este questionário insere-se no contexto do mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde, integrado no desenvolvimento de dois projetos de dissertação na área dos relacionamentos íntimos, supervisionados pela Prof. Doutora Alexandra Gomes.

De momento, estamos a realizar um pré-teste que nos permita identificar quais os itens que devem ser retidos num instrumento relacionado com a ocorrência de situações de coerção sexual entre parceiros íntimos.

A participação neste estudo é voluntária. Em qualquer momento poderão desistir de participar, bastando para tal referir esse facto ao investigador responsável.

Os dados são totalmente anónimos e confidenciais e serão tratados de forma global, sem qualquer identificação dos respondentes.

Este questionário destina-se indivíduos de nacionalidade portuguesa ou, não o sendo, àquela cuja primeira língua seja o Português e que tenham crescido na cultura portuguesa e que sejam maiores de idade ou que já estejam emancipados.

Agradecemos, desde já, a sua participação.

*Declaro que compreendi o objetivo do estudo, percebo os meus direitos e pretendo participar neste estudo, de forma voluntária.*

---

(Assinatura)

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

## **Anexo C**

### *Questões Sociodemográficas*

---

## Questões sociodemográficas

*As seguintes questões servem apenas para caracterização genérica da amostra.*

Idade: \_\_\_\_\_

Homem

Mulher

Quantos anos de escolaridade possui? \_\_\_\_\_

Estado civil (assinale com uma cruz uma opção):

Solteiro(a)

Casado(a) ou em união de facto

Separado(a) ou divorciado(a)

Viúvo(a)

Região de Portugal de origem/residência oficial (assinale com uma cruz uma opção):

Algarve

Alentejo

Estremadura, Ribatejo (incluindo Zona da Grande Lisboa)

Beira Interior

Beira Litoral

Douro e Minho (incluindo zona do Grande Porto)

Trás-os-Montes e Alto Douro

Zonas autónomas (Madeira e Açores)

Situação profissional (assinale com uma cruz uma opção):

Estudante a tempo inteiro

Trabalhador-estudante

Trabalhador por conta de outro

Trabalhador por conta própria

Desempregado/Procura primeiro emprego

Alguma vez consultou um neurologista?

Sim  Não

Se respondeu sim, refira o motivo:

---

–

Alguma vez consultou um psicólogo?

Sim  Não

Se respondeu sim, refira o motivo:

---

–

Alguma vez consultou um psiquiatra?

Sim  Não

Se respondeu sim, refira o motivo:

---

–

Tomou ou toma medicação psiquiátrica?

Sim  Não

Se respondeu sim, refira o motivo:

---

–

Alguma vez se viu envolvido em algum acidente grave?

Sim  Não

## **Anexo D**

### *Descrição do Questionário Precursor de Relações Sexuais*

---

## **Questionário Precursor de Relações Sexuais**

Em seguida, vão ser apresentados vários cenários possíveis precursores de relações sexuais entre duas pessoas. Para cada cenário, deverá ponderar se a situação (idêntica ou similar) já aconteceu consigo, qual o seu papel na situação e como foi o desfecho da mesma.

Caso nunca tenha acontecido consigo, por favor, assinale qual é que considera que seria o seu papel e de que forma acha que acabaria a situação, de forma hipotética. Deverá realizar o mesmo exercício em cada um dos cenários apresentados.

No total são 27 cenários.

## CENÁRIO 1

Dois jovens encontram-se num restaurante/bar para um primeiro encontro, sozinhos. Um deles (elemento 1) toma a iniciativa de pagar a despesa que está a ser feita.

Ao longo da noite, essa mesma pessoa pressiona para ser sempre ele/ela a pagar a despesa e vai sempre oferecendo novas bebidas a quem está com ele.

Apesar de o outro elemento (2) mostrar, de várias formas, desagrado perante a situação, não consegue impedi-lo de não o fazer. Quando a noite termina, e depois de terem ido até casa de um deles, o primeiro elemento insiste em entrar em casa do outro, pressionando a situação.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1.

Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

Apesar da insistência, nada acontece e cada um segue o seu caminho.

Acabam por entrar na mesma casa e os avanços sexuais resultam por vontade de ambos.

Acabam por entrar e envolverem-se sexualmente, porque o elemento 2, apesar de desagrado, não consegue impedir o elemento 1 de o fazer.

O elemento 1 impõe-se e força a sua entrada bem como as relações sexuais.

## CENÁRIO 2

Um casal numa relação estável e monogâmica tem por hábito oferecer prendas, regularmente. No entanto, o elemento 1, sempre que oferece prendas ao elemento 2 parece sugerir, em seguida, que uma forma de mostrar o seu agradecimento é através de favores sexuais.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 2 recusa-se a ter relações sexuais como pagamento.
- Há relações sexuais com maior facilidade, mas porque há gosto em fazê-lo: as situações não estão relacionadas.
- Há relações sexuais, porque o elemento 2 se sente obrigado a isso.
- O elemento 1 insiste e força o elemento 2 a ter relações sexuais, contra a sua vontade.

### CENÁRIO 3

Numa relação há um dos elementos que, sem aviso prévio, resolve fazer um grande gesto romântico. O elemento 2 é surpreendido e percebe que esse gesto foi realizado também com a intenção de precipitar a ocorrência de relações sexuais entre o casal.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 2 recusa-se a ter relações sexuais como forma de pagamento do gesto romântico.
- Há relações sexuais, mas não está relacionado com a existência do gesto romântico.
- O elemento 2 acede a ter relações sexuais por causa do gesto romântico.
- O elemento 1 força o elemento 2 a ter relações sexuais por causa do gesto.

#### CENÁRIO 4

Um casal decide fazer um programa simples de sábado à noite e ficam por casa a ver um filme, na televisão. Durante o filme, o elemento 1 começa a procurar o elemento 2, acariciando a perna, beijando o pescoço e dando a entender, subtilmente, que está com vontade de ter relações sexuais.

O elemento 2 tenta desviar as investidas do elemento 2, que se vão tornando mais claras e persistentes, com toques mais próximos, mais acesos e em locais mais erógenos.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- Apesar das tentativas do elemento 1, o elemento 2 recusa-se a ter sexo.
- As tentativas resultam e acabam por fazer sexo, por vontade de ambos.
- As tentativas resultam e acabam por fazer sexo, apesar do elemento 2 não querer.
- O elemento 1 força, deliberadamente, o elemento 2 a ter sexo com ele.

## CENÁRIO 5

Após um breve encontro numa situação social comum, como uma festa, dois jovens começam a conhecer-se melhor e acabam por se envolver romanticamente. Após alguns dias de saídas a dois, o elemento 1 convida o elemento 2 para passar por sua casa. Já em casa, o elemento 1 faz avanços claros no sentido de terem relações sexuais, despindo-se, tentado que o elemento 2 faça o mesmo, apesar do desconforto do segundo.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 2 recusa-se a ter sexo e nada acontece.
- O elemento 2 ultrapassa o desconforto e acede a ter relações sexuais.
- Mesmo não querendo, o elemento 2 acaba por aceder à pressão do elemento 1.
- O elemento 2 recusa-se e como tal, o elemento 1 força a relação sexual.

## CENÁRIO 6

Após um jantar normal entre amigos, o elemento 1 disponibilizou-se para deixar o outro elemento à porta de casa (elemento 2). Durante o percurso, a pé, o elemento 1 colocou o braço à volta do elemento 2, procurando sempre puxá-lo para próximo de si.

No momento da despedida, o elemento 1 pediu um beijo de despedida, ao que o elemento 2 respondeu que era melhor não. O elemento 2 despediu-se e dirigiu-se à porta de casa, mas nesse momento o elemento 1 acabou por abraçar, novamente, o elemento 2.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1.

Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

O elemento 2 desembaraça-se do abraço e entra em casa.

Após o abraço, o elemento 1 beija o elemento 2, que acaba por retribuir o beijo.

Após o abraço, o elemento 1 beija o elemento 2, que não retribui o gesto.

O elemento 1 força o beijo, contra a clara vontade do elemento 2.

## CENÁRIO 7

Num grupo de amigos, há um elemento que é sempre mais descontraído. Certo dia, ao chegar a um encontro entre todos, o elemento 1 aproxima-se do elemento 2, e apalpa-o descontraidamente, rindo-se em seguida. Posteriormente, abraça o elemento 2 e tenta beijá-lo no rosto. Quando o elemento 2 decide ir embora, oferece-se para ir também, com o pretexto de apanhar boleia. Já no caminho, tenta novamente tocar na perna do elemento 2.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 2 não reage aos avanços do elemento 1 e nada acontece.
- O elemento 2 reage aos avanços do elemento 1 e acabam por se envolver.
- O elemento 2, mesmo contra a sua vontade, cede aos avanços do elemento 1.
- O elemento 1 força o elemento 2 a beijá-lo, mesmo contra a sua vontade expressa.

## CENÁRIO 8

Um jovem (elemento 1) foi ao cinema com o seu grupo de amigos. Um dos seus amigos (elemento 2), no final do filme ofereceu-se para o levar a casa de carro. Quando o elemento 1, chegou à porta de casa, e se ia despedir do seu amigo, este tenta beijá-lo/a e tocar-lhe nas partes íntimas.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 1 rejeita os avanços e nada acontece entre eles.
- Os avanços resultam com desejo expresso de ambos.
- O elemento 2 resigna-se e mesmo sem vontade, acede aos desejos do parceiro.
- O elemento 1 força a situação com o elemento 2, mesmo sem o seu consentimento e contra sua vontade.

## CENÁRIO 9

Dois jovens encontram-se na praia para relaxar. Sentados na toalha de praia a conversar, o elemento 1 começa a agarrar por trás o elemento 2 e a beijar-lhe o pescoço ao mesmo tempo que lhe massajava o peito. O elemento 2 pede-lhe para parar, que não estava com vontade e que tinha de respeitar. Mas o elemento 1 não parou e continuou insistentemente a acariciar e a beijar o elemento 2.

O elemento 1 começa a despir a roupa do elemento 2 e a tocar-lhe nas partes íntimas.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 2 recusa os avanços e nada acontece entre ambos.
- O elemento 2 deixa-se levar pelos avanços e acaba por envolver-se com o elemento 1, de forma consentida.
- Os avanços resultam e, apesar do elemento 2 não querer, acaba por não dizer que não quer, aceitando a situação.
- O elemento 1 força o elemento 2 contra sua vontade.

## CENÁRIO 10

Após algum tempo de namoro, um casal pondera começar a ter relações sexuais. O elemento 2 parece estar com mais vontade que o elemento 1, portanto, planeia uma situação romântica para precipitar a situação. No dia, o elemento 1 recusa-se a ter sexo e o elemento 2 segura-o com força, procurando constranger os movimentos do elemento 1.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- Apesar do uso da força, o elemento 1 recusa-se a ter sexo e nada acontece.
- O elemento 1 acaba por reconsiderar e acabam por ter relações, de forma consentida.
- O casal acaba por ter sexo, apesar do elemento 1 não querer.
- O elemento 2 força sexualmente o elemento 1 contra sua vontade, mesmo depois de este dizer expressamente que não.

## CENÁRIO 11

Um casal encontra-se em casa, deitados no sofá, sozinhos. O elemento 1 insinua que está com vontade de ter relações sexuais, convite que o elemento 2 rejeita. Apesar de ter aceite a resposta, o elemento 1 continuou a mostrar ao elemento 2 que estava com vontade. Quando o elemento 2 deu conta, o elemento 1 estava em cima de si, a usar o peso do corpo para que este não pudesse fugir aos seus avanços.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- Apesar do uso da força, o elemento 1 recusa-se a ter sexo e nada acontece.
- O elemento 1 acaba por reconsiderar e acabam por ter relações, de forma consentida.
- O casal acaba por ter sexo por resignação do elemento 1.
- O elemento 2 força sexualmente o elemento 1 contra sua vontade, mesmo depois de este dizer expressamente que não.

## CENÁRIO 12

Um casal dorme junto. A meio da noite, o elemento 1 sente que o elemento 2 lhe estimula os genitais e força a penetração.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 1 acorda e recusa-se a ter sexo e nada acontece.
- O elemento 1 permite a situação e acabam por ter sexo de forma consentida.
- O elemento 1 deixa-se levar, mesmo sem vontade, tendo relações sexuais.
- O elemento 2 força sexualmente o elemento 1 contra sua vontade, mesmo depois de este dizer expressamente que não.

### CENÁRIO 13

Um dos elementos de um casal, após utilizar algumas drogas recreativas, decide deitar-se e descontraír. Quando se apercebe, o elemento 2 está ao seu lado, a tentar estimulá-lo sexualmente, para que tenham relações sexuais.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 1 recusa-se a ter sexo e nada acontece.
- O elemento 1 consente a relação sexual.
- O elemento 1 decide não contrariar a vontade do elemento 2 e acede, mesmo sem estar com vontade.
- O elemento 2 força sexualmente o elemento 1 contra sua vontade, mesmo depois de este dizer expressamente que não.

#### CENÁRIO 14

Um jovem, por se encontrar doente, toma medicação forte que o deixa letárgico. Após a toma, deita-se a descansar à espera que o efeito passe. O elemento 2 aproveita a situação, para se deitar ao seu lado. Quando o elemento 1 se apercebe, o elemento 2 já estava a tentar estimulá-lo sexualmente para que a penetração ocorra.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 1 recusa-se a ter sexo e nada acontece.
- O elemento 1 permite a situação e acabam por ter sexo de forma consentida.
- O casal acaba por ter sexo, sem que o elemento 1 chegue a poder afirmar a sua vontade.
- O elemento 2 força sexualmente o elemento 1 contra sua vontade, mesmo depois de este dizer expressamente que não.

### CENÁRIO 15

Após uma festa, com excesso de consumo de álcool, dois jovens envolvidos romanticamente, chegam a casa. O elemento 1 procura então forçar o elemento 2 a ter relações sexuais, apesar do estado alterado de consciência de ambos.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 2 recusa-se a ter sexo e nada acontece.
- O elemento 2 consente a relação sexual livremente.
- O elemento 2 aceita ter relações sexuais sem vontade, para satisfazer o parceiro.
- O elemento 1 força sexualmente o elemento 2 contra sua vontade, mesmo depois de este dizer expressamente que não.

## CENÁRIO 16

Dois jovens começam a namorar mais a sério e, por causa disso, o elemento 1 tenta avançar sexualmente. O elemento 2 ainda não sente que esteja na altura de o fazer. Após uma recusa, o elemento 1 sugere ao elemento 2 que talvez tenha que usar a sua força física para o obrigar a ter sexo.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 2 não cede e não há relações sexuais.
- Apesar da recusa inicial, acabam por ter sexo de forma consentida por vontade de ambos.
- O elemento 2 decide permite a relação sexual para evitar o confronto.
- O elemento 2 recusa-se e o elemento 1 força-o sexualmente.

### CENÁRIO 17

Um casal monogâmico e numa relação estável, está em casa num clima conflituoso. O casal tinha tido um desentendimento pois o elemento 1 tentou ter relações sexuais com o elemento 2, mas este não estava com vontade. Após alguma insistência, o elemento 1 sugere que irá terminar a relação caso não tenham sexo.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- Não há relação sexual.
- O elemento 2 não liga à ameaça, mas acaba por consentir e têm sexo nesse dia.
- O elemento 2 reage à ameaça e acaba por consentir o sexo.
- O elemento 1 acaba mesmo por forçar sexualmente o elemento 2.

## CENÁRIO 18

Dois jovens que estavam numa relação recente e pouco estável têm um desentendimento porque o elemento 1 queria ter relações sexuais, enquanto o elemento 2 dizia não querer. O elemento 1 continuava sempre a demonstrar o seu desejo em avançar sexualmente e um dia, farto da situação, disse ao elemento 2 que se não tivesse relações sexuais, ia terminar tudo.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 2 recusa-se a ter sexo e nada acontece.
- O elemento 2 não liga à ameaça, mas acaba por consentir e têm sexo nesse dia.
- O elemento 2 reage à ameaça e acaba por consentir o sexo.
- O elemento 1 acaba mesmo por forçar sexualmente o elemento 2.

## CENÁRIO 19

Um casal recente procura o momento ideal para se iniciar sexualmente. Enquanto o elemento 1 quer esperar, o elemento 2 acha que já se conhecem suficientemente bem. Após mais alguns argumentos, o elemento 2 diz que todos os outros fazem, não percebe porque o elemento 1 se recusa a tal e que talvez devesse pensar nisso.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 2 recusa-se a ter sexo e nada acontece.
- O elemento 2 não liga à ameaça, mas acaba por consentir e têm sexo nesse dia.
- O elemento 2 resigna-se e tem relações, mesmo contra a sua vontade inicial.
- O elemento 1 acaba mesmo por forçar sexualmente o elemento 2.

## CENÁRIO 20

Um casal de jovens decidiu que deveria ir jantar fora. O elemento 1 durante o jantar mostra o seu interesse em depois do jantar vir a ter relações sexuais e experimentar algumas fantasias novas. Depois do jantar, o casal vai para casa do elemento 2. O elemento 1 tenta convencer o elemento 2 a realizar as suas fantasias, mas o elemento 2 não quer. Durante a discussão o elemento 1 refere “o meu parceiro anterior fazia e tu não fazes!”.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 2 recusa-se a ter sexo e nada acontece.
- O elemento 2 não liga à ameaça, mas acaba por consentir e têm sexo nesse dia.
- O elemento 2 reage à ameaça e acaba por consentir o sexo.
- O elemento 1 acaba mesmo por forçar sexualmente o elemento 2.

## CENÁRIO 21

Um casal de jovens, mantinha uma relação sem compromisso, mas exclusiva há algum tempo. O casal tinha relações sexuais com frequência, mas com proteção (preservativo). A certa altura um dos elementos do casal (elemento 1) refere que não quer mais usar preservativo nas relações. O elemento 2 não concorda. Após mais alguma discussão, o elemento 1 diz ao elemento 2: se não fazes é porque não me amas de verdade.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 2 recusa-se a ter sexo sem preservativo e nada acontece.
- O elemento 2 repensa a situação e decide que pode arriscar, tendo sexo desprotegido nesse dia.
- O elemento 2 resigna-se ao argumento e, mesmo contra a sua vontade, desiste de usar o preservativo.
- Durante as relações sexuais o elemento retira o preservativo sem o consentimento do elemento 2.

## CENÁRIO 22

Num casal, numa relação estável e monogâmica, o elemento 1 demonstra o seu interesse em receber carícias íntimas, mas o elemento 2 não se mostra disponível para tal, quando este lhe pede. O elemento 1 argumenta com o parceiro que “se me amas tens que fazer”.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 2 recusa-se a ter sexo e nada acontece.
- O elemento 2 não liga à afirmação, mas acaba por consentir e têm sexo nesse dia.
- O elemento 2 reage à afirmação e acaba por consentir o sexo.
- O elemento 1 acaba mesmo por forçar sexualmente o elemento 2.

### CENÁRIO 23

Um casal de jovens encontrava-se numa relação estável e monogâmica. O elemento 1 pediu ao elemento 2 para lhe enviar fotos de cariz sexual, mas o elemento 2 estava um pouco reticente em relação ao envio das fotos. O elemento 1 fica um pouco aborrecido e diz ao elemento 2 “se não me envias as fotos é porque não confias em mim”.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 2 recusa-se a enviar as fotos e o assunto termina ali.
- O elemento 2 decide tirar as fotos e enviar, por achar que até poderá ser interessante para o casal.
- O elemento 2 reage à afirmação e acaba por enviar as fotos.
- O elemento 1, quando tem a oportunidade, tira as fotos do elemento 2, mesmo contra a sua vontade.

## CENÁRIO 24

Num casal de jovens, numa relação estável e duradoura, um dos elementos do casal (elemento 1) chateou-se com o seu parceiro porque estava insatisfeito com a vida sexual. O elemento 1 referia continuamente que não faziam tantas vezes como um casal normal de jovens, que deveriam fazer mais vezes e que era obrigação do seu parceiro satisfazê-lo sempre que este desejasse.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 2 recusa-se a ter sexo e nada acontece.
- O elemento 2 não liga à afirmação, mas acaba por consentir e têm sexo nesse dia.
- O elemento 2 reage à afirmação e acaba por consentir o sexo.
- O elemento 1 acaba mesmo por forçar sexualmente o elemento 2.

## CENÁRIO 25

Um casal encontrava-se numa relação estável e duradoura. Passavam tempo juntos com frequência e mantinham relações sexuais regularmente. A certa altura um dos elementos do casal (elemento 1), deixou de querer ter relações sexuais com tanta frequência. Num dia, em que o elemento 2 insistia em ter relações sexuais, afirmou: “se não fazes é porque me estás a traír”.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 1 recusa-se a ter sexo e nada acontece.
- O elemento 1 não liga à afirmação, mas acaba por consentir e têm sexo nesse dia.
- O elemento 1 reage à afirmação e acaba por consentir o sexo.
- O elemento 2 acaba mesmo por forçar sexualmente o elemento 1.

## CENÁRIO 26

Um casal encontrava-se numa relação estável e duradoura e, numa experiência sexual, resolveram fazer alguns filmes de ambos. Num dia em que o elemento 1 se sentia menos bem, e não estava com vontade de ter relações sexuais, o elemento 2 sugeriu que iria divulgar os vídeos, caso se recusasse fazer o que esse elemento queria.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 1 recusa-se a ter sexo e nada acontece.
- O elemento 1 não liga à afirmação, mas acaba por consentir e têm sexo nesse dia.
- O elemento 1 reage à afirmação e acaba por consentir o sexo.
- O elemento 2 acaba mesmo por forçar sexualmente o elemento 1.

### CENÁRIO 27

O elemento 1 procura o elemento 2 para ter sexo, depois de um dia de trabalho. O elemento 2 diz que não está com vontade. Após alguma insistência, o elemento 1 insinua que se o elemento 2 não quer, há mais quem queira ter sexo.

A. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

B. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1.
- Seria o elemento 2.

C. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

- O elemento 2 recusa-se a ter sexo e nada acontece.
- O elemento 2 não liga à ameaça, mas acaba por consentir e têm sexo nesse dia.
- O elemento 2 reage à ameaça e acaba por consentir o sexo.
- O elemento 1 acaba mesmo por forçar sexualmente o elemento 2.

O questionário termina aqui.

Caso tenha experienciado situações como as acima descritas, ou sinta que poderá estar a ser vítima de coerção sexual, procure ajuda. **Contacte a APAV através do 116006 ou através do site [infovitimias.pt](http://infovitimias.pt)**

Em qualquer momento, tem o direito de pedir ajuda.

Muito obrigada pela sua participação.

Qualquer questão, poderá entrar em contacto connosco,

Alexandra Gomes, [asgomes@ualg.pt](mailto:asgomes@ualg.pt)

Soraia Guerreiro, [a53075@ualg.pt](mailto:a53075@ualg.pt)

## **Anexo E**

*Descrição do questionário de agressividade Buss-perry (AQ;  
Simões 1993)*

---

## Questionário de Agressividade (AQ)

(Simões 1993)

Esta parte do questionário tem como objetivo estudar o comportamento humano e a gestão das emoções, avaliando de forma específica os aspetos que definem a agressividade. Não existem respostas certas ou erradas. Marca com uma cruz a resposta que mais se adequa à tua pessoa.

		Não tem nada a ver comigo	Pouco a ver comigo	Em grande parte, tem a ver comigo	Tem a ver comigo	Tudo a ver comigo
1	De vez em quando não consigo controlar a necessidade de bater noutra pessoa					
2	Se me provocarem bastante, posso bater noutra pessoa					
3	Se alguém me bate, respondo da mesma forma					
4	Costumo entrar em brigas mais vezes que a maioria das pessoas					
5	Se tiver que recorrer à violência para proteger os meus direitos, faço-o					
6	Há gente que me pressionou tanto, que chegámos a “vias de facto”					
7	Não consigo encontrar nenhuma boa razão para bater em alguém					
8.	Já ameacei pessoas que conheço					
9	Já fiquei tão zangado que parti coisas					
10	Quando não estou de acordo com os meus					

	amigos, digo-lhes abertamente					
11	Muitas vezes entro em desacordo com as pessoas					
12	Quando as pessoas me aborrecem, chego a dizer-lhes o que penso delas					
13	Não consigo deixar de discutir quando as pessoas discordam de mim					
14	Os meus amigos dizem que gosto de discutir					
15	Exalto-me facilmente, mas recupero rapidamente					
16	Quando fico frustrado(a), mostro a minha irritação					
17	Por vezes sinto-me um barril pronto a explodir					
18	Sou uma pessoa extremamente calma					
19	Às vezes perco o controlo sem razão especial					
20	Alguns dos meus amigos pensam que sou inoportuno (quezilento)					
21	Tenho dificuldades em controlar o meu feitio					
22	De vez em quando tenho muita inveja dos outros					
23	Por vezes sinto que a vida não me dá o suficiente					
24	As outras pessoas parecem ter sempre as melhores oportunidades					

25	Pergunto-me porque às vezes me sinto tão amargo(a) com as coisas					
26	Sei que “amigos” falam nas minhas costas					
27	Fico desconfiado(a) de estranhos muito amáveis					
28	Por vezes sinto que as pessoas se riem nas minhas costas					
29	Quando os outros são especialmente amáveis, pergunto-me o que quererão					

## **Anexo F**

*Descrição do instrumento Short Dark Tetrad (SD4; Martins et al., 2020)*

---

## **Inventário *Short Dark Tetrad* (SD4)**

(Martins et al., 2020)

Para a avaliação dos traços patológicos de personalidade será utilizada uma adaptação para língua portuguesa do *Short Dark Tetrad*, que está neste momento em curso (SD4, Martins et al., 2020). Este inventário é composto por trinta questões, às quais os participantes respondem com uma das cinco respostas possíveis (1 = discordo fortemente; 2 = discordo um pouco; 3 = nem discordo nem concordo; 4 = concordo pouco; 5 = concordo fortemente). Este inventário divide as perguntas em quatro dimensões de acordo com as características de cada traço da *Tetrad* (maquiavelismo, narcisismo, psicopatia e o sadismo).





## **Anexo G**

*Descrição do inventário dos cinco fatores de personalidade  
(NEO-FFI; Lima & Simões, 2000)*

---

## Inventário dos Cinco Fatores de Personalidade (*NEO-FFI*)

(Lima & Simões, 2000)

Leia cuidadosamente cada uma das afirmações que se seguem e assinale com uma cruz o que melhor representa a sua opinião. Responda a todas as questões

Discordo Fortemente 0	Discordo 1	Neutro 2	Concordo 3	Concordo Fortemente 4
--------------------------	---------------	-------------	---------------	--------------------------

	0	1	2	3	4
1. Não sou uma pessoa preocupada.					
2. Gosto de ter muita gente à minha volta.					
3. Não gosto de perder tempo a sonhar acordado(a).					
4. Tento ser delicado com todas as pessoas que encontro.					
5. Mantenho as minhas coisas limpas e em ordem.					
6. Sinto-me muitas vezes inferior às outras pessoas.					
7. Rio facilmente.					
8. Quando encontro uma maneira correta de fazer qualquer coisa não mudo mais.					
9. Frequentemente arranjo discussões com a minha família e colegas de trabalho.					
10. Sou bastante capaz de organizar o meu tempo de maneira a fazer as coisas dentro do prazo.					
11. Quando estou numa grande tensão sinto-me, às vezes, como se me estivessem a fazer em pedaços.					
12. Não me considero uma pessoa alegre.					
13. Fico admirado(a) com os modelos que encontro na arte e na natureza.					
14. Algumas pessoas pensam que sou invejoso(a) e egoísta.					
15. Não sou uma pessoa muito metódica (ordenada).					

16. Raramente me sinto só ou abatido(a).					
17. Gosto muito de fala com as outras pessoas.					
18. Acredito que deixar os alunos ouvir pessoas, com ideias discutíveis, só os pode confundir e desorientar.					
19. Preferia colaborar com as outras pessoas do que competir com elas.					
20. Tento realizar, conscienciosamente, todas as minhas obrigações.					
21. Muitas vezes sinto-me tenso(a) e enervado(a).					
22. Gosto de estar onde está a ação.					
23. A poesia pouco ou nada me diz.					
24. Tendo a ser descrente ou a duvidar das boas intenções dos outros.					
25. Tenho objetivos claros e faço por atingi-los de uma forma ordenada.					
26. Às vezes sinto-me completamente inútil.					
27. Normalmente prefiro fazer as coisas sozinho(a).					
28. Frequentemente experimento comidas novas e desconhecidas.					
29. Penso que a maior parte das pessoas abusa de nós, se as deixarmos.					
30. Perco muito tempo antes de me concentrar no trabalho.					
31. Raramente me sinto amedrontado(a) ou ansioso(a).					
32. Muitas vezes, sinto-me a rebentar de energia.					
33. Poucas vezes me dou conta da influência que diferentes ambientes produzem nas pessoas.					
34. A maioria das pessoas que conheço gostam de mim.					
35. Trabalho muito para conseguir o que quero.					

36. Muitas vezes aborrece-me a maneira como as pessoas me tratam.					
37. Sou uma pessoa alegre e bem-disposta.					
38. Acredito que devemos ter em conta a autoridade religiosa quando se trata de tomar decisões respeitantes à moral.					
39. Algumas pessoas consideram-me frio(a) e calculista.					
40. Quando assumo um compromisso podem sempre contar que eu o cumpra.					
41. Muitas vezes quando as coisas não me correm bem perco a coragem e tenho vontade de desistir.					
42. Não sou um(a) grande otimista.					
43. Às vezes ao ler poesia e ao olhar para uma obra de arte sinto um arrepio ou uma onda de emoção.					
44. Sou inflexível e duro(a) nas minhas atitudes.					
45. Às vezes não sou tão seguro(a) ou digno(a) de confiança como deveria ser.					
46. Raramente estou triste ou deprimido(a).					
47. A minha vida decorre a um ritmo rápido.					
48. Gosto pouco de me pronunciar sobre a natureza do universo e da condição humana.					
49. Geralmente procuro ser atencioso(a) e delicado(a).					
50. Sou uma pessoa aplicada, conseguindo sempre realizar o meu trabalho.					
51. Sinto-me, muitas vezes, desamparado(a), desejando que alguém resolva os meus problemas por mim.					
52. Sou uma pessoa muito ativa.					
53. Tenho uma curiosidade intelectual.					
54. Quando não gosto das pessoas faço-lhe saber.					
55. Parece que nunca consigo ser organizado(a).					

56. Já houve alturas em que fiquei tão envergonhado(a) que desejava meter-me num buraco.					
57. Prefiro tratar da minha vida a ser chefe das outras pessoas.					
58. Muitas vezes dá-me prazer brincar com teorias e ideias abstratas.					
59. Se for necessário não hesito em manipular as pessoas para conseguir aquilo que quero.					
60. Esforço-me por ser excelente em tudo o que faço.					